

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

AURORA ZAMORA MENDOZA

O uso de álcool na adolescência, uma expressão de
masculinidade

V. I

RIBEIRÃO PRETO
2004

AURORA ZAMORA MENDOZA

O Uso de álcool na adolescência, uma expressão de masculinidade

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade do São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Enfermagem Psiquiátrica. Vinculada à Linha de Pesquisa “Uso e Abuso de Álcool e Drogas”.

Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica

Orientador: Prof^a Dr^a Margarita Antonia Villar Luis

V. 1

Ribeirão Preto SP.

2004

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Documentação da Enfermagem
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Mendoza, Aurora Zamora

O uso de álcool na adolescência, uma expressão de masculinidade/Aurora Zamora Mendoza; orientador Margarita Antonia Villar Luis.

--Ribeirão Preto-SP, 2004
156 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica. Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

1. Adolescência. 2.Masculinidade. 3.Uso de álcool. 4. Identidade. 5.Machismo. I.Título.

DEDICATÓRIA

❖ Ao meu marido

O amor de minha vida, obrigada por seu carinho, por me apoiar em todas as tarefas empreendidas, por me dar força para seguir adiante, por todo seu apoio e confiança muito obrigada Salvador.

❖ Aos meus filhos:

Salvador, Alba e Omar que são como as estrelas, porque sempre iluminam meu céu e dão significado a minha vida.

❖ Aos meus pais: muito obrigada por todo seu carinho e por me ensinarem com seu exemplo a lutar pelos sonhos e valorizar o esforço pessoal e dos outros para obter as metas.

❖ Às minhas irmãs:

Por serem grandes amigas, por seu carinho, preocupação e apoio incondicional.

❖ Aos meus irmãos, familiares e amigos:

Em especial a Doroteo e Juanita.

Que sempre me incentivaram a seguir adiante.

A dona Rebeca minha sogra, por seu carinho e orações.

❖ Às minhas grandes amigas:

Lucila Cárdenas e Marisela Sánchez por serem minhas irmãs e por tudo o que aprendo com vocês.

AGRADECIMENTOS

À Deus que iluminou meus passos e permitiu que encontrasse pessoas para me ajudar e orientar neste processo de aprendizagem, obrigada Senhor.

Meu profundo agradecimento pelo apoio das pessoas e instituições que me deram esta grande oportunidade de conhecer outros horizontes.

❖ Ao PROMEP - Programa de Melhoramento ao Professorado, organismo que com seu apoio ajudou a minha formação e a de meus colegas para o crescimento da enfermagem no México.

❖ À Universidade Autônoma de Querétaro e a Ilustríssima Reitora pelo grande apoio conferido.

❖ À Universidade de Guanajuato e à Faculdade de Enfermagem de Celaya pela realização do convênio Internacional.

❖ À Universidade de São Paulo que nos acolheu nesse processo de formação.

❖ À Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto por nos dar oportunidade de tornar-nos doutores em enfermagem. E a seus professores pelos conhecimentos, carinho e compreensão.

❖ À Faculdade de Enfermagem da Universidade Autônoma do Querétaro, a todos os meus colegas que acreditaram em mim, por seu carinho e grande apoio.

❖ Aos docentes da banca examinadora pelas sugestões e grandes contribuições para melhorar este trabalho, muito obrigada.

❖ À professora Jesús Adriana Sánchez, por sua participação na obtenção dos dados, obrigada por seu apoio.

❖ Aos jovens por compartilhar comigo suas formas de pensar.

AGRADECIMENTO ESPECIAL PARA PESSOAS ESPECIAIS

❖ À Doutora Margarita Villar:

Por todo seu apoio e compreensão, meu eterno agradecimento e admiração por seu trabalho profissional, mais especialmente por ser uma pessoa sensível e compreensiva, que com seu ensino e orientação me levou pelo caminho para alcançar a meta, senão fosse por sua ajuda nunca a teria alcançado, obrigada por ser minha orientadora e minha amiga. Posso dizer que “Algumas pessoas chegam a nossas vidas e rapidamente nos damos conta de que isto acontece porque deve ser assim, para servir a um propósito, para nos ensinar uma lição, ou para descobrir quem somos na verdade e o que podemos fazer”. Obrigada por tudo e por me abrir às portas de sua casa.

❖ À Pilar meu agradecimento por sua ajuda, apoio e por me ensinar que muita gente entra e sai de nossa vida, mas só os amigos deixam rastro em nosso coração, obrigada por ser minha amiga e por tudo.

❖ Às professoras e amigas: Anita Bourdón, À Raquel, Charo, Chelo, Martha, Javier, Laura, Gaby, Alejandra, Carmelita, Tony, Lupita, Angeles e Deyanira, por seu apoio e por estar sempre comigo, obrigada a todos vocês.

APRESENTAÇÃO

Como professora da Faculdade de Enfermagem da Universidade Autônoma do Querétaro, México, tive a possibilidade de lidar com estudantes universitários e de escolas de ensino básico através da prática de saúde mental realizada em escolas. Essa experiência me permitiu conhecer algumas de suas atitudes e comportamentos, principalmente dos adolescentes. Minha participação em uma pesquisa realizada pela mesma Faculdade de Enfermagem (1999) consolidou meu interesse por essa faixa etária.

Nesta pesquisa, foram aplicados questionários a um grupo de 150 adolescentes com idade entre 12 e 15 anos. O objetivo desse estudo foi conhecer seus hábitos de saúde e a relação com o uso de drogas. Observou-se que, apesar de todo o trabalho e campanhas de sensibilização, as drogas continuam como um problema prioritário para essa faixa etária. Complementando este cenário, as crises sociais, culturais e econômicas do país tornam os adolescentes mais vulneráveis aos problemas relacionados à sua idade, considerando que acarretam dificuldades para sua adaptação social, pessoal, escolar e familiar. Esta conclusão foi decisiva para o direcionamento da minha pesquisa de doutorado.

No México assim como em outros países, a adolescência tradicionalmente é considerada um período crítico no desenvolvimento, uma etapa difícil caracterizada pela busca da identidade, por questionamentos das regras sociais, culturais, econômicas e familiares e, sobretudo pela reivindicação de maior liberdade. No cotidiano, não há teorias fáceis que ajudem a lidar com os adolescentes, nem explicações suficientes para compreender o seu comportamento. A adolescência constitui a entrada no crescimento definitivo, o caminho para o ser adulto. Os conflitos sobressaem no adolescente quando sua própria transformação se soma à de uma sociedade como a atual por si só ambivalente, em alguns casos flexível e

condescendente (principalmente com o sexo masculino) e em outros com exigências ou regras muito estritas, tornando o ambiente muito complexo em termos de perspectiva e aceitação de valores culturais.

Neste arcabouço, a proposta deste estudo consiste em analisar as atitudes e comportamentos de um grupo de jovens adolescentes masculinos, examinando a maneira como vão sedimentando as idéias e crenças sobre o que é ser homem e as formas de expressá-lo, além de conhecer o que e quem interfere neste processo e as relações estabelecidas com as pessoas no ambiente no transcurso da sua socialização.

RESUMO

ZAMORA, M.A. O uso do álcool entre adolescentes, uma expressão de masculinidade. 2004. 156 f. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Este estudo qualitativo propõe-se buscar o significado que os adolescentes atribuem aos termos e manifestações masculinos habituais em suas vidas, e também aos comportamentos e demonstrações de masculinidade. Portanto, o objetivo desta pesquisa é conhecer as percepções dos adolescentes com relação ao machismo e sua possível influência sociocultural nas formas de expressão da masculinidade que possam dar origem ao consumo de álcool. Foi adotado como referencial teórico-metodológico o Interacionismo Simbólico. Os dados obtidos mediante entrevistas semi-estruturadas, questionários e observação não-participante foram analisadas aplicando-se o método de análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que os adolescentes percebem uma mudança cultural, principalmente nos papéis sociais. Neste processo ocorrem transformações que modificam seus imaginários e dão novas direções a seus relacionamentos sociais. Os jovens percebem que o homem como mais seguro e digno de confiança em seu ambiente social, possuindo maior liberdade, além de privilégios como beber e fumar. Neste contexto, o ato de consumir álcool faz parte do processo de socialização do homem e parece ser aceito como componente integrante das expressões de masculinidade e da convivência entre amigos. O uso do álcool demonstra-se intimamente ligado com a masculinidade como parte da identidade do homem e das demonstrações de masculinidade. Fatores de risco que afetam o consumo dessa substância incluem o reforço grupal e o ato de beber como privilégio masculino e como uma forma de diversão e interação social. Nesta etapa difícil do desenvolvimento, pelo desejo de reafirmar sua independência, virilidade e liberdade para tomar decisões ou por querer imitar os adultos, os adolescentes podem ser iniciados no consumo de álcool.

Palavras-chave: Adolescente, Consumo de bebidas alcoólicas, Masculinidade, Interacionismo Simbólico.

RESUMEN

ZAMORA, M.A. El uso de alcohol en los adolescentes, una expresión de masculinidad. 2004. 156 h. Tesis (Doctorado) – Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo.

Este estudio cualitativo se propone buscar el significado que los adolescentes atribuyen a los términos y manifestaciones masculinos habituales en sus vidas, así como a los comportamientos y demostraciones de masculinidad. Por lo tanto, la finalidad de esta investigación es conocer las percepciones de los adolescentes respecto al machismo y su posible influencia sociocultural en las formas de expresión de la masculinidad que puedan dar origen al consumo de alcohol. Fue adoptado como referencial teórico-metodológico el Interaccionismo Simbólico. Los datos obtenidos mediante entrevistas semiestructuradas, cuestionarios y observación no participante fueron analizados aplicándose el método de análisis de contenido. Los resultados evidenciaron que los adolescentes perciben un cambio cultural, principalmente en los roles sociales. En este proceso ocurren transformaciones que modifican sus imaginarios y acarrear nuevas direcciones a sus relaciones sociales. Los jóvenes perciben al hombre como más seguro y digno de confianza en su entorno social, poseyendo mayor libertad, además de privilegios como tomar y fumar. En este contexto, el consumir alcohol hace parte del proceso de socialización del hombre y parece ser aceptado como componente integrante de las expresiones de masculinidad y de la convivencia entre amigos. El uso de alcohol se muestra íntimamente vinculado a la masculinidad como parte de la identidad del hombre y de las demostraciones de masculinidad. Factores de riesgo que inciden sobre el consumo de esa sustancia incluyen el refuerzo de los grupos y el tomar como privilegio masculino y como una forma de diversión e interacción social. En esta etapa difícil del desarrollo, sea por el deseo de reafirmar su independencia, virilidad y libertad en la toma de decisiones o por querer imitar a los adultos, los adolescentes pueden ser iniciados en el consumo de alcohol.

Palabras-clave: Adolescente, Consumo de bebidas alcohólicas, Masculinidad, Interaccionismo Simbólico.

ABSTRACT

ZAMORA, M.A. Alcohol consumption among adolescents, an expression of masculinity. 2004. 156 p. Doctoral Thesis – University of São Paulo at Ribeirão Preto College of Nursing.

This qualitative study intends to discover the meaning adolescents attribute to common terms and signs related to masculinity, as well as to behaviors and displays of virility. Thus, the aim of this research is to get to know how adolescents perceive *machismo* and the sociocultural influence it may exert on expressions of masculinity that could give rise to alcohol consumption. Symbolic Interactionism was adopted as a theoretical and methodological reference framework. Data were collected by means of semistructured interviews, questionnaires and non-participant observation and submitted to content analysis. As a result, it was evidenced that adolescents perceive the occurrence of cultural change, mainly with respect to social roles. This process entails transformations that modify their imageries and put their social relations on a new track. These young people perceive men as safer and more trustworthy in their social environments, with greater freedom and privileges such as drinking and smoking. In this context, alcohol consumption is part of the male socialization process and seems to be accepted as a component part of masculinity signs and contact with friends, being closely linked up with masculinity as a part of male identity and displays of virility. Risk factors affecting the use of this substance include reinforcement by the group and drinking as a male privilege and a form of diversion and social interaction. In this difficult stage of development, in an attempt to reaffirm their independence, virility and freedom for making decisions or to imitate adults, adolescents may be initiated into the consumption of alcohol.

Keywords: Adolescent, Alcohol drinking, Masculinity, Symbolic Interactionism.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
1. INTRODUÇÃO	01
1.1 Aspectos demográficos da adolescência	02
1.2 Aspectos culturais e situações na identificação de gênero	05
1.3 Características físicas e sociais da adolescência	13
1.4 Dados epidemiológicos sobre o uso de álcool e outras drogas	15
1.5 Objetivo	21
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO - METODOLÓGICA	23
2.1 Interacionismo simbólico	25
2.2 Trajetória da pesquisa	29
2.2.1 Descrição da região	31
2.2.2 Estudo piloto	33
2.2.3 Local da investigação	44
2.2.4 Tratamento dos dados	41
2.2.5 Procedimentos éticos	48
3. ANÁLISE DOS DADOS	51
4. DISCUSSÃO: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE	114
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	143
ANEXOS	150

1 INTRODUÇÃO

1.1 Aspectos demográficos da adolescência

A adolescência constitui um grupo populacional que no momento requer atenção específica em diferentes âmbitos, entre os quais a saúde. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Psiquiatria do México revela os seguintes fatos: o consumo de álcool ou maconha inicia-se na média aos 13 anos. 58,1% da população total consomem álcool; 40% mencionam o consumo de álcool e outras drogas no contexto familiar; o consumo de maconha corresponde a 3,2% e o de cocaína a 2,7%; 33% da população masculina e 14% da feminina iniciam sua vida sexual antes dos 17 anos; 4 em cada 100 adolescentes femininas mencionam a ocorrência de uma gravidez não planejada. (INP, 1997).

Embora determinados traços e necessidades de desenvolvimento sejam característicos de todos os adolescentes, alguns subgrupos dentro desta população demonstram necessidades ou vulnerabilidades específicas. Pesquisas recentes apontam para o fato que as necessidades de saúde dos homens, especialmente na adolescência, são mais urgentes do que se pensava. De fato, Rutter (1990) sugere que o gênero masculino é uma variável determinante de maior vulnerabilidade ao risco. Na América Latina e no Caribe, os efeitos dos problemas de saúde são 26% maiores para homens que para mulheres. Uma grande parte desta morbidade está vinculada com a construção social da masculinidade: acidentes de trânsito, homicídios, lesões e doenças cardiovasculares, freqüentemente relacionadas com o uso do álcool, estresse e estilos de vida. Estas tendências destacam a necessidade de se trabalhar com adolescentes do sexo masculino, já que muitos dos comportamentos que levam a estes problemas de saúde na idade adulta resultam de padrões aprendidos durante a infância e a adolescência (Kjeizer, 1995).

No mundo existe aproximadamente 1 bilhão de adolescentes com idade entre 10 e 19 anos. 85% deles vivem nos países em desenvolvimento (Montenegro, 1994).

No México, a população adolescente expressa como porcentagem da população total duplicou-se nos últimos 30 anos, passando de 11,4% em 1970 para 21,3% em 1999. Embora o crescimento natural da população tenha caído de 3,2 para 1,8% a.a., principalmente devido a uma importante diminuição da fecundidade, o rápido crescimento demográfico do passado resultou em uma distribuição etária notavelmente jovem, quer dizer, com uma elevada proporção de meninas e meninos adolescentes e jovens (Programa de ação adolescência, Secretária da Saúde do México, 2001).

Para fins operacionais do programa mexicano de saúde, os adolescentes como grupo da população que requer atenção à saúde foi caracterizado em dois grupos: adolescência precoce de 10 a 14 anos e adolescência tardia de 15 a 19 anos. Entre 2000 e 2020, o maior grupo populacional será o de 10 a 19 anos (Programa de ação adolescência, Secretária da Saúde do México, 2001).

De acordo com o Conselho Nacional de População do México (CONAPO), o caráter urbano dos jovens é bastante recente. Entre 1960 e 1995, sua distribuição no território passou por uma grande mudança, isto é, de um importante grupo rural (60%) para um grupo predominantemente urbano (74%).

Segundo estatísticas do Instituto Nacional de Estatística, Geografia e Informática do México (INEGI, 2000), aproximadamente 83% do total da população de adolescentes de 10 a 14 anos estão matriculados em alguma modalidade do Sistema Educativo Nacional Mexicano, enquanto os outros 17% nunca foram para a escola ou desistiram. Este fenômeno se agrava com o avanço pelos diferentes níveis escolares.

Dados revelam que 27% dos homens cursaram pelo menos um ano do colegial, mas somente 22% das mulheres alcançaram este nível. Estas disparidades refletem os obstáculos enfrentados pelas mulheres para alcançar as mesmas oportunidades educativas que os homens. Sendo a escolaridade um dos mecanismos mais importantes de mobilidade social, as diferenças educacionais persistentes reforçam as desigualdades econômicas e sociais entre homens e mulheres. Os altos níveis de pobreza e a falta de oportunidades econômicas nas zonas rurais constituem tanto a causa quanto a consequência do nível educacional da população nessas regiões. (Programa de ação adolescência, Secretária da Saúde, México, 2001).

Estatísticas (INEGI, 2000) demonstram a seguinte composição da população mexicana: 97.483.412 habitantes, 47.592.223 dos quais são homens e 49.891.159 mulheres. Na faixa etária de **10 a 14** anos, há 5.435.737 homens e 5.300.756 mulheres e, no grupo entre **15 e 19** anos, 4.909.648 homens e 5.082.487 mulheres.

O Estado do Querétaro conta com 1.404.306 habitantes, 680.966 dos quais são homens e 723.340 mulheres. O grupo de 10-19 anos constitui o maior grupo na população do estado, com 82.482 meninos e 81.592 meninas entre **10 e 14 anos**, e 73.825 homens e 79.081 mulheres entre **15 e 19 anos**. A grande maioria deles é estudante. Há registros de somente 2,00% de analfabetas nesta faixa etária e uma taxa de evasão escolar de 1,00% para o ensino **básico**, 9,10% para o ensino **médio** e 14,90% para o **colegial** (dados proporcionados pelo INEGI, 2001).

O grande peso demográfico dos jovens não é a única razão pela qual merecem atenção. Além das considerações de natureza quantitativa, há outras razões que fazem pensar que esta geração tem papel relevante no fortalecimento de uma nova cultura demográfica na população mexicana.

As diferenças acima descritas entre as áreas urbanas e rurais do México no que diz respeito aos níveis de atendimento escolar reproduzem-se nas taxas de participação na atividade econômica. Enquanto nas áreas rurais, o trabalho corresponde à única atividade para quase metade dos jovens (46,3%), esta proporção só chega a 39,1% nas urbanas. Em compensação, 29,0% dos jovens têm o estudo como única dedicação nas áreas urbanas, contra 16,6% nas rurais (INEGI, 2000).

Estes contrastes podem ser consequência da maior expansão das instituições educacionais e do mercado de trabalho nas zonas urbanas do país, assim como de diferenças na valorização da educação e do trabalho como componentes do projeto de vida entre os jovens rurais e urbanos, e nos papéis atribuídos às filhas e aos filhos nestes dois âmbitos.

1.2 Aspectos culturais na identificação de gênero

A partir da década de setenta e sob a liderança do movimento feminista, foram realizadas numerosas pesquisas sobre a problemática social representada pelas diferentes expectativas relacionadas aos papéis de gênero (masculinidade, feminilidade) na configuração da identidade e também nos modos específicos de adoecer. (Burín, 1990). São cada vez mais frequentes os transtornos relacionados com as condições de vida e as características de uma subjetividade construída com base nos padrões culturais vigentes na sociedade.

Para Kimmel (1992), a masculinidade constrói-se socialmente, variando de uma cultura à outra, dentro de uma mesma cultura ao longo do tempo, durante o curso de vida de qualquer homem, entre diferentes grupos de homens de acordo com a classe social, raça, grupo étnico e preferência sexual.

Montesinos (1995) comenta que as últimas décadas do século 20 foram marcadas por mudanças tão dinâmicas que, na prática, vivemos em um mundo diferente do que vivenciaram as gerações adultas dos anos sessenta e setenta, marcado por evoluções culturais de abrangência geral mas também específica e inclusive por uma forma diferente de vida diária. Hoje em dia está acima de qualquer dúvida que as relações sociais adquiriram um novo sentido, herdado da tradição cultural que instaurou as formas de interação entre homens e mulheres.

Os processos socioculturais que formam e moldam a identidade masculina foram modificando-se em uma cultura num processo em que alguns foram socializados e supostamente foi construída uma nova representação que faz com que os homens apareçam como indivíduos conscientes de um tempo social diferente. Portanto, as mudanças no plano cultural, na igualdade da mulher e no novo papel a ser desempenhado pelo homem tanto no trabalho como na família ou no casal reflete parcialmente o movimento feminista, conforme comentado por Romanelli (1986): “Os valores colocados pelo feminismo foram assimilados de forma diferenciada pelos diversos segmentos e pelos homens e mulheres”. O mesmo autor selecionou três instâncias para sua análise (indústria cultural, “psicologismo” e feminismo), nas quais se desenvolvem representações modernizantes sobre as condutas feminina e masculina, produzindo modelos para os membros de famílias de certas camadas da classe média, principalmente para a população jovem.

Estas mudanças culturais têm abrangência geral mas também específica, em que a identidade genérica fica apanhada entre o passado e o presente, entre valores antiquados e um mundo novo que envia mensagens simbólicas que pouco têm a ver com as práticas sociais de hoje.

Montesinos (1995) comenta que algumas mulheres sofrem com todas essas transformações sociais porque travam uma luta entre sua incapacidade para superar uma estrutura tradicional de valores e uma atitude masculina na prática concreta. Se este tipo de situação revela um certo grau de conflito na mulher, as condições atuais colocam os homens em uma posição talvez ainda mais difícil. Por um lado, o homem se viu deslocado por uma mulher que, ao mostrar-se contra a autoridade masculina, “invade” espaços cuidadosamente guardados por uma cultura “machista”.

Para Montesinos (1995), o primeiro conflito masculino diz respeito à questão da igualdade entre a mulher e o homem. Uma questão é o homem “aceitando” a mulher como seu igual no espaço familiar onde o casal compartilha ou não a reprodução do espaço privado. Outro conflito se refere à mesma aceitação no espaço social, cuja solução pode abranger desde uma posição moderada que essencialmente mantém as atitudes tanto femininas como masculinas e continua colocando o homem em condições de privilégio com relação à mulher, até um novo comportamento em que o próprio homem adota novas formas de participação no espaço familiar.

Esta alternativa significa uma reviravolta cultural a partir da qual o homem moderno expõe outras formas de relacionar-se com sua parceira e seus filhos, de acordo com Romanelli (1986), que comenta sobre a importância de se assinalar que a interrupção de modelos culturais diferenciados cria para essas famílias uma situação nova e ambígua. O fato de que os filhos, homens e mulheres, vejam o pai cumprindo funções que antes estavam socialmente destinadas ao gênero feminino estabelece uma situação de rompimento com a tradição, embora em alguns casos continua existindo uma sobrecarga para a mulher, que cuida do lar e da educação e criação dos filhos.

De acordo com Gilmore (1990), a masculinidade é "a forma aprovada de ser um homem adulto em uma determinada sociedade". Comenta que em certas condições ambientais, os ideais de masculinidade significam uma contribuição indispensável tanto à continuidade dos sistemas sociais como à integração psicológica do jovem adolescente em sua comunidade. Mas também que, no final das contas, os beneficiários de toda esta situação costumam ser mais freqüentemente as sociedades em geral do que os indivíduos específicos.

Em nossas sociedades, as características da masculinidade estabelecem a necessidade do homem adquirir certas características para "alcançar o ser homem". Por isso, Connell (1995) diz que a masculinidade espera que o homem "construa" sua identidade de "homem". As sociedades criam "uma imagem da masculinidade que é exclusiva ou excludente, por meio de sanções culturais, rituais ou provas de habilidade e força". Além disso, esse autor, refere ainda, que parte dessa sanção ocorre por meio de dois mecanismos: identificação e diferenciação. A diferenciação constitui a chave para o desenvolvimento da masculinidade, pois o homem desde pequeno aprende a "ser diferente" da pessoa com quem tem mais contato, isto é, sua mãe. O jovem alcança esta diferenciação afastando-se das características nutritivas, sensíveis, emocionais, cooperativas, demonstrativas e suaves que vê em sua mãe para adotar as características masculinas de competência, desconfiança, afastamento, rudeza, individualidade e dominação.

A aprendizagem dos meninos com relação à masculinidade começa cedo. Ao longo do seu desenvolvimento, gradualmente tornam-se homens. Nesse processo, quando chegam à adolescência, suas idéias a respeito da masculinidade já estão fortalecidas. Agem como fatores complicadores mudanças ocorridas na sociedade atual e, em certos casos, a falta ou desempenho deficiente de um dos pais.

Hoje em dia, pai e filho compartilham períodos de tempo muito curtos, usualmente depois de um árduo dia de trabalho e com o pai em estado de esgotamento. De acordo com Herrera (1997), a esta situação se juntam em alguns casos a falta de comunicação, os altos graus de alcoolismo e violência masculina no lar, que aprofundam as deficiências na função afetiva do pai. Como resultado de tudo isso, os filhos acabam tomando aspectos muito limitados do comportamento masculino como modelos, e não toda a visão da masculinidade e do que significa ser um homem.

Criquillion (1994) menciona que os meninos aprendem a respeito da masculinidade em primeiro lugar pelos meios de comunicação. Um menino típico assiste mais à televisão do que convive com seu pai. Sendo o maior meio de comunicação de massa que entra na maioria dos lares mexicanos, não há distinção, a televisão chega igualmente a ricos e pobres. A força do seu impacto deriva-se da combinação de imagens e sons. Madeline (1999) comenta que, por essas características e pela facilidade de chegar à maioria da população, transformou-se em uma faca de dois gumes. Apesar do seu potencial educacional, a qualidade de programação transmitida muitas vezes não considera a idade de seus espectadores que, na maioria dos casos, são meninos e jovens que não têm um adulto para orientá-los sobre os temas apresentados. Além disso, é uma forma de transmitir imagens que reafirmam algumas reproduções tradicionais.

Esse mesmo autor (1994) explica que, no México, a televisão costuma apresentar três tipos principais de homem: o atleta competitivo, o homem violento e o que bebe para se tornar um ser mais sociável. Ele destaca também como segunda fonte de modelos de masculinidade o grupo de amigos. Os jovens passam muito mais tempo com jovens de sua idade do que com homens adultos. Nestes grupos ganha sempre o mais agressivo e violento, o que mais desafia a autoridade, e é ele quem acaba dando o exemplo de uma masculinidade "bem-sucedida".

A terceira forma em que meninos e jovens aprendem sobre a masculinidade é por reação, observando os modelos oferecidos pela televisão e pelo grupo de amigos, que se forem negativos, exercerão efeitos potencialmente mais prejudiciais nesse grupo etário. Ao não poder aprender sobre a masculinidade, já que está rodeado de mulheres em casa e na escola, o menino acaba interpretando o conceito de "masculino" como o "não feminino" (Criquillion, 1994).

Falar de novos modelos de homem em nosso contexto cultural pressupõe partir da profunda divisão entre o que se considera "feminino" e "masculino". Sabemos que a masculinidade e a feminilidade não são um conjunto de características fixas e estáveis, mas algo estabelecido e em permanente construção. Porém, em nível social, continua a certeza de que são dois tipos de comportamentos característicos, identificados com dois grandes grupos, os homens e as mulheres. Essas duas formas de "comportamento" constituem o eixo sobre o qual se avalia a conduta das pessoas. Somos o que fazemos e, desde o início da infância até a velhice, nossa imagem corporal e nosso comportamento são equiparados com um comportamento "feminino" ou "masculino", primeiramente para sancionar o que não se considere apropriado para um "homem" ou uma "mulher" (Herrera, 1997).

Neste sentido, é importante ter em mente o fato de que, nas sociedades em que a feminilidade e a masculinidade direcionam a organização e produção de formas definidas de ser "homem" ou "mulher", estas são projetos de gênero, cuja construção fundamenta no conjunto da prática social. Esta construção se realiza através da modelagem dos corpos das pessoas, isto é, as formas corporais e suas aparências, os movimentos, as emoções, os sentimentos, os desejos e os projetos de vida e profissionais serão dirigidos, organizados e também determinados pela prática social (Connell, 1997).

O contexto familiar reforça a diferenciação genérica, dando atividades diferentes a meninos e meninas. Às meninas são destinadas aquelas relacionadas ao lar, servir, atender aos outros, enquanto são reservadas para os meninos atividades que lhes permitem exercer maior controle sobre o ambiente externo. Esta é uma forma muito importante de delimitar as normas de comportamento e deixar claras as expectativas sociais para cada sexo.

Arés (1995) afirma que, a família é o principal elo do processo de tipificação sexual, dado que é formadora por excelência e de difícil substituição. Este processo de caracterização sexual observa-se nas famílias não só no processo de transmissão destes valores às novas gerações, mas também como parte específica, importante e indiscutível dos modelos relacionais que se estabelecem entre seus membros.

Segundo Colom (1992), entende-se por família tradicional aquela que por seu peso exerce liderança no comportamento social da comunidade. Suas características podem servir como fontes orais, documentais e históricas.

A família foi e é considerada como apoio principal na socialização de seus membros (particularmente nos meninos e adolescentes) e na confirmação dos vínculos relacionados que previnem os riscos de isolamento social. No imaginário coletivo, as expectativas com relação à família ainda estão impregnadas de idealizações, simbolizadas pelo chamado núcleo familiar, apesar de que sua formação vai diminuindo hoje em dia.

Considerando a família como uma instituição histórica e socialmente construída (que foi se transformando com o tempo), a maior expectativa é que com base nela se produzam cuidados, abrigo, aprendizagem, construção de identidades e vínculos, além de relações de pertença, capazes de promover a melhor qualidade de vida dos seus membros e sua efetiva inclusão social na comunidade e sociedade em que vivem (Brant, 2000). Estas expectativas são possibilidades mais não garantias; deve-se revalorizar, fortalecer e cuidar da

família. Pesquisas recentes constatam que a família, independente de como esteja constituída, continua sendo um lugar privilegiado de amparo e de pertença em um campo relacional importante no apoio existencial dos indivíduos. (Martín, 1995)

A família e suas condutas modelam a saúde dos meninos e adolescentes pelas interações que se originam nas relações entre pais ou responsáveis e filhos. A difícil função de "ser pai" requer apoio, principalmente quando confrontada com situações de vulnerabilidade ou risco através de condicionantes individuais patológicos, estruturas familiares fracas ou estruturas socioculturais negativas, exigindo suporte da sociedade.

Não há dúvida que os estilos educativos familiares são totalmente diferentes dos estilos do passado. Diante disso, é imprescindível refletir sobre o arcabouço em que o adolescente e sua família são colocados atualmente e de que maneira esta vai desenvolver seu papel fundamental e prioritário de apoiar o adolescente.

Nas famílias de classe média, uma das coisas que mais preocupam a maioria dos pais é o estudo dos filhos adolescentes. Normalmente ouve-se falar que o adolescente não quer saber de estudar - principalmente no último ano do ensino médio - critica tudo e se manifesta através da mudança, já que surgem novos interesses que atraem toda sua atenção. O adolescente começa a apresentar problemas de desempenho escolar e, ao defender suas idéias de "parar de estudar", os pais ficam sem saber o que fazer. É fundamental que os pais o ajudem a tomar uma decisão, justamente pela importância que os estudos têm na sociedade moderna. Em uma pesquisa realizada no Brasil por Zagury (2000) para saber como o adolescente vê a escola e os estudos, dos 943 jovens entrevistados, 92% afirmaram que consideravam o estudo importante para suas vidas. Apenas 2,5% afirmaram estudar porque seus pais os obrigavam.

1.3. Características físicas e sociais da adolescência

A adolescência envolve a transição entre a infância e a juventude. É uma etapa extremamente importante no desenvolvimento com características muito próprias que levarão o menino a formar-se como um ser adulto. As mudanças corporais e mentais que ocorrem nesta fase são universais, com algumas variações psicológicas e relacionais de cultura a cultura, de grupo em grupo e até entre indivíduos de um mesmo grupo (Zagury 2000).

Nesta fase da vida dos jovens acontecem um rápido desenvolvimento físico e mudanças emocionais profundas. A característica mais visível da adolescência é o acentuado desenvolvimento físico, com fortes transformações internas e externas. Porém, ocorrem também mudanças marcadas nos campos intelectual e afetivo. Diminui o número de amigos em comparação com a puberdade. As relações interpessoais vão em busca de afinidades e tornam-se mais estáveis e íntimas ao longo do tempo. Também aparecem as amizades com o sexo oposto. (Craig, 1997)

Em ambos os sexos também é notável o desenvolvimento intelectual, com o surgimento do raciocínio hipotético-dedutivo, permitindo generalizações mais rápidas como a compreensão de conceitos abstratos. A independência intelectual surge com força, muitas vezes apresentando-se como rebeldia na relação com as autoridades em geral. Este fato está ligado a essa recém-adquirida capacidade de abstração, reflexão e generalização, que leva os jovens a uma abordagem mais filosófica e independente de qualquer conceito.

Além disso, se anteriormente tudo o que lhes tinha sido dito, principalmente pelos pais e professores, era aceito como verdade absoluta, agora já não é mais. Começam a questionar principalmente os princípios da sociedade, da religião, da política e da família. Têm tendência a procurar novas alternativas e novas repostas, daí o

freqüente questionamento com relação a tudo que os pais dizem ou fazem. A capacidade racional desenvolvida junto com a objetividade alcançada permite que as tensas relações com os pais e professores se relaxem, admitindo suas influências e, em certos casos, levando inclusive a uma relação de amizade com um dos pais. (Remplein, 1971).

É importante ressaltar que esta fase é complicada também para os pais. Saber que o adolescente é contraditório, inseguro e às vezes agressivo não ajuda muito, já que não se sabe como tratá-lo ou demonstrar amor, considerando que também precisa de atenção e carinho.

Outra mudança importante é o amadurecimento sexual, produzindo uma grande atividade hormonal e glandular que elevará a capacidade reprodutiva. Em geral, as adolescentes femininas alcançam a maturidade sexual mais cedo (mais ou menos na idade de 10 a 12 anos, contra 13 anos para os adolescentes masculinos).

Paralelamente com o desenvolvimento físico interno e externo, ocorrem modificações em nível social. Tende a aumentar a importância do grupo de amigos e acentua-se a tendência à imitação na forma de se vestir, falar e agir. Os adolescentes temem não ser aceitos e valorizados pelos amigos, motivo pelo qual procuram imitar a maioria de seus companheiros não só nas roupas, mas também em alguns hábitos prejudiciais para sua saúde (Zagury, 2000).

A adolescência é um período propício para a experimentação de coisas novas como o álcool e outras drogas, por curiosidade, para sentir-se adulto ou para pertencer a um grupo. Neste contexto, é difícil determinar quais adolescentes vão desenvolver problemas sérios.

Beck (1987) menciona que são várias as maneiras em que os adolescentes podem estar envolvidos com álcool e outras drogas, já que revelam a tendência de sentir-se indestrutíveis e imunes para os problemas vivenciados pelos outros. O uso do álcool ou do tabaco numa idade precoce aumenta o risco do uso de outras drogas. Enquanto logo depois da primeira experimentação, alguns adolescentes desistem ou continuam usando ocasionalmente sem ter problemas significativos, outros desenvolverão uma dependência, aumentando o padrão de uso e inclusive introduzindo outras drogas, em um processo que pode acarretar danos mais significativos à saúde e perdas sociais.

Segundo Bombordo (1992), entre os adolescentes que correm o risco de desenvolver problemas sérios com o álcool e as drogas incluem-se aqueles com histórico familiar de abuso de substâncias, depressão, baixos níveis de auto-estima e sentimentos de não pertencer a ninguém.

O fator mais consistentemente vinculado com o uso adolescente de drogas é a utilização pelos amigos. De Micheli (2004) expõe que ter amigos que usam drogas é uma das condições de risco para que o jovem inicie a experimentação. Em contrapartida, a mesma autora refere que a desaprovação de drogas pelos familiares próximos constitui um fator protetor contra o uso adolescente de drogas, desde que estes não sejam usuários de drogas (lícitas e ilícitas). A mesma conclusão é formulada por Ong (1989) em seu estudo de adolescentes sob tratamento para dependência química. Nessa amostra, o grupo de pares ou amigos revelaram-se como uma influência decisiva para a experimentação inicial.

1.4. Dados epidemiológicos sobre o uso de álcool e outras drogas

Dados do Instituto Mexicano de Psiquiatria (2001) confirmam o aumento no uso de drogas ilegais, especialmente entre jovens ou adolescentes. O consumo da maconha inicia-se na média aos 14 anos, enquanto o uso do álcool pode começar entre 12 e 14 anos

(que pode ser considerada idade de risco). O uso da maconha e do álcool no ensino médio tornou-se algo comum.

Os resultados da Pesquisa Nacional sobre Adições (INEGI, 2003) demonstraram que, no México, o índice de consumo de álcool entre os adolescentes aumentou de 27% em 1998 para 35% em 2002 entre os adolescentes, e de 18% para 25% entre as jovens mulheres. Entre os jovens, a quantidade de menores que mencionaram beber mensalmente cinco bebidas ou mais por ocasião de consumo cresceu de 6,3% para 7,8%. O incremento mais notável ocorre no número de menores que relataram ter manifestado no último ano ao menos três dos sintomas de dependência.

Em agosto de 2003 o governo do estado do Querétaro e o Instituto Nacional de Psiquiatria realizaram a Pesquisa de Álcool, Tabaco e Drogas em estudantes de ensino médio e colegial, que contou com a participação de 2494 alunos de 59 escolas do sistema público de educação, com idade entre 13 e 19 anos. O estudo justificou-se pelos altos níveis de dependência em adolescentes e pelo aumento do consumo, principalmente de tabaco e álcool. Os resultados da pesquisa comprovaram que o consumo habitual de tabaco correspondeu a 61,9% nos adolescentes masculinos e a 40,2% nas femininas; para o consumo de álcool, os resultados foram 41,9% para homens e 33,1% para mulheres. 33,9% dos homens e 21,8% das mulheres responderam positivamente à pergunta se alguma vez tinham feito consumo abusivo do álcool. Outro dado importante foi o consumo de maconha, provada alguma vez por 15,2%, dos homens e 5,4% das mulheres, e a cocaína, consumida alguma vez por 11,3% dos homens e 3,2% das mulheres.

O abuso de drogas afeta mais intensamente a juventude, desde 1990 vem sendo realizados estudos no Brasil com alunos do ensino básico em escolas públicas, demonstrando que 24,7% já tinham experimentados drogas ilícitas.(Magalhães, 2000).

Não existem estatísticas capazes de dizer quantos processos por homicídio e formação de quadrilha estão relacionados com o comércio de drogas. A criminalidade é maior entre os jovens do sexo masculino, responsáveis por 35% dos crimes cometidos (Magalhães, 2000). Em seu estudo sobre homicídios masculinos na região metropolitana de São Paulo entre 1979 e 1998, Cordeiro (2001) destaca que uma das principais características dos homicídios é a predominância entre adolescentes e jovens adultos.

No Brasil, os trabalhos sobre as características da população que procura tratamento para o abuso ou dependência das drogas são realizados com pacientes adultos. Da mesma forma, na literatura internacional, são poucos os trabalhos que estudam os adolescentes usuários de drogas que procuram tratamento. Em sua pesquisa sobre características sociodemográficas e fatores preditivos no tratamento de adolescentes usuários de drogas, Scivoletto (2001) teve como um de seus objetivos analisar fatores preditivos da adesão e do resultado na assistência aos adolescentes. Os resultados encontrados com base em 53 pacientes é que a maior prevalência de consumo foi do álcool (n=52), tabaco (n=51), maconha (n=48), cocaína inalada (n=38), craque (n=36), inalantes (n=29), associado com atividades ilegais. Na amostra predominaram adolescentes masculinos. Como principais conclusões, a autora destaca que a maioria destes adolescentes abandona a escola, que o uso de drogas está vinculado com a violência e as atividades ilegais e que, no momento em que chegam ao tratamento, os adolescentes apresentam sérios problemas de saúde devido ao consumo de drogas, apesar de terem pouco tempo de uso.

Os pais esperam que seus filhos não utilizem drogas ilícitas e possivelmente consideram que é mais difícil para eles opor-se ao álcool. Afinal, o consumo de álcool é lícito para os pais, muitos deles bebem, e o álcool inclusive forma parte de certos ritos religiosos. Conseqüentemente, poderíamos considerar que o álcool é uma substância menos perigosa que outras drogas.

Entretanto, os fatos demonstram o contrário. 4,6 milhões de adolescentes têm problemas relacionados com o álcool 4 % dos alunos do último ano de escolas secundárias consomem bebidas alcoólicas todos os dias. Os acidentes relacionados com o álcool constituem a principal causa de morte entre pessoas de 15 a 24 anos de idade (Carlini e Cols., 2001).

Aproximadamente metade dos jovens que morrem afogados e das mortes por causa de incêndios, homicídios ou suicídios estão relacionados com o álcool. Além disso, os jovens que consomem álcool precocemente são mais propensos a beber em maior quantidade e a vivenciar problemas relacionados com o álcool. Também estão mais propensos a consumir outras drogas e a ter problemas com a lei. Com relação ao peso corporal entre os jovens, geralmente é inferior ao dos adultos, o que leva a uma concentração de álcool no sangue maior que a dos adultos. Como consequência, a mesma quantidade de álcool consumida por jovens resulta em maiores efeitos por períodos mais extensos. É um fato bem estabelecido que o consumo crônico de álcool gera diferentes tipos de doenças no organismo (deficiências físicas) e na mente (depressão), além de problemas sociais como acidentes e homicídios (Craig, 1997).

No Brasil, as causas de morte violenta foram analisadas do ponto de vista histórico. As estatísticas mais antigas limitam-se aos acidentes, excluindo os homicídios e suicídios. Apesar disso, pode-se observar o crescimento regular de mortes por causas externas, de 3% em 1930 para 14,29% em 1988, ocupando o segundo lugar na classificação geral (Minayo & Souza, 2003).

A importância relativa das causas externas de morte violenta representa 58% do total de mortes, 31,38% na faixa etária de 5 a 19 anos e 40,24% no grupo de 20 a 29 anos. Destaca-se o crescimento das mortes violentas entre jovens do sexo masculino na região

metropolitana do São Paulo, com altos índices de mortalidade por homicídios e suicídios, sugerindo que as taxas de mortalidade por violência refletem de modo mais fiel a deterioração das condições de vida (Minayo & Souza, 2003).

O clima de conflito e de desintegração social em que vivem hoje os grandes centros urbanos, caracterizados pela violência e a pobreza familiar, leva a mudanças radicais no perfil de criminalidade do país, envolvendo uma competente organização do narcotráfico e do narcoterrorismo e criando uma economia e um poder paralelos (Mello, 1988; Souza, 1991).

A ação do narcotráfico não pode ser compreendida de maneira reduzida como simples delinquência, já que suas maiores vítimas e os sujeitos-chave de seu recrutamento são os jovens de 15 a 29 anos, que engrossam as estatísticas de homicídios e cujo perfil já foi analisado por vários autores. Foram identificados os seguintes fatores de risco: baixa escolaridade, baixos ganhos, baixa qualificação profissional e sexo masculino. Por isso, muitos jovens estão morrendo, vítimas de uma mentalidade de extermínio, eliminados nas ruas do anonimato em um clima de terror, insegurança e medo (De Souza, 1995; Minayo & Souza, 2003).

Molina (1999) menciona que, no México, apesar de níveis relativamente altos de abstenção do álcool, o consumo forte tende a ser explosivo, isto é, não se bebe todos os dias, mas quando se bebe, é comum a ingestão de grandes quantidades de álcool. Os índices de problemas sociais e de mortes associadas com acidentes e violências são muito altos. Além disso, existem simultaneamente altos índices de mortalidade por cirrose e por homicídio (26%). 70% das mortes violentas envolvem acidentes e 3,5% suicídios.

Segundo Medina (1991), a dependência do álcool no México é 20 vezes mais freqüente no jovem adolescente que na mulher (12% vs. 0,6%), e também é mais freqüente a intoxicação aguda. De acordo com a Pesquisa Nacional sobre Adições (1990),

48% dos jovens bebem 5 ou mais taças de álcool por ocasião de consumo, pelo menos uma vez por mês, contra somente 5% das mulheres.

Num estudo nacional realizada na década de noventa por Juárez e col. (1994) no México, DF, através de uma amostra composta por 3.501 alunos provenientes de colégios do DF, (no arcabouço da Pesquisa Nacional sobre o uso de drogas na comunidade escolar), os autores observaram diferenças comportamentais por tipo de droga e variáveis socioeconômicas.

Os resultados desse estudo apontaram que 32,2% dos adolescentes pesquisados tinham feito algum ato anti-social, sendo o mais freqüente o roubo (26,8%); 17,6% dos estudantes declararam ter cometido alguma delinqüência grave, com predominância dos adolescentes de 18 anos. Os consumidores de drogas ilegais e de álcool apresentam a maior freqüência de delitos. Além disso, os dados indicam que os homens dedicam mais comentários a atos anti-sociais que as mulheres (2,45 vezes mais). Contudo, um estudo longitudinal constatou que, entre 1986 e 1991, houve um aumento nas condutas criminais e aditivas (Berenzon, 1994) entre as mulheres, o que estaria vinculado à maior participação da mulher nos espaços sociais tradicionalmente masculinos.

Considerando o exposto acima, o alcoolismo confirma-se como um problema que causa dependência, adquirida por várias vias. Sendo uma etapa difícil do desenvolvimento, na adolescência podem ser favorecidos os comportamentos de consumo de álcool, seja pela confirmação da independência, da virilidade e da liberdade na tomada de decisões, seja pela imitação dos adultos.

Em seu processo de socialização, os adolescentes estão expostos a influências da comunicação de massa e interpessoais, com a influência de fatores protetores ou de risco para a saúde. Portanto, torna-se necessário conhecer o que eles pensam sobre esta

problemática e chegar mais perto do seu ambiente e dos próprios adolescentes, possibilitando a identificação de estados de ânimo, pensamentos, desejos, intenções, lembranças e valores significativos entre os jovens. Portanto, este estudo busca ajudar a interpretar o contexto deste grupo através da análise do que dizem, fazem ou pensam seus protagonistas, aplicando processos de análise de conteúdo às expressões verbais, observando algumas de suas ações em situações específicas (a escola) e procurando captar valores individuais e do grupo de referência a que pertencem.

1.5. Objetivo

O objetivo deste estudo é conhecer as percepções dos adolescentes com relação à masculinidade e suas formas de expressá-la, e se o uso de álcool está presente entre eles.

Portanto, este estudo visa desvelar o significado que os adolescentes dão a termos e manifestações masculinas habituais em suas vidas, buscando captar a perspectiva dos participantes, ou seja, a maneira como os informantes enfrentam as questões enfocadas no estudo.

A partir do objetivo exposto, estabeleceu-se como justificativa principal para o desenvolvimento da pesquisa a necessidade de indagar a respeito dos conceitos, comportamentos e demonstrações de masculinidade dos adolescentes.

Nessa direção, iniciou-se o processo de pesquisa com as seguintes perguntas:

1.- Os adolescentes de 15 anos (no México) acreditam conhecer manifestações comportamentais e sociais que definem a masculinidade?

Caso sim:

Quais são as manifestações que eles apresentam para definir a masculinidade?

O uso de bebidas alcoólicas está entre essas manifestações?

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

A fundamentação teórica segundo Martínez (2002) é o conjunto de enfoques e ações sistemáticas através das quais podemos construir uma compreensão a respeito da realidade social escolhida. Ou seja, são as formas de resposta às indagações apresentadas. Um bom marco teórico deve relacionar a orientação e congruência dos conceitos e as proposições existentes em uma área do saber, contribuindo para situar os problemas que vão surgindo dentro do sistema teórico e ajudam na reflexão, análise e interpretação dos mesmos. O autor ressalta ainda que o marco teórico busca ajudar a entender os dados e não a formular um modelo para “moldá-los”, já que a verdadeira e autêntica estrutura teórica deve emergir dos próprios dados, ele deve permitir grande flexibilidade para que o pesquisador saia do próprio marco e possa adotar posições ou perspectivas perante os dados.

Partindo destas referências, buscou-se um modelo teórico de tal modo que permitisse alcançar os objetivos e responder às questões expostas. Por esse motivo decidiu-se o não aprofundamento em todo o referencial, procurando nele o mais significativo para o apoio à interpretação dos dados obtidos.

A argumentação teórica será desenvolvida considerando a teoria da análise do Interacionismo simbólico, já que, segundo Blumer (1981), trata-se de um enfoque realista do estudo científico do comportamento ou das manifestações comportamentais e da vida dos grupos humanos.

Neste fundamento, busca-se conhecer o significado que os adolescentes têm sobre a masculinidade como resultado da produção social, assim como também o que pensam que define o indivíduo como homem e se o conceito de “macho” está constituído por componentes socioculturais, expressos em suas exposições capitadas através das descrições detalhadas da observação, dos questionários aplicados e das entrevistas, contendo os diálogos

dos adolescentes, sem perder em nenhum momento o rigor científico da investigação qualitativa.

2.1 Interacionismo Simbólico

Entre as ciências humanas e sociais há duas tendências opostas: o positivismo e o interpretacionismo, ou seja, as correntes positivistas e as interpretacionistas, embora mantenham um tronco comum de superposição. Dentre as correntes interpretacionistas, ressalta-se o Interacionismo simbólico, uma espécie de eixo fundamental com o qual se comunica ou aproxima a maioria dos enfoques interpretacionistas (Moreira 2002).

Desenvolvido por George Herbert Mead (1934) e Herbert Blumer (1969), o Interacionismo simbólico pode ser definido como o estudo dos modos, através dos quais as pessoas atribuem sentido às situações que vivem e das maneiras como elas conduzem suas atividades, na relação com as outras no seu cotidiano. É uma perspectiva prática que busca vincular a visão de como a vida humana é vivida na prática e como é a experiência rotineira das pessoas cuja vida tenciona-se estudar (Moreira 2002).

O Interacionismo simbólico pode ser entendido como um ramo ou escola criada a partir dos clássicos da sociologia de finais do século dezanove, como Charles Horton Cooley (1864-1929), W. I. Thomas (1863-1931) e George Herbert Mead (1863-1931). As pressuposições comuns aos três envolvem as concepções da sociedade como um processo e o indivíduo e ela intimamente relacionados, e por fim, a subjetividade do comportamento humano como parte importante no processo da formação e manutenção da dinâmica do *self* social e do grupo social. Embora obra de Mead tenha contribuído de maneira fundamental para a conceituação interacionista, o nome de Interacionismo simbólico foi criado por um de seus seguidores, Herber Blumer, em 1937 (Haguette 1987).

Para essa perspectiva teórica uma noção fundamental é que a vida humana é comunitária; ou seja, os comportamentos humanos não podem ser entendidos fora do contexto comunitário em que vivem. É certo que não se pode negar que as pessoas nascem com traços genéticos, mas sua consciência de mundo, suas habilidades para pensar, aprender e criar, são desenvolvidas junto com a aquisição de uma linguagem comunitária e através do processo de aprendizado de uma linguagem e da interação com os outros. Os seres humanos adquirem conhecimento e se desenvolvem mentalmente. A partir disso os indivíduos começam a distinguir os objetos que constituem seu mundo, incluindo a si mesmos. (Mead 1973).

À medida que compartilham conjuntos de símbolos, as pessoas são capazes de comunicar-se mutuamente e atuar de maneira que tenham sentido umas para as outras. Os objetos não têm sentidos predefinidos (por si mesmos); as pessoas trazem os objetos à existência (ou seja dão-lhes o significado), através dos modos com que atuam em relação a eles (Mead 1973).

Toda a atividade grupal se fundamenta no comportamento cooperativo, mas a associação humana ocorre somente quando um indivíduo percebe a intenção dos atos dos outros, e então constrói sua própria resposta tendo como base aquela intenção. Isso quer dizer que, para haver cooperação entre os humanos, alguns mecanismos devem estar presentes, de maneira que cada participante individual possa entender as linhas de ação dos outros e possa direcionar seu próprio comportamento a fim de que possa acomodar-se a aquelas linhas de ação. As intenções são transmitidas por gestos que se tornam simbólicos, isto é, passíveis de serem interpretados. Então, a sociedade humana se fundamenta, tendo como base o consenso, de sentidos compartilhados sob a forma de compreensões e expectativas comuns (Haguette 1987, citando os conceitos de Mead).

A sociedade humana, segundo Blumer (1969), consiste de pessoas ocupadas em seu viver, ou seja, em um processo de atividade contínua, na qual os participantes desenvolvem linhas de ação frente às diversas situações em que se encontram. Nesse processo, cada um tem de combinar suas linhas de ação com os outros. Isso consiste em um indicar aos outros o que têm de fazer e em interpretar essas indicações feitas para poderem implementar suas ações.

Como seres interativos e auto reflexivos, os seres humanos também controlam, analisam, ajustam e avaliam seu próprio comportamento com o passar do tempo. Esta constatação de que o indivíduo também pode perceber, considerar e trocar seu próprio comportamento no processo de desenvolver linhas de ação em relação às coisas, trouxe implicações profundas para o estudo do comportamento humano, pois mostrou a necessidade de serem consideradas conceitual e metodologicamente, as características intersubjetivas da condição humana.

Portanto, a ação social humana não pode ser concebida apenas como um comportamento externo, observável, ela pressupõe uma atividade encoberta, uma parte reflexiva.

O significado dessa ação (resultante de uma atividade mental), surge através do “*role-taking*”: o indivíduo se coloca no lugar da outra pessoa e se identifica com ela, com isso pode direcionar seu próprio comportamento, mas também é necessário que o indivíduo seja capaz de responder a seus próprios gestos. Essa habilidade permite que diferentes seres humanos respondam da mesma maneira ao mesmo gesto, permitindo compartilhar experiências e a incorporação desse comportamento em si mesmos.

Conforme refere Mead (1973), o comportamento humano não se limita a uma resposta direta às atividades dos outros, mas também envolve uma resposta às intenções

dos outros, ou seja, ao comportamento futuro e intencional deles, e não só às ações presentes, o que pressupõe uma elaboração mental anterior à ação.

Mas a ação ocorre em relação a um lugar e a uma situação logo, esta é constituída através de como os indivíduos interpretam a situação.

Mead, descrito pelo Blumer (1969), toma como unidade de análise o que denomina de ato social, já que o indivíduo pertence a uma estrutura social e a uma ordem social. A pessoa é o resultado da atividade social organizada de um sujeito que corresponde à conduta social de seu grupo de referência, mas que pode ter reações ou manifestações individualmente diferentes. Neste sentido, cada indivíduo se constrói a partir da adoção de atitudes de outros, que logo depois de serem adotadas, afetam a própria conduta.

Para Mead (1973), alguém se transforma em uma pessoa (“*self*”) na medida em que pode adotar a atitude de outro e atuar em relação a si mesmo como atuam outros. Ser consciente de si mesmo é essencialmente converter-se em um objeto para si mesmo, em virtude das relações de um para com os outros.

O “*self*” representa um processo social analítico que se leva a cabo em duas fases distintas, o “*eu*” e o “*mim*”. O *eu* é a tendência impulsiva do indivíduo, é o aspecto inicial, espontâneo e desorganizado da experiência humana, ele representa as tendências não direcionadas do indivíduo. O “*mim*” representa o “*outro*” incorporado ao indivíduo, posteriormente ele vai compreender o conjunto organizado de atitudes e definições, compreensões e expectativas, ou simplesmente sentidos comuns ao grupo. Em qualquer situação o “*mim*” compreende o outro generalizado e raramente o outro particular (Mead 1973).

Segundo Blumer (1969), o Interacionismo simbólico se fundamenta basicamente em três premissas.

1. Os seres humanos atuam com relação às coisas com base nos sentidos que tais coisas têm para eles.
2. O sentido dessas coisas aparece a partir da interação grupal que alguém tem com seus semelhantes
3. Esses sentidos são administrados (manejados e interpretados) e modificados através de um processo interpretativo usado pela pessoa para lidar com as coisas que encontra.

Blumer (1969), “reconhece a existência de realidades diferentes determinadas por histórias e culturas diferentes”, pelo que González (1997) estabelece a necessidade do “contato direto e a comunicação com o grupo ou pessoa a ser estudada como estratégia para especificar e aprofundar nos conhecimentos gerais que o investigador necessitará”, já que partindo dessa premissa, podemos dizer que a conduta social somente pode ser entendida dentro do contexto da estrutura social na qual se desenvolve.

2.2 Trajetória de Pesquisa

O presente estudo é descritivo, e a metodologia da investigação em que se inscreve, segue a abordagem qualitativa como ferramenta metodológica para a obtenção de dados. Devido à natureza do objeto de estudo e considerando que as investigações qualitativas estudam a realidade em seu contexto natural, tentando obter o sentido ou interpretar os fenômenos de acordo com os significados atribuídos pelas pessoas implicadas (Rodríguez,1996).

Assim, para obter uma compreensão mais completa do ambiente em que se desenvolvem os sujeitos de estudo, foram utilizadas diretrizes da etnografia, entendida como técnica qualitativa que se propõe ajudar a interpretar o ambiente através de análise do que dizem, fazem ou pensam seus protagonistas (Ludke & André 1986).

O objetivo imediato de um estudo etnográfico segundo Martínez (2004) é criar uma imagem realista e fiel do grupo estudado, mas sua finalidade posterior é ajudar na compreensão de setores ou grupos populacionais que têm características similares, por isso sua orientação se apoia na convicção de que as tradições, papéis, funções, valores e as normas do ambiente em que se vive vão se fundindo pouco a pouco e concebem regularidades que podem explicar a conduta individual e do grupo. A prática etnográfica segundo este mesmo autor, inclui no método de investigação a observação não participante, a entrevista semi-estruturada e os questionários abertos como técnicas de coleta de dados e sendo estes uma base para formular concepções que transcendam as situações particulares em que os dados foram coletados.

Para a realização desta investigação, faz-se necessário contextualizar o lugar, a instituição e escola onde se escolheu a população a ser estudada, pois é importante ter uma visão de como ocorrem “os fatos”, pois estes dependem especificamente da sociedade em que estão imersos os adolescentes e o mesmo fenômeno tem diferentes formas e diferentes matizes de acordo com as pessoas, o tempo e o local onde se estuda um mesmo fenômeno. Pode-se dizer que não há teorias fáceis para definir a adolescência, nem a forma dos adolescentes expressarem seus conceitos, nem as explicações dadas para o seu comportamento bastariam para avaliá-los ou valorá-los. Por isso não existe o desejo de generalizar a partir dos elementos particulares deste estudo. A ampliação desta abordagem com um número maior de sujeitos talvez possibilitasse a extensão dos resultados a outros grupos da mesma idade.

2.2.1 Descrição da região: dados demográficos e aspectos gerais

O contexto desta investigação se desenvolve no México em um de seus estados chamado Querétaro de Arteaga, localizado na região central do México, contando com 18 municípios. A capital do estado, Santiago do Querétaro, é o lugar onde foi realizada a investigação. Possui uma extensão de 759,9 km², representando o 6,5% da superfície total do estado, ocupando o sétimo lugar em espaço territorial.

A altura média sobre o nível do mar varia de 1.900 a 2.460 metros, embora haja elevações maiores em algumas localidades. O clima é temperado, semi-seco, caracterizado por um verão quente. A temperatura média é de 18°C. Os meses mais quentes são maio e junho, com temperaturas máximas de 36°C, e os mais frios são dezembro e janeiro que registram uma temperatura mínima de 3°C.

É um centro de produção de algodão, opala e fabricação de artigos têxteis e mantimentos processados caracterizando-se como um grande desenvolvimento industrial. A cidade tem uma catedral do século XVI, além de numerosas igrejas de relevância artística como o convento de São Agustín e a igreja do São Domingo, entre outras. Conta também com um aqueduto de mais de 8 km de extensão, cuja construção se iniciou em 1726 e domina a cidade. Querétaro foi conquistada pelos espanhóis em 1531, os quais a denominaram de Santiago do Querétaro. Em 1810 foi cenário da revolução que deu início à independência do México. A cidade foi a capital provisória da república durante a ocupação americana de 1847 a 1848, e o lugar aonde se rendeu o imperador Maximiliano I do México perante as forças do presidente Benito Juárez. Em 1917, na cidade do Querétaro foi aprovada a atual Constituição do México.

O total da população (dados proporcionados pelo Instituto Nacional de Estatística Geografia e Informática, INEGI Méx. 2001) é de 1.404.306 habitantes, dos quais 680.966 são homens e 723.340 mulheres. Destacam-se as faixas etárias de adolescentes,

sendo masculinos 82.482 e 81.592 femininos. No grupo de adolescentes de **15 a 19** anos, são 73.825 masculinos e 79.081 femininos, deste selecionou-se a amostra para realizar um estudo preliminar ou prova piloto, assim como a do estudo presente.

No município existem dois periódicos locais que são "O Jornal de Querétaro" e o "Notícias" de circulação estatal. Existem outros, semanários como "O Informador" de Santa Rosa Jáuregui e "O Observador", este último publicado pela Diocese de Querétaro. Além disso, conta-se com um grupo numeroso de radiodifusoras que transmitem todo gênero de música, assim como dois de cunho cultural como são a Rádio Universidade e a Rádio Querétaro. Também conta com a emissora TV Q que se transmite pelo canal 5, Galavisión e Televisão Cabo do Centro, que se transmite pelo canal 14. (Informação do Centro Nacional de Desenvolvimento Municipal, Governo do Estado do Querétaro 2004).

A educação no México é obrigatória e gratuita somente no nível básico e este se apresenta subdividido em pré-escolar, primária e secundária.

Em Querétaro existem 306 escolas de Pré-escolar 29 635 crianças atendidas por 1.117 professores. A duração de formação é de 3 anos e a idade média das crianças varia de 3 a 6 anos. Existem 394 escolas primárias com 2.398 salas de aula e uma população de 88.120 alunos atendidos por 2.562 professores. A duração da formação é de 6 anos, e a idade dos alunos situa-se entre 6 a 12 anos. São 100 escolas secundária, com 1.564 salas de aula, num total de 1.563 docentes que partilham seus conhecimentos com uma população de 34.800 alunos. A duração da formação é de 3 anos, com idade dos alunos varia de 12 a 15 anos.

Em relação ao nível médio superior, são 57 colégios, atendendo a 21.485 alunos com um grupo de 1.566 professores. A duração da formação é de 3 anos, com idade variando de 15 a 18 anos.

No nível superior tem-se uma Universidade pública que oferece nível médio superior, graduação e pós-graduação, dois Institutos Tecnológicos públicos, e 4 universidades privadas que oferecem o nível superior de graduação e pós-graduação. A duração da formação na graduação é de 6 anos, e a idade dos alunos varia de 18 a 24 anos.

2.2.2 Estudo piloto

Comenta Vales (1997) que a definição da qualidade e quantidade de pessoas a serem entrevistadas, assim como do número de entrevistas, define-se mediante uma aproximação ao universo de potenciais entrevistados, por isso antes da investigação foram feitas entrevistas ao acaso com 15 adolescentes de uma instituição privada de ensino que oferece o nível médio superior. Os dados foram compilados em junho de 2002 através do instrumento mencionado. Aos jovens que concordaram em participar do estudo forneceu-se uma solicitação contendo os objetivos e a forma em que participariam da investigação (termo de consentimento livre e esclarecido), para que eles e seus pais assinassem.

Sendo lhes assegurada a garantia do anonimato pelo investigador. A amostra foi selecionada de maneira aleatória incluindo jovens estudantes do nível médio superior (“cursinho”) entre 15 e 19 anos de idade.

O foco de atenção era conhecer suas opiniões sobre machismo e a possível influência cultural desse conceito, na tendência a ingerir bebidas alcoólicas. Os dados obtidos indicaram que esse tema não deveria ser mencionado diretamente, pois as percepções oscilaram entre identificação como algo natural (próprio do homem) e um hábito pouco socialmente nocivo. A percepção em sua maioria foi generalizada para o gênero. No conceito de homem masculino, prevaleceu uma visão focal negativa e centrada no trato da mulher: repressão, violência, abuso, desvalorização. Também foi observado que as percepções podiam mudar com a idade. Assim o estudo foi orientado para a masculinidade, por ser um

tema mais amplo e menos carregado de preconceito para eles. Também decidiu-se estudar as percepções de um grupo de uma só idade.

2.2.3 Local da investigação

Neste estado existem três principais instituições públicas que oferecem o nível médio superior, cada uma das instituições com diferentes escolas em todo o estado de Querétaro, sendo 57 as escolas que oferecem este nível. Selecionou-se intencionalmente uma delas, pelas facilidades de acesso proporcionadas à investigadora. Houve necessidade de proceder desta forma para agilizar os trâmites administrativos (apresentação do projeto e autorização para a realização) sem os quais não se poderia prosseguir na execução da pesquisa. A localização e dados mais específicos da instituição não são mencionados para preservar o seu anonimato.

Essa instituição escolhida para o estudo tem três escolas na capital do estado e dedica-se a oferecer seus serviços a jovens entre 14 e 24 anos de ambos os sexos no nível médio superior, com três anos de formação. O nível sócio-econômico geral predominante é médio baixo, e a zona geográfica de onde provêm é principalmente dos municípios periféricos, zona rural e urbana, embora também se recebam de outros estados da república. Conta um total de 4.968 alunos matriculados com 44% homens e 56 % mulheres.

A escola selecionada possui 2.293 alunos matriculados sendo 1.355 mulheres e 1.038 homens. Esses alunos, na maioria provêm do meio urbano (87%) e poucos do meio rural (13%); no nível sócio-econômico predomina o estrato social médio alto (38%) e médio abaixo (47%), segundo classificação feita pela própria escola, tendo como base os salários mínimos dos pais (em 2004). Esta instituição oferece serviço aos jovens queretanos em dois turnos: matutino, de 7:00 a.m. a 1:00 p.m., e vespertino, de 3:00p.m. a 9:00p.m

Atualmente, a escola tem a capacidade de atender 48 grupos. Em 2004 atendem a 16 grupos de primeiro semestre, 8 no turno matutino e 8 no turno vespertino; 16 grupos de terceiro e 16 grupos de quinto semestre, de igual maneira 8 no turno matutino e 8 no vespertino. (Dados proporcionados pelos arquivos da instituição de ensino, março 2004).

No corpo docente: conta com um coordenador e dois secretários acadêmicos, turno matutino e vespertino, que são os responsáveis pela administração, e 150 professores. Também conta com secretárias (funcionários), encarregados de biblioteca, pessoal de limpeza, choferes, vigilantes, pessoal de laboratório.

Os professores que trabalham na escola são todos profissionais com licenciatura e alguns com mestrado, entre eles advogados, engenheiros, farmacêuticos-químicos, farmacêuticos-biólogos, psicólogos, médicos, sociólogos.

Os docentes estão contratados sob três modalidades, contrato de tempo parcial, de tempo completo, ou do meio tempo e por hora. Cada uma das disciplinas tem um programa que lhes serve de diretriz, assegurando que todos os docentes que partilham uma mesma disciplina sejam guiados por estes programas, mas cada um “dando-lhe sua interpretação pessoal, e dirigindo-o de acordo a sua experiência e no formato que considera ser de maior aproveitamento para seus alunos”. (Isto comentado pelo coordenador da escola).

Serviços com que conta a escola:

Salas de aulas	48	Cafeteria de professores	1
Biblioteca	1	Dpto. de Serviços escolares.	1
Auditório	1	Área administrativa	1
Salão de Desenho	1	Café Internet	1
Laboratório de física	2	Centro de Cópias	1
Laboratório de Química	2	Campo de futebol	1
Laboratório de Biología.	2	Quadras de Basquetebol	3
Laboratório de Computação	1	Quadras de esportes do Voleibol	1

Participantes do Estudo

Os participantes foram escolhidos aleatoriamente mediante listagem de grupos disponibilizada pela escola. Escolheu-se um número ao caso sendo o grupo “16” o selecionado para a investigação. Foram 20 adolescentes masculinos que aceitaram colaborar com o estudo e que apresentaram a autorização de seus pais. Para selecionar os alunos, buscou-se os grupos com idade de 15 anos (que são os que se encontram nos primeiros semestres), idade selecionada tendo como base as estatísticas do Instituto Nacional de Psiquiatria (México, 1997), segundo as quais a idade média para o consumo de álcool pela primeira vez é de 13 anos. Portanto, supôs-se que aos 15 anos já teriam uma idéia dos hábitos, costumes e valores de seu meio social. A decisão de focalizar o estudo nos adolescentes de sexo masculino, fundamentou-se nos dados das estatísticas sobre adições entre adolescentes, que mostram o sexo masculino com a maior percentagem de uso. Considerando ainda que Pesquisa Nacional de Adições 2002, apresentada pelo Instituto Nacional de Estatística, Geografia e Informática (INEGI) e a Secretaria de Saúde do México, mostrou haver incremento no nível de consumo de álcool entre os adolescentes masculinos, de 27% em 1998 a 35% em 2002.

Desenvolvimento da investigação: inserção no local e coleta de dados

O desenvolvimento da investigação se realizou por períodos, iniciando-se em 2002 com a aplicação da prova piloto, como já mencionado anteriormente, e o desenvolvimento formal desta investigação de março 2003 a maio 2004. Este período realizado em foi feita em etapas: 1) execução dos trâmites para a autorização da instituição e da escola onde se efetuará a investigação; 2) processo da observação não participante, 3) aplicação de questionários abertos e 4) obtenção das entrevistas semi-estruturadas.

1) Atividades preliminares da observação

Em maio de 2003, realizou-se uma visita à instituição para conhecer suas características e possibilidades para desenvolver a investigação. Solicitou-se uma reunião com o diretor, que informou a necessidade de pedir autorização por escrito ao organismo acadêmico, formado por professores e alunos, para apresentar o projeto, havendo a aprovação o mesmo poderia ser desenvolvido. Na data acordada, fez-se a apresentação, dando-se as explicações necessárias, também pediu-se a colaboração e sugestões a respeito de qual das três escolas ofereceria condições para executar as atividades previstas no projeto. A aprovação, por escrito do projeto ocorreu em setembro de 2003, obtendo-se a autorização para realizar o estudo na escola “X”, por conveniência de espaço, já que foi disponibilizada uma área para fazer as entrevistas.

Na escola houve uma entrevista com o coordenador, o que concordou em proporcionar todas as condições necessárias para a realização do estudo, diante disso solicitei sua autorização para enviar um formulário aos pais dos alunos dos primeiros semestres para apresentar e informar sobre o projeto de investigação, o qual foi enviado em fevereiro de 2004. Eles foram informados sobre o conteúdo e propósitos do estudo, bem como, os aspectos éticos, solicitando ainda que permitissem a participação de seus filhos mediante um ofício de consentimento assinado. A maioria dos pais não colocou obstáculos.

2) A observação não participante no local

Uma das características principais da investigação etnográfica, e que supõe uma das tarefas básicas para o desenvolvimento de uma investigação qualitativa, é a de

observar e registrar o observado. Nesse sentido, Martínez (2000), menciona que o trabalho de campo da investigação qualitativo é guiado por critérios tais como:

O investigador etnográfico deve procurar a informação ou os “dados” de que necessita (a informação terá que ser procurada onde está) e a observação não deve descontextualizar os dados isolando-os de seu ambiente natural. Tudo isto exige que a informação seja recolhida na forma mais completa possível (detalhes, rotinas, vestidos, costumes).

Além disso, a observação local serve de ponte importante para iniciar as relações entre o investigador e o investigado. No presente caso a escola é uma parte fundamental e significativa da realidade do jovem, portanto é de se supor que compreender o significado dos comportamentos que são produzidos em um determinado contexto inclua a observação desse cenário.

Para observar, é necessário certa precisão e rigor científico; todo registro de observação deve ser redigido de maneira que seja compreensível. Para isso, quem escreve tem que estar atento à sua subjetividade e preconceitos, considerando que a observação permite captar fenômenos que não seriam obtidos por meio de perguntas escritas ou faladas (Rodríguez, 1996).

O objetivo planejado para esta etapa foi: observação, registro e análise do comportamento no contexto social da escola, para identificar se os jogos podiam ser considerados os jogos como parte das demonstrações de diferenciação sexual. A observação se realizou com inserção no marco referencial que é o que lhe daria sentido para as etapas posteriores no trabalho dos dados, por isso foi elaborado uma guia de observação (anexo A) procurando atingir o objetivo planejado, já que, como comenta Martínez (2004), diferentes pessoas em diversas posições referem-se aos “fatos” com diferentes versões sobre a mesma realidade.

Para a observação dos jovens no pátio da escola no período de descanso e na saída do salão, planejaram-se duas semanas de 22 de março aos 2 de abril de 2004. Nesse momento observaram-se atentamente os jogos e formas de relacionamento que os jovens utilizavam. O registro das situações foram feitos em um diário de campo registrando os acontecimentos, também se escreveram as percepções e inquietações da investigadora, sintetizando e resumindo as notas e incluindo interpretações próprias e perguntas que foram surgindo. Esse material serviu de suporte na etapa seguinte às entrevistas.

3) Aplicação do questionário

Martínez (2004) menciona que o questionário é uma forma rápida e simples de obter informação dos participantes de estudos e evidentemente deve ser anônimo para preservar a confidencialidade e a sinceridade das respostas.

Aplicou-se um questionário de perguntas abertas (anexo B) nos dias 12 e 13 maio 2004, porque no dia estipulado não estavam presentes todos os alunos inicialmente selecionados. No dia seguinte aplicou-se ao subgrupo remanescente no momento de sua chegada à escola, desta forma se evitou a comunicação rápida entre eles sobre as questões que tinham de responder, por isso podemos comentar que a aplicação do questionário transcorreu dentro do esperado.

4) Desenvolvimento das entrevistas.

O processo de investigação qualitativa é algo dinâmico que se expressa de forma contínua, e não se esgota em nenhuma de suas formas de expressão, implica que os sujeitos se relacionem neste processo, dando lugar a uma comunicação na qual podem aparecer indicadores relevantes para a construção do conhecimento em quaisquer dos momentos concretos do processo de investigação. Nesta lógica do processo de produção do

conhecimento, a entrevista deixa de ser simplesmente uma técnica, mas converter-se em um processo permanente que dá o sentido de unidade a todo o processo metodológico, garantindo a continuidade das diferentes formas de expressão do sujeito perante os instrumentos, dentro da qual ditas expressões adquirem sentido para a interpretação (González, 1997).

As entrevistas realizaram-se de 24 aos 28 de maio de 2004. O desenvolvimento da entrevista foi realizado na escola durante os horários de aula. Solicitou-se autorização para que nos intervalos das aulas, os alunos saíssem para participar da investigação. Em alguns períodos não foi necessário interromper as atividades dos jovens, já que se aproveitava os momentos de faltas de professores. As entrevistas foram realizadas em espaço de tranquilidade e privacidade. Foi solicitando aos jovens a autorização para gravar as entrevistas em fita magnética, sendo o registro complementado com algumas notas. O participante recebeu informações referentes a seu direito de participar, de garantias de anonimato e de escutar ou ler no local, o registro escrito ou a gravação de sua entrevista, caso tivesse interesse. Cabe mencionar que nenhum dos participantes manifestou sua intenção em alterar os registros ou as gravações, assim como todos deram sua autorização para efetuar esse procedimento. A gravação como recurso de investigação evita a perda de detalhes, a desaceleração do ritmo de conversação e o efeito sobre a espontaneidade e fluidez do entrevistado (Valles, 1997).

Buscou-se propiciar um clima de entrevista favorável à expressão dos informantes. A condução da entrevista foi relaxada em um clima de cordialidade, com tom de voz normal e dentro de padrões de respeito, confiança (pelas expressões dos entrevistados), unido a uma linguagem em comum. Os jovens participaram com interesse e solicitaram explicações sobre tudo. Ao finalizar as entrevistas as perguntas eram referentes ao que se realizaria com o material obtido, e ao informar que seria uma investigação a ser apresentada no Brasil se surpreenderam e se mostraram satisfeitos de participar.

Cabe mencionar que, durante a observação, a pesquisadora conheceu uma professora que era bem aceita e se identificava com o grupo. Portanto, foi solicitada sua colaboração para facilitar a aproximação com o grupo e sua ajuda na preparação do ambiente emocional, introduzindo-me junto ao grupo para que se sentissem tranquilos durante a entrevista e também para que permitisse a aplicações dos questionários no seu horário de aula. Ela também forneceu apoio fora de horário de aula, conduzindo os alunos para o local da realização das entrevistas (um laboratório perto da sala de aula). Os jovens foram chamados por subgrupos para evitar a comunicação, já que não havia muito contato entre diferentes subgrupos. Os estudantes foram entrando um a um. A duração da entrevista foi de 45 minutos a uma hora. (Anexo C)

Depois de concluídas, as entrevistas foram transcritas, colocando um código, data e hora de realização. Foram utilizados números seqüenciais para fins de controle, também utilizados nos questionários, esclarecendo que tal ordem não seguiu a seqüência de realização das entrevistas.

2.2.4 Tratamento dos dados:

Krippendorff (1990) refere-se à análise de conteúdo como o "...conjunto de métodos e técnicas de pesquisa destinados a facilitar a descrição e interpretação sistemática dos componentes semânticos e formais de todo tipo de mensagem e a formulação de inferências válidas a respeito dos dados reunidos...".

Rodríguez (1996) define a análise de dados como um conjunto de manipulações, transformações, operações, reflexões, comprovações que se realizam sobre os dados com o fim de extrair significado relevante em relação ao problema de investigação.

Portanto, utilizou-se para o tratamento dos dados a análise de conteúdo e, como menciona González (1997), esta análise deve dirigir-se à organização do sentido

expresso pelo sujeito, já que as representações deste contêm elementos dinâmicos de suas configurações subjetivas, para o qual é necessária a análise qualitativa.

Dado que este estudo adotou uma abordagem qualitativa, os dados foram fragmentados de acordo com a forma em que foram obtidos pela investigadora, através de observação não participativa no pátio da escola, de questionários e entrevistas.

Considerando os adolescentes como “objeto social”, são portadores de uma linguagem que constituiu uma via essencial para captar suas expressões. Como seus relatos foram gravados nas situações nas quais o participante desenvolve relações sociais, e como a conversação investigador - sujeito entrevistado freqüentemente envolve uma subjetividade que torna esse momento uma situação-chave, o investigador deve organizar-se para estimular a continuidade da expressão do sujeito, aprofundando-a ao máximo durante essa interação procurando a congruência entre o que o sujeito expressa e os objetivos almejados.

Nesse sentido a observação e a entrevista não são simplesmente técnicas. Constituem um processo permanente que une todo o desenvolver metodológico, garantindo a continuidade das diferentes formas de registro das observações e das expressões dos sujeitos, cujos sentidos devem ser interpretados, (Martínez 2002).

Os adolescentes desta investigação e a investigadora têm como língua nativa o espanhol. Deste modo, os dados foram obtidos nesta língua. No intuito de garantir o rigor científico da metodologia qualitativa, no que se refere à manter a fidelidade do texto proferido, foi necessário decidir sobre a melhor forma de apresentar estes dados.

Considerando que o investigador deve possuir flexibilidade e criatividade no momento da análise e apresentação dos dados, decidiu-se expor os registros das observações e

as falas no idioma original em que foram obtidos para conservar o seu sentido, a cultura e principalmente a essência qualitativa.

Segundo Martínez (2004), a análise de conteúdo aparece como uma técnica confiável que permite obter significados de materiais desenvolvidos numa base específica, neste caso a observação, o questionário aplicado e a entrevista, que ofereceram um modo de processar a informação e categorizá-la em dados analisáveis.

Apesar de que não existir um modo único e padronizado de efetuar a análise foram considerados alguns passos ou tarefas, apoiados no esquema geral de Miles e Huberman (1994).

A análise dos dados qualitativos significa a ordenação de todo o material obtido durante a pesquisa. Portanto, os dados registrados nos questionários mediante as perguntas abertas, os dados gravados na entrevista (reproduzidos) e no diário de campo (anotações feitas durante a observação) foram preparados para processamento por médio do tratamento qualitativo.

O procedimento interpretativo compreende várias etapas: redução de dados, disposição e transformação de dados, obtenção e verificação de conclusões:

1.- Redução dos dados

Deu-se início a esta etapa com a organização dos dados

Após a transcrição detalhada das entrevistas e a transposição dos dados dos questionários e do diário de campo, a informação foi organizada, dividindo-a em partes e relacionando-a para identificar os registros, com vistas à delimitação do foco de estudo e uma visualização mais ampla das expressões dos adolescentes. Foi utilizado durante o processo de análise de dados a previsão de espaços laterais para escrever comentários nas folhas usadas para a transcrição das falas, o que facilitou os recortes e os agrupamentos.

Os dados novamente foram revisados para o tratamento da informação, efetuando a simplificação, o resumo e seleção da informação, para torná-la compreensível e manejável. Na etapa de redução, os dados são selecionados e descartados através da comparação entre o objetivo da investigação e as expressões específicas do contexto estudado, considerando-se critérios teóricos (Lüdke 1986).

Segundo Krippendorff (1990), as unidades de registro são "partes analisáveis" em que se divide a unidade de amostragem. Neste processo de separação das unidades de registro, a seleção foi efetuada por segmentos específicos significativos, distribuindo em unidades temáticas aqueles parágrafos ou grupos de parágrafos que expressavam uma idéia ou um conceito central, sublinhado mediante a criação de um sistema de símbolos com cores. Examinaram-se as unidades para identificar os componentes temáticos que permitiram a classificação em uma ou outra categoria de conteúdo, fazendo anotações na margem dos parágrafos. Os componentes foram sublinhados e codificados através de abreviações da categoria a que foram assinados, com vistas a delimitá-los por segmentos de conteúdo, sem destruir seus possíveis relações com outras unidades de registro de uma mesma unidade de amostragem. É importante mencionar que a categorização das falas originou-se nas colocações proporcionadas pelos informantes, seguindo a guia para a entrevista e as respostas do questionário.

As primeiras unidades de registro foram representadas através de 7 categorias representadas com as seguintes cores e denominações.

Cores	Categorias
Laranja	Características de masculinidade
Azul	Meio cultural
Rosa	Privilégios de ser homem
Roxo	Conceito de masculino
Amarelo	Percepção de papel de mulher
Verde	Percepção de papel de homem
Cinza	Ingerir álcool

Resumindo a definição de cada uma das categorias desenvolvidas no início da análise de dados foi a seguinte:

Características de masculinidade: foram agrupadas as características físicas e as demonstrações de ser homem, assim como o treinamento ou rito para ser homem.

Meio cultural: foram agrupados vários elementos percebidos como parte do processo de construção da masculinidade, entre eles os conceitos de interação com seu ambiente e também sua percepção sobre as normas, valores, crenças, comportamentos que observa dos outros e dos meios de comunicação.

Privilégios de ser homem: as vantagens, desvantagens e privilégios de ser homem.

Percepção de papéis: conceitos que definem as atividades que devem ser feitas pelo pai, a mãe, e as atividades realizadas pelo adolescente. Também os comportamentos esperados do homem e a mulher.

Conceito de masculino: nesta categoria foram agrupadas as expressões de desprezo e mau trato à mulher e os conceitos expressos na relação de machismo como “bebedor”, conquistador.

Ao definir as unidades de registro, determinaram-se as variáveis de análise consideradas para cada unidade de registro, sem esquecer que as relações entre unidades de registro se mantêm sempre que se mencione a que unidade de amostragem pertencem e sem repeti-las em outras unidades. O estudo da relação entre estas variáveis e suas alternativas foi considerado como de importância decisiva na hora de sintetizar os resultados das unidades e foi realizado com grande cuidado.

Na etapa de codificação, reuniram-se e analisaram-se os dados segundo sua semelhança, forma sendo feitas anotações na margem do próprio material para a análise,

seguindo a seqüência para desenvolver categorias de codificação e sistematização dos dados quanto a sua correspondência efetiva ou negativa com a categoria. Os dados pertencentes a cada categoria foram separados de forma mecânica e não interpretativa, verificando os dados restantes e redefinindo a análise, até alcançar um esquema como forma de sintetizar a exposição dos conceitos encontrados na entrevista e questionários.

Cabe ressaltar, neste processo de reagrupamento, restaram 4 categorias provisórias, representadas da seguinte maneira:

Categorías	Subcategorías
Construção da masculinidade	Ambiente em sua volta, escola, família, meios de comunicação.
Papéis sociais	Definição e expectativas de papeis, o que lhe ensinam e o que vê
Masculinidade	Privilégios de ser homem, diferença entre homem e mulher
Manifestações de masculinidade	Conceito de masculino, machismo, atitudes negativas, tomar

Segundo Rodríguez (1996), uma categoria é definida por um construto mental com que o conteúdo de cada unidade pode ser comparado, de modo que possa ser determinada sua pertença ou não a essa categoria. Para o estabelecimento das categorias consideraram-se os focos centrais incluídos no questionário e a entrevista como fonte de categorias para reduzir os dados.

As categorias definiram-se pelo método indutivo. Examinaram-se os dados e foram estabelecidas categorias provisórias que, na etapa de codificação, foram modificadas a partir da comparação entre os dados agrupados em uma mesma categoria. O

mencionado autor estabelece uma série de requisitos que devem ser cumpridos pelas categorias para serem suscetíveis de medição, que são:

-Exaustividade das categorias. Qualquer unidade deve ser passível de localização em alguma das categorias, cobrindo todas as unidades diferenciadas nos dados.

-Exclusão mútua. Cada unidade se inclui em uma só categoria. Portanto, foi tomado cuidado para que um segmento de texto diferenciado não pertencesse simultaneamente a mais de uma categoria.

-Único princípio classificatório. As categorias devem estar elaboradas com base em um único critério de ordenação e classificação.

A identificação e classificação de elementos estão estreitamente unidas à síntese. Quando da categorização, diferentes unidades de dados foram localizadas em um mesmo conceito teórico, reduzindo as unidades a um só conceito que as representa.

Transformação dos dados

Rodríguez (1996) menciona que, quando a disposição dos dados fundamenta uma mudança na linguagem utilizada para expressá-los, falamos de transformação dos dados. Portanto, com vistas à apresentação dos dados, foi elaborado um esquema que mostra os sistemas de categorias, expondo as conexões existentes entre as categorias.

Foram dedicados tempo e um grupo importante de atividades dirigidas à obtenção dos resultados e conclusão do processo de análise. O objetivo da pesquisa foi contrastado com o material, refletindo sobre os conceitos iniciais para reavaliar o processo, na tentativa de confirmar que os resultados correspondiam aos significados e interpretações expressas pelos participantes. O final dessa atividade culminou na criação, a partir dos dados, de uma interpretação explicativa de como ocorre o processo de construção da masculinidade nos jovens investigados.

Processo de construção da masculinidade

Categorias	Subcategorias
1.- Definição dos papéis sociais: homem e mulher.	-Família, o que vê e o ambiente. -Meios de comunicação -Os jogos na escola, a preparação para ser homem.
2.- A identidade masculina	-O homem: manifestações, atribuições, vantagens, privilégios. -Forma de expressar a masculinidade, expectativas e manifestações. -O masculino e o machismo: definição, atribuições, manifestações, beber. -Os homens jovens e masculinos.
3.- Os papéis na família no contexto real	-Atividades realizadas pelo pai e a mãe. -Atividades realizadas pelos jovens.

Portanto, reconsiderando os temas definidos, as categorias identificadas e as leituras teóricas, esse processo foi caracterizado por 3 categorias que são: definição dos papéis sociais: homem e mulher, a identidade masculina e os papéis na família no contexto real. Cada uma contém subcategorias descritivas para maior especificação que serão descritas na apresentação dos resultados integrando a observação e as falas dos adolescentes, dando uma representatividade maior aos temas centrais identificados.

2.2.5 Procedimentos éticos

Esta pesquisa considerou os aspectos éticos estabelecidos nas determinações e princípios gerais da Lei Geral de Saúde no México, no que diz respeito à investigação para a saúde, especificamente: Título segundo no capítulo I, artigos 13, 14, 16,17, 18, 20, 21, 22; capítulo V, artigo 57.

De acordo com o título 2, Capítulo 1, artigo 13 diz que para o ser humano que é sujeito de uma pesquisa deve prevalecer o critério de respeito à sua dignidade e amparo a seus direitos e bem-estar.

Artigo 14 e artigo 20 referem-se à autonomia na colaboração e dizem que se deve contar com o consentimento livre e informado por escrito para participar ou não na investigação e seu consentimento com a observação. Neste caso, por serem menores de idade, seria o consentimento dos pais para poder observar seus filhos nas horas ou minutos de descanso.

Artigo 16 fala da privacidade do indivíduo que deve ser protegida. Por isso, a confidencialidade e o anonimato serão mantidos como procedimentos padrão no estudo, envolvendo o uso de um código numérico ou pseudônimos.

Artigo 17 menciona os riscos e benefícios individuais e coletivos, obrigando o pesquisador a garantir que os danos previsíveis serão evitados. Esta pesquisa foi considerada sem risco, já que as técnicas utilizadas foram observação não participativa, questionários abertos e entrevistas semi-estruturadas, não realizando nenhuma intervenção ou modificação intencional nos elementos físicos, psicológicos e sociais dos sujeitos de estudo e garantindo que a informação não se utilizasse com outros fins que não sejam o objetivo da investigação.

O artigo 18 menciona o direito à livre participação e a retirar-se em qualquer etapa da investigação, que foi informado aos participantes.

Artigos 21 e 22 determinam que para levar a cabo o consentimento informado, o sujeito de estudo deve receber uma explicação clara e completa sobre os objetivos e propósitos da investigação, e também dos procedimentos e técnicas que serão

utilizados e os problemas, riscos e benefícios esperados, garantindo a resposta ou explicação solicitada pelo participante em qualquer etapa.

Capítulo V artigo 57 refere-se ao estado de pessoas ou grupos que não tenham capacidade civil para dar seu consentimento, devendo ser assistido por seus pais, tutores ou representantes de acordo com a legislação mexicana. Por isso a solicitação do consentimento dos pais e dos sujeitos de estudo foi encaminhada de maneira escrita para explicar a participação nesta pesquisa, informando também de maneira verbal sobre sua forma de intervenção. Posteriormente foi lido e exposto para todos os entrevistados um formulário de consentimento informado que declara a natureza básica do estudo e a concordância das pessoas que vão ser entrevistados.

O formulário de consentimento informado apresentado aos pais e participantes se encontra no anexo D.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo procurou-se construir com os dados obtidos através dos procedimentos já mencionados (questionários, observações e entrevistas) o processo que culmina na construção da masculinidade. Trata-se de um encadeamento de categorias e sub-categorias dispostas de maneira que possam explicar os significados e comportamentos dos jovens a respeito da figura masculina e feminina.

A análise final permitiu identificar três categorias, nas quais se incluíram os respectivos componentes que ajudam a construir esse processo.

Definição de Papéis Sociais: Homem - Mulher

A maneira como os jovens vão sedimentando as idéias e crenças sobre o que é ser homem e as formas de expressá-lo constitui um processo complexo, no qual interferem: o contexto em que nasce, desenvolve-se e as relações estabelecidas com as pessoas de seu entorno, as quais lhe mostram os comportamentos e atitudes que o grupo social espera dele. Por outro lado, a sociedade, da qual faz parte esse grupo, oferece-lhe outros veículos responsáveis para manter ou modificar tais idéias, valores compartilhados e comportamentos esperados de cada um de seus membros ou grupos sociais.

Conforme indica o material obtido dos participantes desta investigação, a família é um instrumento importante para a definição e aprendizagem do papel de cada um dos sexos.

“Yo crecí creyendo que un padre es el que debe mantener a una familia, la mujer debe dedicarse a la casa, eso es lo que yo veo en la mayoría de mi familia... Por mi experiencia familiar en mi casa mi papa trabaja y mi mamá se queda en casa... mis tíos también.” (E.2)

“El hombre debe llevar el dinero a casa...Pues no se pero en la sociedad esta marcado como debes comportarte y no por lo que te digan, si no por lo que ves que hacen los demás... Por lo que veo, en otras familias de mis amigos”. (E.6)

“El rol que se da desde pequeño, se hace la diferenciación en el trato por lo juguetes y los juegos... Por ejemplo mi hermana que es la más chica, ella quería jugar con nosotros y no la dejaban mi mamá y mi abuela le compraban muñecas y cosas de mujeres y ella no los quería pero hasta que la hicieron que jugara como mujer... pero lo veo, en mi casa mi papá es el que manda, porque las mujeres no son tan inteligentes como para mandar en la casa y porque el hombre las tiene que mantener... Si mis familiares y también mis abuelos ellos siempre sacaron adelante a la familia y las mujeres deben obedecer y aunque sean importantes en la familia porque educan a los hijos, deben tratar bien a los hombres... Si en la sociedad no es bien visto si el hombre no mantiene la casa aunque ahora ya trabajan los dos, pero la mayoría el hombre es el que trabaja”. (E.19)

Nestas falas se evidencia o que deve fazer um homem e uma mulher e como os membros da família vão moldando aos filhos desde pequenos para que se encaixem no papel esperado, assim como as figuras familiares aparecem como modelos para os jovens; desse grupo surgem primeiramente as qualidades atribuídas ao homem: mais inteligência e iniciativa (trazer o dinheiro a casa), e a mulher menos inteligente e obediente. Também mencionam o tipo de atividade esperada para cada sexo, no caso do homem: manter a casa, mandar e no da mulher: dedicar-se a casa, sendo esta dirigida para tal tarefa desde pequena através dos “jogos de mulheres”.

Essas três falas, assim como a seguinte expõem com muita claridade esses valores e direcionamentos como provenientes de uma exigência da sociedade.

“Por lo que dice mi papá...Una vez escuche una platica de que mi abuelito, no dejaba salir a mi abuelita porque ya le andaba pegando, llegaba de su trabajo y le pegaba. Mi mamá me contó que su papá no la dejaba salir porque decía que la mujer nada más debe estar en su casa”. (E.4)

Observa-se aqui que para manter a mulher restrita ao seu papel exigido, utilizam-se procedimentos drásticos como a agressão física.

As conversas que se sucedem reforçam o peso dos brinquedos na educação dos meninos, direcionando-os para o comportamento esperado:

“Cuando somos pequeños nos van dando juguetes que son diferentes y creo que los juegos dan el carácter, porque las mujeres juegan con muñecas y les enseñan a ser sumisas y obedientes, hay lecturas donde la mujer en siglos pasados era sumisa y obediente, el hombre es la cabeza, es el que ordena y es como una herencia el que el hombre actúa como defensor y protector de la familia, porque tiene más fuerza y su mente no se quebranta fácilmente, no se deja llevar por los sentimientos. Creo que la mujer no debe estar tan sometida, pero si debe haber una diferencia, las mujeres deben darse su lugar”. (E.12)

“En la vida cotidiana se ve que las mujeres, aunque se dice que hay igualdad, eso no es cierto, a las mujeres se les tiene como débiles, por ejemplo mi hermana la consienten y la cuidan más, no tiene libertad, yo por ejemplo me puedo salir con mis amigos y nada más digo luego regreso y ella tiene que decir a donde va con quien va, creo que me tienen más confianza de que yo pienso más las cosas. Y también de que los hombres trabajan y las mujeres se quedan en la casa, bueno algunas trabajan, pero siempre un hombre debe cuidarlas. (11)... rol se da desde pequeño, porque se hace la diferenciación del trato con los juguetes y los juegos, a la mujer hay que tenerle más paciencia y consentirla y respetarla. Al hombre se le puede pegar cuando hace algo mal, porque aguanta más”. (E.11)

A primeira colocação enfatiza o aspecto do ensino da mulher que a torna mais submissa e obediente e ressalta os livros como um instrumento importante nessa tarefa. Por outro lado, o homem por uma questão de herança, atua como a “cabeça”, o que ordena, defende e protege a família, por ser mais forte e não se deixar levar pelos sentimentos, segundo a opinião do jovem a mulher não deve estar tão “submissa”, mas deve saber “seu lugar”.

Talvez por isso o outro participante afirme não haver igualdade entre os sexos, embora se diga que a há, segundo sua opinião as mulheres são tidas como frágeis e

necessitadas de proteção e controle. O jovem fundamenta-se em sua experiência pessoal para afirmar que aos homens têm mais confiança, no caso dos pais. Ele também corrobora a idéia que a diferenciação de papéis se faz desde pequenos e acredita que existem diferenças físicas e emocionais entre os sexos, ressaltando a força do homem (por isso “pode bate-la”) e a emotividade da mulher (“ter mas paciência e mima-la”).

Desvalorizar a mulher parece ser algo bastante presente no cotidiano dos jovens.

“Siempre hace de menos a la mujer, se impone...no todos pero la mayoría hace eso ante la sociedad. La mayoría de los que conozco dice, - hay las viejas! - -Hay no pinches viejas... en mi familia no es así, como que hay muchas mujeres y siempre tratan de cuidarlas, las apoyan, las hacen sentir bien...Nos llevamos bien con ellas a pesar de que son mujeres, nos enseñaron a respetarlas, a que todos somos iguales”. (E.7)

Aqui o jovem resalta que o cuidado e o apoio às mulheres existe em seu meio, assim como o respeito e que estas são iguais “apesar de serem mulheres”, isso denota, na verdade, uma concessão e não uma igualdade.

Os meios de comunicação assim como a família e amigos são mecanismos importantes para informar, consolidar valores e expectativas do papel de cada sexo.

“Lo veo en mis amigos, en mis familiares... El hombre debe tener poco más de carácter, y no llorar como las mujeres... (hombre llorar...) Se vería medio mal por que la que llora es la mujer por eso pienso que el hombre resiste mas... En lo que veo, en algunas partes, como en las películas, en los comerciales, de la TV. De alguna manera te dicen algunas cosas, como que la mujer es más débil y el hombre más fuerte e inteligente”. (E.3)

Portanto o homem deve ter mais caráter e não chorar, pois esse comportamento é esperado das mulheres (instáveis emocionalmente), as formas de

comunicação consolidam tais diferenças. O chorar significa expressar sentimentos e alguns não o vêem como exclusividade da mulher.

“Cuando te dicen no llores porque eres hombre... al llorar estas expresando tus sentimientos... algunos dicen que también los hombres puede manifestar sus sentimientos, como cantando, llorando, escribiendo poemas”. **(E.13)**

O trabalho é outro fator que os jovens utilizam para confirmar as diferenças:

“Es algo que yo veo, que yo pienso por ver a la gente y veo sus actitudes, su forma de mostrarse... para trabajar es más fácil para el hombre, por ejemplo yo encontré trabajo... si fuera mujer no me hubieran dado el trabajo, porque las mujeres no las dejan trabajar hasta muy noche”. **(E.1)**

“Es difícil que una mujer tenga un sueldo alto cosa que el hombre si puede lograr... En algunas cosas la mujer es mejor, y en otras es el hombre el que es mejor como la minería, los trabajos pesados”. **(E.16)**

A seleção para o trabalho, como o jovem menciona, ocorre em função das características do mesmo, ser “pesado”, ser em turno impróprio para as mulheres, fatos que ampliam as perspectivas de trabalho dos homens, assim como expõe a dificuldade de uma mulher obter salários mais altos, coisa que o homem pode conseguir com mais facilidade, também se menciona a existência de trabalhos em que a mulher é melhor, a fala a seguir especifica essa questão:

“En lo laboral hay más opciones de trabajo, aunque puede ser que también encuentren trabajos que normalmente son para hombres o trabajos que son para mujeres el hombre esta en ocasiones por ejemplo la cocina hay hombres que son chefs y la mayoría son hombres y que tienen buen sazón”. **(E.14)**

Este igual aos anteriores expressa a convicção de haver mais opções de trabalho para o homem, embora veja que ambos possam desempenhar trabalhos uns do

outros e exemplifica com o trabalho da cozinha, o qual pode ser feito por homens, como o caso dos chefes.

Somente um jovem se expressa de maneira um pouco diferente aos outros:

“No hay diferencias... He oído comentarios diferentes sobre el tema...como que la mujer debe quedarse en su casa. (Entre los hombres de casa?) ellos actúan como hombres, o sea que en mi casa las mujeres, tienen su lugar, por ejemplo mi mamá nunca he visto que mi papá le pegue o la trate mal”.

(E.20)

Segundo ele não há diferenças e em sua casa as mulheres têm seu lugar e menciona como exemplo a relação de seus pais.

Conforme os dados evidenciam a sociedade se mostra como o centro onde se originam valores, crenças e comportamentos esperados de seus membros. Nas afirmações dos jovens fica evidente essa função parecem três veículos (formas), dos quais a sociedade se vale para manter seus padrões: que estabelecem as regras, comportamentos esperados e valorados dos dois sexos, os papéis e as funções sociais.

Esses veículos são a família, que através da educação vai condicionando o comportamento de seus membros, ministrando informações sobre como comportasse, quais atitudes aprecia e quais despreza e inclusive no estímulo aos jogos que a sociedade considera próprios ou não para cada sexo.

Nessa tarefa a família conta com outro veículo que são os outros, as outras famílias, os amigos, ou outros não tão próximos, mas que façam parte do meio de relações de algum de seus membros, seus comportamentos e jogos também são observados ou fazem parte da experiência dos jovens.

O terceiro elemento são os meios de informação, ou seja, aqueles que informam por meio de suas produções (programas de televisão, comerciais, livros,

revistas) as normas e outras pautas culturais, é assim como reproduzem valores e crenças sociais.

“Cuando somos pequeños nos van dando juguetes que son diferentes y creo que los juegos dan el carácter, porque las mujeres juegan con muñecas y les enseñan a ser sumisas y obedientes, hay lecturas donde la mujer en siglos pasados era sumisa y obediente, el hombre es la cabeza, es el que ordena y es como una herencia el que el hombre actúa como defensor y protector de la familia, porque tiene más fuerza y su mente no se quebranta fácilmente, no se deja llevar por los sentimientos. Creo que la mujer no debe estar tan sometida, pero si debe haber una diferencia, las mujeres deben darse su lugar”. (E.12)

A mulher deve brincar como mulher, com bonecas, (treinando para cuidar dos filhos). O pai é o que manda, pois as mulheres não são tão inteligentes para isso e porque é o homem quem as mantém. Tal situação é presenciada em sua família, as mulheres devem obedecer ao homem. Uma possível explicação para isso pode-se obter da próxima fala.

“La sociedad no ve bien al hombre que no mantiene su casa”

Os Jogos Na Escola: A Preparação

A escola constitui o segundo espaço em importância na preparação dos jovens para exercer os papéis esperados pela sociedade. Nas interações que os participantes estabelecem entre si constata-se as formas de relacionar-se que foram criadas ao longo de gerações antecedentes e que vão sendo reaplicadas com as inovações próprias de cada época. Os jogos são uma dessas formas e observando-os, percebe-se que consistem em um ritual ou rituais de preparação para o que os espera na vida adulta, sendo inclusive, enfrentados como forma de treinamento.

As falas dos jovens mostram de maneira explícita que se trata de uma forma de comunicação exclusiva de homens.

“Entre mis compañeros y yo nos hablamos a groserías, nos golpeamos... Son juegos pesados, pero propios del hombre”. **(E.6)**

Comunicação que se traduz em um “jogo pesado e bruto” percebido como uma diversão, para relaxar e fomentar o companheirismo.

“Pues cuando nosotros jugamos nos pegamos, decimos groserías y platicamos de fútbol, de las fiestas... Es una manera sana de divertirnos, jugamos, el juego es medio pesado pero nos divertimos”. **(E.9)**

“Juegos bruscos, llevarse a golpes porque son juegos de hombres... es la manera de relajarse un poco, jugamos fútbol, platicamos sobre las clases que nos gustan y que no nos gustan, porque algunas son muy aburridas”. **(E.11)**

“Los juegos son agresivos, hay muchos gritos, aunque somos groseros existe compañerismo”. **(E.8)**

Mas também significam a possibilidade de entrar em um grupo e isso pressupõe sofrer, mostrar-se capaz de suportar a dor, para assim obter a aceitação:

“Los juegos son más bruscos, por que los hombres tenemos más fuerza. Nos podemos lastimar o algo dentro de el juego, y si no es mucho seguimos jugando para ser aceptados y que tus amigos no te digan nada o ya no sigues jugando si te duele mucho”. **(E.1)**

Porém conforme deixa implícito o jovem, aquele que não se submete ao “rito” sofre conseqüências que se explicitam melhor na fala seguinte:

“Los juegos dependen de cada quien pero si no haces lo que tus amigos te dicen te tachan de joto de gay pero esto es decisión de cada quien y uno sabe que no lo es”. (E.7)

Portanto, o jovem deve estar muito seguro de si para enfrentar os comentários que podem ser lhe feitos, principalmente aqueles relativos a sua masculinidade.

A próxima fala demonstra a maneira como deve reagir durante o ritual e qual seria o limite para isso:

“Pues si te están pegando te debes de aguantar por que si te quejas te echan carrilla, debes de aguantar, debes de aguantar, por que si no los demás van a pensar que eres débil...los juegos son rudos, pero un hombre debe de resistir, no debe de quejarse a menos de que de plano te duela o ya no puedas más, ahí ya te puedes salir del juego pero quedo claro que si puedes y que puedes resistir”. (E.3)

Ou seja, deve agüentar, mostrando sua resistênciã até o limite porque assim se avalia a força, não há lugar para queixa ou desistências, a menos que a dor causada no início do jogo tenha sido muito forte. Mas como o mesmo diz, “tem que ficar claro que pode resistir”, caso contrário será tachado como fraco e inferiorizado pelos demais.

Existe ainda, aqueles que não lhes agrada tais jogos, por considera-los pesados e percebem que existe “um grupo” que esta a par dos “descuidados” (os que baixam o guarda) e os escolhem como centro de suas brincadeiras. Mesmo não gostando dessas, o jovem acredita que deve suporta-las:

“No me gusta mucho, porque hay unos que son bien pesados, en el descanso están viendo a ver quien se descuida y te empujan, te hacen bromas pesadas y pues hay que aguantar”. (E.20)

No próximo comentário o jovem conta como são os jogos e quem são as principais vítimas:

“Como ven que están más chico, se aprovechan... pero se ha resuelto porque ya no me dejo... antes me querían pegar, me querían meter al tambo de la basura y te agarran y te ponen contra el poste y todos te empujan contra el y eso es un juego para ellos, y empecé a pensar y dije si me sigo dejando van a seguir haciendo eso y entonces digo si ellos me pegan, aunque me partan la cara, pero no me voy a dejar, algunos no hacen nada porque son muchos y ni modo que les gane a todos, eso esta mal porque se aprovechan y pues son juegos que hacen en el descanso... creo que una manifestación de masculinidad es abusar de su fuerza y es una cadena porque puede haber otros más fuertes y les van hacer lo mismo que a mí”.

(E.4)

Portanto “o ataque” se dirige aos mais frágeis (talvez para que tenham um pouco mais de fortaleza física e moral) e em grupo, consistindo em empurrões contra um poste ou coloca-los dentro da lata do lixo, jogos de intimidação que a vítima considera serem manifestações de masculinidade do grupo perante ele (além de uma forma de diversão daqueles) as quais deve reagir da mesma maneira, ainda que com isso se exponha a levar uma surra, o jovem parece não estar disposto a submeter-se embora alguns o façam, sendo assim, não se resigna, concorda ou pretende aturar esse tipo de jogo como uma cadeia em que sempre haverá um mais forte que dominará o mais fraco.

Outros entrevistados igualmente manifestam seu desagrado perante esses jogos e expõem seus motivos e opiniões sobre eles:

“Que juegan de manera brusca y puede ser peligroso, por los empujones y las bromas pesadas...Que no miden las consecuencias y hacen bromas muy pesadas como empujarte contra el poste y todos contra ti y no les importa si te lastiman... Que no me gustan mucho porque en el descanso hay algunos compañeros que se la pasan viendo a quien molestar”. **(E.13)**

Este diálogo confirma o que expressaram os últimos três jovens, contudo adiciona novos dados sobre o nível de violência dos jogos, pois os considera potencialmente perigosos à integridade dos escolhidos como “vítima” e ressalta os aspectos de inconveniência ou ainda, talvez de sadismo, uma vez que os “agressores” passam o intervalo procurando a quem importunar, e não medem as conseqüências de seus atos, nem tampouco parecem se preocupar se estão machucando os outros.

A fala seguinte evidencia uma opinião semelhante sobre os jogos e o “grupo agressor”

“Como en las bromas en los juegos, juegos pesados, empujones, así nos llevamos... No tengo amigos en la escuela... no me gusta su actitud y como actúan, como que todo les vale”. (E.18)

Este jovem refere-se aos jogos como bruscos, porém eles seriam uma forma de comunicação entre os jovens, mesmo que aparentemente não lhe agrade, manifesta ainda não ter amigos na escola e seu desagrado com o comportamento dos demais, pois estes não se importam com nada.

“Son muy rudos y los que no son rudos les dicen que pareces vieja...yo no juego, descanso”. (E.15)

Esta fala demonstra que o jovem não entra no jogo imposto pelos outros para demonstrar sua força, conseqüentemente sua masculinidade, e não lhe importa que lhe chamem de “velha”, parece estar seguro de si mesmo e de que não tem necessidade de medir sua força com ninguém, portanto...descansa.

A evidência de que estes jogos têm um caráter de rito no qual o jovem vai treinando para ser um futuro homem, é conferida pelo fato de que o jogo com essas características é uma prerrogativa dos “moços”.

“Con mis amigos me llevo diferente que con mis amigas, nos llevamos más fuerte, nos golpeamos o jugamos a las luchitas, cosas que no hago con mis amigas por la diferencia de fuerza física”.

(E.2)

Nesta entrevista constata-se esse treinamento (“lutinhas”) para ir adquirindo habilidade para combater e ao mesmo tempo se percebe a diferença de trato entre amigo e amiga, pois não se poderia fazer um jogo desse tipo (luta) com uma mulher, pois ela carece de força para isso.

Esse e outros atributos vistos como específicos das mulheres aparecem na fala de outros entrevistados:

“Agresivos, con groserías, golpes, entre nosotros, con las mujeres es diferente”. (E.10)

“Los juegos son con mayor fuerza, entre los hombres se dicen palabras fuertes como algunas majaderías que si están mujeres no las decimos”. (E.14)

“Pues jugamos a golpes, palabras fuertes, insultos. Estas cosas no se deben hacer con las mujeres por que son así como delicadas, dulces, tiernas y no deben ser agresivas o groseras”. (E.5)

Ou seja, existe uma maneira de comunicar-se verbal e corporal diferente com a mulher, não cabem insultos, nem golpes, pois ela tem uma natureza mais frágil e delicada. Os comentários expõem ainda como devem ser as mulheres (“doces, ternas”), bem como os comportamentos que não se esperam delas (“agressivas, rudes”).

Para estabelecer melhor compreensão do que são os jogos na escola, descreve-se a observação realizada aos jovens, onde se captaram suas formas de interação.

Os jogos: observação na escola

O grupo é formado por estudantes da classe 16 do segundo semestre e esta composta por 23 homens e 14 mulheres. A escolha ocorreu na presença do coordenador, de

maneira aleatória entre as 16 classes existentes, tirou-se um número a sorte e o escolhido foi o mencionado, suas aulas são ministradas no período vespertino e é a classe que tem mais homens, pois nas outras a maioria dos estudantes é do sexo feminino.

Com a prévia autorização do diretor e o consentimento do coordenador, (o qual um dia antes de iniciar a observação levou-me a conhecer as instalações e indicou-me qual era a classe do grupo), no dia 22 de março de 2004, compareço a escola, iniciando o período de observação, para isso procurei o melhor lugar para observar sem chamar a atenção dos alunos e professores.

O ambiente social no pátio

O ambiente é tranquilo pela tarde, os jovens eram muito amigáveis e divertidos, sempre rindo por tudo, poucos eram os que aparentavam estar preocupados, a maioria fuma muito, não há intervalo programado e quase não há forma de comprar algo para comer, a maioria dos professores termina sua classe 10 minutos antes, ou alguns 15 (nem sempre há intervalo), mas durante esse momento os alunos se aglomeram e é difícil para alguns comprar algo, em algumas ocasiões os professores não os deixam entrar na aula com os alimentos comprados, pois não devem comer dentro da classe. A jornada escolar é de 6 hs diárias e seu horário é das 15 a 21hs.

Todos se encontram imersos dentro de uma dinâmica social que lhes permite realizar algumas coisas e lhes impedem outras (por exemplo, não podem consumir alimentos ou bebidas dentro das classes).

Quanto ao trato de seus pertences, pode-se observar, que os homens chegavam e jogavam suas mochilas, (atiravam-nas no chão ou sobre as carteiras), ou seja, não eram cuidadosos com seus materiais. Em contrapartida as mulheres tinham suas

mochilas em melhor estado, e sempre as colocavam cuidadosamente em suas carteiras. Observou-se que as mulheres pareciam preocupar-se mais com os estudos do que os homens, pois nos intervalos entre as classes, eles eram os que sempre buscavam copiar as tarefas.

Nos intervalos os jovens se juntam formando grupos, sendo possível identificar quatro subgrupos: o do violão composto por doze pessoas entre meninos e meninas, são os que mais se reúnem, além de ser o grupo que mais se socializa com outros, principalmente com as mulheres; o do menino “punk” constituído por nove pessoas, são os que mais fumam e aborrecem aos outros; o dos mais pequenos de estatura que possui quatro homens e duas mulheres; o dos mais sérios composto por quatro alunos, cujas notas são as melhores (segundo referência de uma professora). No caso das mulheres se observou três grupos: o das garotas com maquiagem um pouco extravagante formado por quatro membros; o das mais “tranqüilas” integrado por quatro e finalmente o das que falam muito, fora e dentro da classe constituído por seis meninas.

Quase todos os estudantes utilizam entre eles a palavra “Wey” como forma de defini-los dentro de seu grupo social de jovens.

Quando algum professor se atrasa ou falta, os meninos vão à cantina para comprar algo para comer, a maioria dos homens vai jogar futebol na quadra de esportes localizada atrás da classe, com exceção do grupo do violão a maioria dos meninos gosta de jogar futebol, nesse jogo, quase todos eles se inter-relacionam, inclusive, às vezes, deixam de assistir as aulas por estarem jogando.

Nas horas vagas verificou-se a predominância de relações entre os grupos do mesmo sexo; grupos de homens com homens e mulheres com mulheres. A junção entre os sexos ocorre em determinados momentos, especialmente para pedir as tarefas ou

anotações, mas na convivência cotidiana, o que se verifica é a separação dos sexos, salvo no caso dos namorados.

Os casais dentro do grupo (só havia três) normalmente se separam dos demais para estarem conversando, porém quando o garoto é chamado para jogar futebol deixa a garota e vai jogar com os amigos.

É importante mencionar que quando algum professor se atrasa, alguns alunos saem correndo com suas mochilas, antes que chegue o outro professor, poucos permanecem na classe e às vezes nenhum.

Quanto ao uso de tabaco, observou-se que os homens fumam mais; para cada dez homens fumantes havia apenas uma mulher, parece que este hábito é mais aceito entre os homens do que entre as mulheres

A comunicação entre os jovens

Uma das formas de comunicação é o “assobiar”, expressão comum entre homens, quando um deles está com uma mulher, os outros assobiam ou fazem brincadeiras como um sinal de triunfo para esse que está com uma mulher. Além disso, o assobio é utilizado para chamar alguém, para fazer gozações ou como insulto, embora igualmente utilize-se para demonstrar seu agrado quando passa uma mulher bonita (em uma ocasião observou-se que todos os outros meninos assobiaram para um dos meninos do violão que entrava na classe rodeado de garotas, aparentemente como sinal de orgulho).

Por outro lado quando passa uma mulher que lhes agrada também lhe assobiam ou tecem galanteios “mamacita, que buena estas”, no caso daquela não lhes dar atenção, lhe dizem adeus “mãezinha fresa”. Normalmente os galanteios se dirigem às

garotas de outros grupos, esses não são feitos para as garotas pertencentes ao seu grupo, apenas em raras ocasiões eles as olham dessa maneira.

Outra forma de comunicação freqüente dentro dessa escola é o tocar violão. Pode-se observar que havia vários homens que levavam o violão (do grupo e de outros grupos) e a tocavam fora da classe ou no pátio. É importante ressaltar que sempre eram homens os que tocavam o violão, como se isso fosse uma exclusividade deles, inclusive não entravam na aula por estar tocando o violão. Sempre o tocam para as mulheres.

O relacionamento entre os grupos.

Os jovens do sexo masculino agrupam se em subgrupos compartilhando espaços e convivendo juntos. Suas maneiras de relacionar-se e comportar-se pareciam um tanto agressivas, batem-se, chutam-se, empurram-se, golpeiam-se, mostrando ser essa uma maneira de estabelecer contato.

Esses subgrupos se compunham em 3 tribos diferentes e as interações entre essas não eram freqüentes.

O grupo composto pelo menino “punk” (cabelo curto dos lados e na parte média da cabeça com o cabelo em pontas arrumadas com gel e de cor diferente). Ainda observou-se a outro jovem que possuía brincos e piercings em várias partes do corpo: orelhas, sobrancelhas, lábios passando uma imagem de poder, de rudeza. (não participaram da investigação por terem 17 anos e porque não gostaram muito da idéia, mostrando uma atitude resistente). Quando esses jovens se reúnem com seus companheiros são os mais brincalhões e os que mais perturbam os outros. Em uma das situações observadas, o grupo chama a um garoto de cabelo um pouco comprido e cheio de brincos

nas orelhas e sobrelhas que acabara de chegar, dizendo “wey vem, cabrón”, o menino se dirige ao grupo, sendo recebido com empurrões, ele demonstra estar feliz entre eles, nota-se que tal tipo de saudação é comum. Pode-se observar que o menino “punk” exerce certa liderança entre seu grupo, quando ele sai da classe ou mata aula os outros o seguem.

Às vezes os jovens saem da sala de aula, empurram-se entre eles e aos demais, bem como freqüentemente brincam de luta como se medissem sua força, especialmente o grupo do menino “punk” embora os outros grupos também o façam.

No grupo do violão são dois os que tocam esse instrumento, um deles parece ter mais habilidade ou conhecimento, já que ensina o outro. Durante os dias de observação, constatou-se esse fato, já que um deles pedia ao outro que o ensinasse. Eles reúnem-se com seus companheiros e com os jovens de outros grupos, ou seja, conseguem aglutinar elementos de outros grupos em sua volta. Juntos falam, tocam e cantam quando não têm alguma aula e às vezes não entram na classe, ficando no pátio da escola. Os dois que tocavam só entravam nas aulas que gostavam ou nas que o professor era muito severo. Esse grupo sempre estava rodeado de meninos e meninas, a maioria fuma e às vezes cantava. Percebeu-se que os “brincalhões” não se engraçavam com eles, nem lhes faziam brincadeiras, respeitando-os nesses momentos.

O grupo dos mais baixos de estatura sempre estava sentado conversando com algumas garotas e eram vítimas das brincadeiras da maioria de seus colegas de classe, os quais pareciam gostar de incomodá-los.

Certa ocasião, quando um dos membros desse grupo ia chegando, foi agarrado e colocado dentro da lata de lixo, com mochila e tudo, provocando risadas dos autores da brincadeira, o menino estava muito zangado e dizia que não queria jogar com eles, sendo então deixado dentro da lata de lixo, como não conseguia sair, todos os que

assistiam a cena começaram a rir. Esse não era o único tipo de brincadeira, em seguida serão expostas outras que eram bem comuns.

Os tipos de jogos

Foram identificados cinco tipos de jogos: poste, lata, atirar a bolinha, festa de aniversário e futebol, às maneiras de participar e como se desenvolvem serão descritas a seguir.

No jogo do poste os jovens se juntam em grupo, empurrando-se e fazendo gozações aos outros, quando vêem alguém mais fraco aproveitam-se dele, jogando-o contra o poste e mantendo-o aprisionado, para assim demonstrar como eles são os mais fortes.

No caso do jogo da lata, um dos meninos menores foi agarrado e colocado na lata de lixo com sua mochila e tudo, o que provocou muitas risadas, o menino estava muito zangado e dizia que não queria brincar com eles, estes em contrapartida lhe davam tapas e riam, quando finalmente o deixaram, ele não conseguia sair da lata.

No jogo da bolinha, pequenas bolinhas eram atiradas aos que passavam, viravam se imediatamente após o lançamento, para que a vítima não soubesse quem a tinha atirado. Quando a bolinha acertava o alvo ou o jovem procurava o responsável, os outros riam muito.

Na festa de aniversário empurram-se e tiram o aniversariante da classe, carregando-o até a torneira para molha-lo, depois o jogam ao chão e se jogam sobre ele, dão tapas e também o empurram contra o poste, segundo eles, tudo isso é feito porque é seu aniversário, e assim se comemora o aniversário dos colegas.

O jogo de futebol, para alguns, é mais importante que as aulas.

As formas de vestir dos jovens

Quanto à vestimenta os homens parecem gostar de ir vestidos de uma forma bem mais informal que as mulheres, com camisetas grandes, calças largas, alguns com cabelo curto e outros com cabelo cumprido, inclusive alguns têm um aspecto de pouca higiene e a maioria veste cores escuras.

Calça jeans e camiseta azul marinho ou preta são as cores que mais predominam. Dois meninos com aparência diferente, cita-se um com penteado tipo “punk” que já se descreveu, sua roupa é uma calça jeans larga, camiseta com frases, as mangas estão em tiras, outras vezes usa uma camiseta sem manga.

Identificaram-se quatro meninos que vão melhor vestidos, usam roupas tradicionais, vão bem penteados e com os sapatos lustrados. (são os dois que tocam violão e dois dos seus amigos) sentem-se diferentes em relação a seus colegas, são boêmios e de outra elite.

Quanto às mulheres observou-se o uso de roupa ajustada, torneando o corpo, a maioria traz calça jeans, blusa ajustada ressaltando o busto e sapato baixo, outras usam salto alto, saia ou vestido curto ajustado e maquiagem um pouco pesada (lábios de cor negro), o penteado leva muito gel. São quatro as que se identificaram com esta vestimenta.

Entrada e saída dos jovens ao sala o de classes.

Os jovens chegavam à escola, uns caminhando com pressa e outros sem vontade de chegar a classe, pediam a suas colegas a tarefa, algumas lhes emprestavam o caderno, outras não. Os homens eram sempre os que pediam a tarefa ou os trabalhos, quase sempre às garotas, raramente entre eles.

Geralmente nas primeiras horas de classe, os jovens vão chegando uns com pressa, outros arrastando os pés, no caso das suas mochilas uns as carregavam corretamente, já outros praticamente as arrastavam, uns as colocavam em suas carteiras, outros simplesmente as atiravam ao chão ou em cima das carteiras e iam conversar com seus colegas.

Quando termina a aula, eles ficavam ansiosos por sair, alguns professores pediam que copiassem a tarefa, mas na maior parte das vezes, mal o fazem e já saem correndo, empurrando-se uns aos outros, em direção à cantina ou ao pátio, onde se empurram e brincam de dar tapinhas na cabeça dos colegas.

Em algumas classes parte dos jovens entra na sala-de-aula e outra parte fica de fora, jogando despreocupadamente, sem se importar com a presença do professor. Observou-se certa vez que, enquanto a professora dava sua aula, um dos alunos atirava uma bolinha de papel em outro que estava distraído, e rapidamente se virava para que o colega não descobrisse quem era o autor da traquinagem, enquanto isso a vítima tentava encontrar o culpado, provocando risadas em toda a classe. A bagunça era tanta que a professora mal conseguia dar a sua aula.

Há classes em que entram sem vontade (especialmente na terceira ou quarta classe), e passam a aula conversando, falando alto e arrastando as carteiras, sem se importar com a presença do professor. Alguns querem entrar nas classes comendo, o que não lhes é permitido, outros chegam e se sentam fazendo barulho com suas carteiras. A participação nas aulas existe, porém parece depender da matéria ou do professor.

Com freqüência, os alunos entravam na sala de aula e sequer olhavam para o professor, tampouco lhe davam muita atenção, caso este os cumprimentasse, poucos respondiam a saudação. No término de algumas classes todos saiam correndo, empurrando-se entre eles, rindo e conversando, no caso das mulheres estas esperavam um pouco para

sair (sobretudo quando os alunos estavam se empurrando). Parece ser este o melhor momento para eles. Saem reunindo-se em grupos, homens com homens, e em poucas ocasiões se juntam com as mulheres, apenas para pedi-las as anotações e tarefas da próxima aula.

Na última hora de classes de uma matéria ministrada por uma professora muito jovem, notou-se que quando ela chegava a classe todos entram e a cumprimentam. Ela esta muito identificada com o grupo, o ambiente se torna alegre e muito dinâmico (poucas vezes observou-se isso com outro professor), ao terminar a aula ela fica conversando com eles fora da classe. Percebe-se que essa classe gosta dessa professora, sua aula é a que eles mais participam e não há tanta bagunça ou barulho de carteiras, pois todos prestam mais atenção. Ela conversa com eles, geralmente com os homens, apenas algumas mulheres se aproximam. Principalmente, verificou-se que não há aquele desespero por ir embora, não saem correndo, mas ficam conversando com ela até que esta se despeça e ainda a acompanham até o seu carro. Isto somente ocorre com essa professora, não se observou comportamento similar com nenhum outro professor.

Ao sair da escola alguns caminham empurrando-se, normalmente os casais saem de mãos dadas, outros esperam seus colegas, todos aparentam estar muito contentes por sair. Na porta de saída ficam alguns quietos, despedindo-se de seus amigos, cujos os pais vão busca-los, outros dirigem-se ao ponto de ônibus.

As atitudes dos professores

O professor da primeira aula geralmente é pontual, somente uma vez, durante o período de observação, atrasou-se 20 minutos, passou junto a mim, caminhando rapidamente, carregando uma pasta. Entrou na classe e cumprimentou os alunos, pondo a

pasta sobre a mesa, alguns jovens o saudaram, outros sequer notaram sua chegada. Dirigiu-se a lousa e fez algumas anotações. Teve que gritar com três garotos que estavam em pé, empurrando-se, para que estes se sentassem. Quanto às alunas, algumas conversavam, outras terminavam de arrumar o cabelo e outras faziam as unhas. Esse professor utilizava muito a lousa para escrever exemplos, alguns alunos faziam anotações. Percebeu-se que o professor tinha experiência com classes agitadas, pouco a pouco tentava controlar o grupo. Eram utilizadas várias dinâmicas, como dispor os alunos em círculo para obriga-los a participar e discutir sobre algum tema, nesse tipo de dinâmica eles permanecem calados (parecem temerosos de que sejam escolhidos para participar). Numa outra ocasião, o professor iniciou sua classe e os alunos foram chegando pouco a pouco, então aplicou uma prova surpresa, os que chegavam atrasados, sentaram-se rapidamente em suas carteiras. Diante do burburinho e da cola, o professor gritou com eles e estes se aquietaram. Dois dias depois, observei que não se escutava muito barulho na classe, parecia que estavam sendo dadas as notas da prova anterior. Depois escutava-se muito alvoroço e discussões com o professor, porém os alunos se dirigiam a ele com respeito.

A professora seguinte, sempre chegava de outra classe e vinha carregada de papéis, um pouco desorganizados, antes de ir para sua aula se reunia com outros professores e ficava conversando (como 30 minutos) nos corredores e depois entrava na classe. Alguns alunos adentravam a sala-de-aula, outros permaneciam fora jogando entre eles. Algumas vezes, ela chamava os jovens, parava na porta e lhes indicava que entrassem, alguns com relutância obedeciam, outros não lhe davam atenção e continuavam fora da classe, conversando e jogando.

Esta classe teve duração de 20 minutos, ela fez algumas anotações na lousa, distribuiu alguns textos para serem fotocopiados e saiu da sala. (percebeu-se que ela não estava a vontade com o grupo e não tinha um bom relacionamento com este, sendo lhe

indiferente se os alunos aprendiam ou não a matéria). Um dia chegou e chamou-os para a classe, aplicando um exame surpresa, os alunos se sentaram com muito alvoroço, mas depois quase não se ouvia ruído. A professora caminhava por toda a classe, porém isso não evitava que os alunos colassem, passando as respostas através de bilhetinhos quando esta não os olhava. Terminado o exame, todos saíram apressados. As garotas conversavam e fumavam com outros garotos (pareciam ansiosas para sair da sala-de-aula e fumar) como que para acabar com o estresse da prova. Num dia em que a professora chegou cedo, chamou os alunos para que entrassem na classe, alguns entraram, outros permaneceram fora, porém alguns estudantes quiseram entrar mais tarde à classe, o que não foi permitido pela professora, então foram jogar futebol. A professora parecia não controlar muito bem esse grupo, e durante sua aula os alunos geralmente estavam brincando e conversando.

A professora seguinte também não tinha a atenção de seus alunos que atiravam bolinhas de papel ou plástico naqueles que estavam distraídos, mesmo gritando com estes ela não conseguia a sua atenção, era difícil controlar a classe. Pertencia ao grupo de professores que se reuniam no corredor, e com eles ficava conversando por cerca de 20 a 30 minutos, depois dirigia-se a classe, os alunos que estivessem comendo eram proibidos de entrar, os que entravam ao se sentarem faziam muito barulho com as carteiras. A professora às vezes fazia algumas anotações na lousa, passava a lista de chamada e saía da sala-de-aula, quase não se observou a utilização de dinâmicas de grupo ou outras estratégias de ensino, sua interação com o grupo não era boa.

Certa ocasião, um casal abraçado entra na classe e os outros alunos assobiaram e fizeram brincadeiras (em sinal de triunfo para o colega que esta acompanhado). No horário do intervalo os alunos saem e vão diretamente para a cantina, amontoando-se e empurrando-se, alguns conseguem comprar comida, outros não, porque nesse horário saem quase todas as classes e a cantina não comporta tantos alunos.

O professor da terceira aula também tinha dificuldades em conseguir a atenção de seus alunos que continuavam atirando bolinhas, o professor chamava sua atenção, mas parecia ser difícil controlar os alunos. Utilizava muito a lousa, porém não se observou outra dinâmica de classe. Quase sempre, quando o professor lhes chamava a atenção eles se tranquilizavam um pouco, às vezes deixava-os fazerem um pouco de bagunça para então tentar acalmá-los. Notou-se que os alunos lhe tinham um certo respeito, contudo normalmente saiam da classe correndo rumo ao laboratório.

No dia em que a professora da classe anterior aplicou o exame, os alunos ficaram muito inquietos e quando o outro professor chegou havia muito barulho de carteiras, bagunça e assobios para os que chegavam. Este teve muita dificuldade em ministrar sua aula, os alunos estavam muito inquietos, havia muita bagunça, chamou-lhes a atenção várias vezes, mas estes só se acalmavam um pouco, ele escreveu a matéria na lousa, porém diante da impossibilidade de explicá-la, saiu da classe. Um dia antes, os meninos do grupo “punk” colocaram um garoto dentro da lata de lixo, esse mesmo professor assistiu da classe toda à cena, mas não tomou nenhuma providência.

A aula da professora jovem já mencionada parecia ser a única em que todos os alunos participavam e estavam tranquilos. Ela estava muito identificada com o grupo, todos iam a sua classe, o ambiente era alegre e muito dinâmico. Ela utilizava diferentes procedimentos para ensinar (dinâmicas de grupo) conseguindo a participação coletiva, embora houvesse bagunça, não era exagerada, caso o fosse, ele ficava na frente da lousa e os próprios alunos se calavam. No término das aulas, os alunos a seguiam e ficavam conversando com ela fora da sala.

Ao perceber a simpatia e confiança que esta tinha frente aos alunos, me apresentei e expliquei o que estava fazendo e pedi que me apoiasse para aplicar os questionários em sua aula e se fosse possível que me ajudasse a convencer os meninos a

participar das entrevistas, ela concordou, comentando que achava a investigação interessante, sendo assim, marcamos o dia pra ela apresentar-me ao grupo e aplicar os questionários.

Peculiaridades no processo de observação

Enquanto fazia anotações, um professor aproximou-se e disse que tinha curiosidade em saber o que eu fazia na escola, pois me conhecia e estranhou ver-me ali, expliquei-lhe o motivo de minha estada e conversamos por aproximadamente duas horas, perguntou-me sobre a investigação e algumas questões da escola, a partir daí conversávamos com frequência por 15 a 20 minutos depois do termino das aulas. Uma semana após nosso primeiro contato, ele me perguntou se já havia observado a conduta de seus colegas de trabalho, pois ele tinha pregado uma peça a seus colegas (aqueles professores que ficavam conversando nos corredores), contou-lhes que eu os estava avaliando e que deveria fazer um relatório sobre sua pontualidade e forma de dar aula.

Realmente pude verificar algumas mudanças na maneira de comportar-se dos professores, uma das professora chegou apenas 10 minutos atrasada, e am alguns dias chegava correndo e entrava diretamente na sala de aula, sem se deter no corredor. Na sala-de-aula a professora se virava para fora da classe como se estivesse procurando algo (parecia sentir-se observada). Ela gritava um pouco mais, na intenção de controlar o grupo. Comportamento semelhante teve outra professora, chegava e não ficava no corredor, embora se encontrasse com seus colegas, todos seguiam diretamente para suas classes, ao ingressar nestas, apenas alguns alunos se encontravam ali, pouco a pouco os outros estudantes foram chegando, depois de 15 minutos para manter a ordem, não deixou mais ninguém entrar.

Em outra ocasião um professor passou por mim e me cumprimentou (coisa que não tinha feito até então), foi a classe e voltou várias vezes para conferir onde eu estava, talvez pensou que eu o observava. Por isso tive que procurar outro lugar para a observação, onde nem alunos, nem professores se sentissem vigiados.

O comentário abaixo foi feito pelo professor que constantemente dialogava comigo referindo-se ao ingresso dos jovens:

“Porém é necessário mencionar também que nem todos que ingressam, atingem os objetivos, muitos desistem, sobretudo nos primeiros semestres, e há alguns que mesmo terminando o ano, o conhecimento que demonstram é muito limitado em relação à média e as habilidades que possuem”.

Perguntei-lhe sobre a capacitação dos professores e as técnicas mais utilizadas para o ensino, sua resposta foi a seguinte:

“Com respeito a isto, é precisamente onde se centram minhas aspirações, no procurar estratégias, que se orientem mais na aprendizagem dos alunos e não no ensino por parte dos professores; em procurar práticas que funcionem nesse tipo de situações, porque sendo realistas, não poderemos modificar o sistema educativo nacional, mas sim, procurar estratégias, que funcionem nestas condições (com grupos tão numerosos), e tudo isto obtendo um objetivo: que os alunos aprendam as matérias”.

“Pretende-se dar aos alunos uma formação integral, não só acadêmica, mas também cultural e esportiva, nisso estamos trabalhando alguns professores”

“Esta escola, é uma instituição com muitos anos de experiência, isso serviu para ir aperfeiçoando pouco a pouco seus serviços, pois a maioria de meus companheiros docentes conta com a experiência que lhes deram os anos”.

Outros professores também fizeram comentários sobre a atividade de ensino, a escola e os alunos.

Isso me permitiu conhecer alguns aspectos do colégio do ponto de vista dos professores que trabalham nessa escola.

“Alguns companheiros se desesperavam porque os jovens são difíceis e alguns não lhes interessa aprender nada, mas conforme vão amadurecendo entendem melhor, há jovens rebeldes, mas é coisa de entendê-los. Eu estou contente de trabalhar aqui, me entendo muito bem com eles, eu gosto de meu trabalho”.

Numa sexta-feira, ao chegar a escola notei que havia poucos professores e os alunos da classe 16 não se encontravam na sala, encontrei no corredor um professor que me explicou que geralmente as aulas nas sextas-feiras dificilmente ocorriam, os jovens iam a festas e os professores discutiam outros assuntos. A seguir transcreve-se a resposta do professor:

“As sextas-feiras, por uma ou outra razão, os meninos não assistem à aula e os professores tampouco. (são sexta-feira sociais) Os meninos vão a festas ou discos, e os professores alguns não comparecem e outros se reúnem para conversar ou tem reuniões entre as áreas”.

Um ponto importante a mencionar é a grande capacidade com que atualmente conta esta instituição para compartilhar seus serviços, isto implica que pode atender a uma grande quantidade de jovens, tentando abranger a maior número possível na região. Embora, todavia, é importante capacitar os professores para trabalhar desta forma.

Percebe-se um ambiente de companheirismo entre alguns alunos e docentes, pois a partir das observações realizadas apreciou-se que esses se dão bem, embora essa não seja a regra geral. O sistema de ensino existente não é tão rígido, para observar-se um marcado distanciamento entre alunos e professores.

O coordenador é muito acessível, independente da temática a ser abordada, sempre está disposto a receber os professores, os alunos ou os pais desses.

Estar observando os momentos, situações e espaços, onde ocorrem as interações dos jovens entre si e com os professores, me permitiu conhecer e compreendê-los melhor, através do trato cotidiano. A experiência me fez refletir que como professores

devemos estar melhor preparados e em condições de melhorar o ambiente escolar, procurando obter uma maior colaboração e entendimento entre todos.

A identidade masculina

Os comentários dos estudantes referentes às perguntas sobre o que entendiam por masculinidade, ou o que pensavam sobre ser homem e as maneiras de expressar-las, informam suas opiniões pelas quais se constata os significados atribuídos a esses dois temas que se entrelaçam conformando uma única categoria que se pode denominar de identidade masculina. Esta se apresenta como uma categoria composta por várias sub-categorias ou componentes que evidenciam sua complexidade

Nesse sentido, os jovens conformam uma visão que inclui aspectos em um nível mais geral e centrado no gênero que inclusive se define em contraste com o outro gênero.

“Lo que define el sexo o es un sexo; ser un hombre o una mujer”. **(E.1)**

“Del sexo opuesto al de la mujer”. **(E.20)**

“Lo de los hombres, el sexo masculino”. **(E.10)**

“Hombre órganos masculinos, macho”. **(E.19)**

“Hombre como una persona completa”. **(E.15)**

As últimas manifestações revelam o aspecto fisiológico do sexo (macho) e o ser homem como pessoa, sugerindo talvez a exigência de algo mais que o aspecto

físico. Este significado mais amplo da figura masculina igualmente se apresenta na fala seguinte.

“Un hombre, físicamente puede ser...definición de sexo o de forma de ser en todos los aspectos”. (E.18)

Essa perspectiva abre caminho para referir-se ao homem como ser social:

“El rol se da desde pequeño, se hace la diferenciación en el trato por lo juguetes y los juegos”. (E.19)

Esta afirmação do entrevistado apóia as considerações feitas na categoria anterior, confirmando como desde pequeno, o jovem vai aprendendo que ser homem também encerra um papel.

Mas o desempenho desse papel pressupõe mostrar a masculinidade através do aspecto do gênero, o qual está vinculado a uma atitude ou postura, bem como a atributos físicos e psíquicos específicos.

“En un hombre que tiene voz grave, postura erguida”. (E.2)

“Es comportarse como hombre, ser triunfador, es más fuerte, no es tan allegado a los sentimientos, cuando los demuestra se piensa que es más débil, hombre es una unidad con forma diferente a la mujer, cuerpo diferente”. (E.12)

“Pues la barba el bigote, la agresividad, somos más llevados, menos delicados, más toscos, menos miedosos...la forma de vestir...con pantalón, camisa...la forma de hablar de relacionarse con los demás...en sus conductas es agresivo, valiente” (E.5)

....”en la forma de caminar de hablar y de llevarse con los amigos” (E.19).

Tais falas sugerem que se espera do homem uma apresentação característica, não deixando dúvidas sobre sua masculinidade, no tocante a suas vestimentas, nos gestos e em sua aparência física de maneira geral.

Pela forma como se expõe ao meio se define a figura do homem:

“Por el aspecto, por su forma de vestir, también el hombre puede usar un arete pero esta consciente de que es hombre, pienso que esta bien definida la forma de ser del hombre y la mujer...la forma de caminar movimientos distintos a las mujeres porque ellas son más llamativas para que el hombre las vea. Por eso hace todo eso. otra es que (el hombre) quiere a las mujeres”. (E.4).

Neste comentário se confirma o mencionado sobre a apresentação social pertinente a um homem. O jovem ainda afirma que já estão definidas as formas de apresentar-se (ou as expectativas sociais de ser de cada sexo) e como o homem deve ser mais discreto (“Formal”) que a mulher, a qual pode expor-se mais, pois deve mostrar-se ao homem. Este por sua vez pode usar um acessório feminino (brinco) devido à segurança de sua masculinidade.

“En el vestir, si te vistes con ropa pegada los demás te van a decir joto...”.(E.3)

Esta declaração mostra a ênfase dada à vestimenta como um dos indicadores de masculinidade e as conseqüências de avançar as regras estabelecidas quanto ao vestuário considerando apropriado ao sexo masculino: ser visto como afeminado.

A masculinidade deve-se expandir nas atitudes e comportamentos manifestados nas relações que estabelece com outros. Esperam-se demonstrações de rudeza e força, inclusive através de comportamentos agressivos, devendo ainda controlar as emoções, porque não é apropriado demonstrar seus sentimentos, pois isso seria uma manifestação de debilidade e tal qualidade não é prerrogativa de um homem.

“Un hombre no debe ser débil , porque un hombre debe ser fuerte, supuestamente un hombre debe ser resistente medio tosco, de carácter más fuerte, serio, la seguridad que presenta”. (E.3)

“Es lo contrario a femenino, masa muscular grande, más inteligente que las mujeres” (E.9)

Observa-se que entre as prerrogativas designadas ao homem a força, a agressividade, a rudeza e a resistência são atributos que lhe definem como ser (pessoa) nas relações com seu entorno, as quais não se limitam ao aspecto físico, estendendo-se também ao âmbito da personalidade e do intelecto, ou seja, demonstram ou têm mais segurança e inteligência, conceito que se confirma nas falas expostas. Mas essa visão de homem não é uniforme podendo apresentar-se para os jovens com formatos distintos, provavelmente com base na realidade diária de seu meio:

“En algunos hombres es Ser toscos, rudos y groseros, si no fuera tosco rudo y grosero sería caballeroso y gentil, pero por lo general es tosco...Es más común ver hombres toscos rudos y groseros, que gentiles y corteses.” (E.5)

“Siendo responsable, tratando bien a las mujeres... tener voluntad y respetar a las mujeres”. (E.8)

O primeiro jovem mostra que existem duas propostas de identidade de homem: o rude e grosseiro e o cavalheiro e gentil, mas na realidade a primeira é a que se impõe, já a fala do outro entrevistado mostra um homem que se aproxima da segunda proposta de identidade, pois entre os predicados masculinos (responsabilidade, vontade) deve-se incluir o tratar bem e respeitar às mulheres. Este e outros aspectos se destacam na próxima fala.

“Ser una persona responsable, firme en lo que dice respetuoso con las personas sea hombre o mujer....Andar con muchas chicas, pero también ser una persona responsable y no dejar mujeres embarazadas...No dejarte que los demás hombres que te humillen, por que hay gente que le gusta humillar y hay otros que les gusta ser humillados...En tu forma de ser debes demostrar que no eres afeminado, que no te gustan las cosas que les gustan a las mujeres”. (E.16)

Nesta declaração estão sintetizados os atributos (responsabilidade, firmeza respeito e valentia) bem como as normas e regras de comportamento que o ser masculino deve considerar para configurar-se como homem. Destaca-se nesta fala a responsabilidade do homem na relação com a mulher, pode ser conquistador desde que tome cuidados, no sentido de evitar uma gravidez, pois isto seria uma irresponsabilidade de sua parte.

O comentário seguinte demonstra a responsabilidade em um sentido mais amplo e reafirma a resistência maior do homem em comparação com a mulher a respeito de seus sentimentos.

“Un hombre debe ser responsable y siempre va a ser más resistente que una mujer, es más resistente en los sentimientos, las mujeres... tienden más a sentirse mal y un hombre pues resiste más. Un hombre es más terco, tiene más voluntad, o sea, lo que diga el es lo que se hace; al hombre le vale lo que le digan las demás personas, como su chava; o algunos aspectos, los toma con más ligereza”. (E3)

Conforme menciona o entrevistado a mulher tende a ser mais frágil (“a sentir-se mau”) e inclui um novo atributo ao homem a teimosia em impor sua vontade sem deixar-se influenciar pela mulher ou por outros. Embora também possa em algumas ocasiões ser mais flexível.

De acordo com estas falas os jovens percebem que seu papel na sociedade quando comparado ao da mulher implica mais exigências, quanto ao físico,

psíquico e social, pois precisam incorporar a si mesmos inúmeros atributos para compor a figura ideal do homem.

As diferenças de atributos ou qualidades entre os gêneros conduzem a diferentes expectativas de papéis com atribuições sociais específicas nos espaços de convívio cotidiano, e isto, se constata através das opiniões sobre como se manifesta a masculinidade, referidas pelos adolescentes entrevistados; criações provenientes de vivências da realidade próxima (seu meio familiar) da vizinhança das instituições que frequenta (a escola) ou de idéias e valores divulgados na sociedade em geral e divulgados pelos meios de comunicação.

A expressão da masculinidade: expectativas e manifestações

Diversas falas ressaltam a posição de liderança que o homem deve ter, pois os atributos que possui lhe conferem uma capacidade maior de iniciativa e coordenação:

“Un hombre es aquel que es responsable con sus actos, con lo que dice, con lo que hace, que mantiene su casa, que tiene hijos y se responsabiliza”.... (E.1)

“El hombre tiene más responsabilidad por que debe mantener a la familia... Ser responsable, trabajador que mantienen su casa”. (E.2)

“Que la familia coma y que ande bien vestida que no les falte nada es la forma de demostrar que el hombre es el que coordina su casa que esta haciendo bien su trabajo...Cuando se es responsable...El hombre debe respetar a la mujer”. (E.17)

As maneiras de mostrar a masculinidade estão vinculadas ao fato de ser responsável por seus atos, por manter a casa e por seus filhos. O assumir suas ações pressupõe ter valores (acreditar que isso é importante) para cumprir o que diz. O ser aquele

que mantém a casa (família) inclui dois requisitos: trabalhar e portanto, tomar as decisões e dar indícios de que é um bom coordenador e provedor da prosperidade familiar.

Essas percepções de como manifestar o papel de homem se sucedem, assim como se adicionam as outras atribuições:

“Ser responsable, mantener una casa, cuidar a tu mujer...Ser fuerte, tener fuerza de voluntad para hacer lo que quieras, con responsabilidad”. **(E.7)**

“En quien la mujer se puede apoyar para comprenderla, en cuanto a platicar con él, ya cuando están casados le lleva el sustento para la casa”. **(E.9)**

“El respetar a los demás, tratar igual a las mujeres porque tenemos los mismos derechos”. **(E.10)**

“Ser responsable, respetar a las mujeres y tratarlas con igualdad....no insultar a la mujer, ayudarles en los quehaceres de la casa, entenderlas y respetarlas”. **(E.11)**

“Ser responsable, respetar a las mujeres y tratarlas con respeto...Ser responsable, tener palabra”. **(E.12)**

”El hombre debe respetar a la mujer”. **(E.17)**

“El ser responsable, amable, romántico con las mujeres y tratarlas bien... mantener a sus hijos, ser responsable con lo que hace”. **(E.20)**

Assim nestas conversas se confirma a responsabilidade, o respeito, a palavra, a força, em sentido amplo e restrito, como atributos que se esperam ver manifestados por um homem em relação à mulher e aos filhos, e principalmente o respeito para com ela, como ser (pessoa) igual, com os mesmos direitos, através de um tratamento

respeitoso, sem insultos, com amabilidade, entende-la e apóia-la, sendo companheiro de dialogo e até ajuda-la em suas atividades.

Mas nem todos têm essa visão:

“Respetando a las mujeres y ser el que gobierna en su casa pero con el apoyo de la mujer...**(E.13)**

Este trecho confirma a expectativa de liderança do homem na casa, tendo o governo embora conte com o apoio da mulher e lhe deva respeito. Mas o próprio jovem reconhece que isso não ocorre com tanta frequência:

“Con más frecuencia demuestran ser hombres, con la inquietud, y la arrogancia”. **(E.13)**

Com essa afirmação se percebe que o tipo de governo que existe na mente o jovem talvez seja uma direção mais compartilhada e democrática.

O mais comum, no entanto é o que se verifica nas falas a seguir:

“Pienso en responsabilidad, el deber que tenemos con la familia por que es lo que sucede como costumbre de que tienes que mantener la casa, No es común ver a un hombre que haga las labores de la casa lo común es que trabaje fuera”. **(E.5)**

“Un hombre tiene mayor posibilidad ante la sociedad que la mujer y mayor responsabilidad de formar una familia...” **(E.2)**

“Ser hombre es como cuando le llaman el sexo fuerte por que es el que trabaja el que tiene las riendas pero la mujer también tiene un papel muy importante. Aunque muchas veces el hombre toma muy enserio que es el que manda, que es superior y hace menos a la mujer. Siempre hace menos a la mujer, se impone siempre”. **(E.7)**

Conforme se observa, a divisão de tarefas entre os sexos é bastante clara, o homem mantém a casa com seu trabalho (fora), pois tem um dever com a família (sustentá-la) e a mulher tem as atividades do lar, da casa, não sendo comum que o homem participe dessas atividades.

Na outra fala, o homem é considerado como sexo forte por ser o que trabalha, possuindo o mando e embora o jovem reconheça que a mulher tem um papel importante, este está consciente que na realidade concreta há homens que imbuídos exageradamente desse poder consideram as mulheres como inferiores impondo sua vontade sobre elas, talvez porque sintam o apoio da sociedade (mais oportunidades), embora lhes seja exigido mais responsabilidade na formação de uma família.

Até o momento, o conteúdo das falas sugere que possuem alguns atributos específicos, como a força, valores e princípios, os quais conduzem a expectativas maiores como liderança, controle para autodeterminar a si e a sua família, bem como sustenta-la com seu trabalho (por ser o mais forte). Percepção esta confirmada na fala seguinte:

“llevar la dirección, el hombre da la orden y la mujer la acata...mmm...bueno de manera equitativa puede tomar decisiones...” (E.12)

Embora se corrija em seguida e complete que as decisões podem ser compartilhadas entre homem e mulher, fica explícita a idéia de que o homem manda e a mulher acata.

Talvez por considerar as expectativas demasiado elevadas e complexas as atribuições relacionadas ao papel de homem, os jovens entrevistados se percebem como alguém que tenha ou deva ter mais privilégios e oportunidades.

“Es lo más chido que me pudo haber pasado” (E.16)

O entrevistado manifesta sua satisfação por ter nascido homem.

Outros se consideram especiais ou diferentes porque além dos dotes físicos lhes exige um padrão de conduta moral e um caráter, isso, pois lhe confere certos privilégios.

“Es algo especial porque el hombre debe tener palabra y sostener-la...Em algunas cosas tener más privilegio que las mujeres como salir a fiestas por que hay menos peligro para los hombres y le tienen más confianza a los hombres por que tiene más fuerza y se puede defender”

Além dos dotes físicos, no caso da força, a condição de ser homem permite que suas diversões não sejam controladas, já que julgam não haver perigos para ele. Novamente as qualidades morais e de caráter aparecem justificando esses privilégios.

Novamente, as qualidades morais e de caráter aparecem justificando esses privilégios.

“Tener valores, principios, responsabilidad y también; Salir más que las mujeres, Entrar en varios lugares que las mujeres no como las discas; Superioridad como en la fuerza. Hay más facilidad de conseguir trabajo”. **(E.8)**

“Uno tiene más desempeño que la mujer en hacer las cosas para tener un buen futuro, en cuestión económica”. **(E.6)**

Nestas falas, volta-se a evidenciar os dotes físicos e morais, agregando-se o melhor desempenho do homem.

De igual maneira, a expressão seguinte manifesta que o homem deve assumir mais responsabilidades e por isso tem mais liberdade.

“Asumir más responsabilidades, tener más libertad” **(E.17)**

Entretanto outro jovem, embora confirme a existência de privilégios atribuídos ao homem pela sociedade ou pela família, tem uma opinião diferente dos outros:

“Hombre para mi Seria prácticamente es igual que la mujer, con algunos privilegios por parte de la familia o de la sociedad. Es igual en todos los sentidos”. (E.14)

Assim mulher e homem, a não ser fora do contexto social e da micro estrutura familiar, seriam dois seres virtualmente iguais ou até similares em todos os sentidos.

Em relação à categoria identidade masculina surge um componente cuja relevância se evidenciará mais adiante e que se faz presente em duas falas:

“Hombre...bueno una cosa es ser un hombre y otra ser un hombre macho” (E.6)

“Machismo”. (E.14)

Como se observa o macho surge não como sinônimo de masculinidade, mas sim como uma qualidade diferente, o mesmo se pode estender à expressão machismo, mencionada por outro jovem. Esses dois termos serão objeto de análise mais profunda depois que se apresentem as manifestações de masculinidade segundo a percepção dos entrevistados.

Nesta categoria também se apresenta a definição que os jovens dão sobre o homem, assim como seus atributos, vantagens, privilégios e manifestações. Igualmente o que eles entendem por macho e o machismo, notando-se a influência das gerações antecedentes.

Os adolescentes percebem que o entorno considera o homem mais seguro e digno de confiança, além dos privilégios conferidos, ter mais liberdade, por exemplo, o que se identifica pelas concessões que lhes fazem. Entre estas, destaca-se o beber como parte do processo de socialização do homem:

“Tomar y fumar es normal en los hombres” (E.19)

“Ser libre, tener mujeres, ir a fiestas tomar...” (E.9)

O beber faz parte de um conjunto de atitudes permitidas ao homem e em geral não é um ato separado:

“Los hombres son libres de expresarse, algunos toman y presumen de que se emborrachan... Pues eso que el hombre tiene más libertades... Juegan barajas, toman y presumen de que tienen mujeres” (E.14)

“El hombre debe tener voluntad para salir a delante y tener futuro....Ser libre, tener mujeres, ir a fiestas, tomar... debe tomar sus decisiones, por ejemplo si te dicen que te tomes una cerveza o vino debes de tener voluntad para decir si o no...El hombre debe ser libre para salir con sus amigos, para divertirse de vez en cuando”. (E.9)

Observa-se que o tomar faz parte de um conjunto de estratégias que o entorno cria para favorecer a convivência entre as pessoas, neste caso específico, entre o sexo masculino e se apresenta como uma possibilidade de diversão de homens na qual também se incluem as façanhas ou conquistas amorosas. Mas neste ato devem mostrar sua masculinidade em sentido amplo, pois mesmo tendo esses privilégios, devem manifestar sua vontade e não se deixar levar pelos outros; fazendo valer sua vontade.

O beber parece ser um componente aceito como parte das expressões de masculinidade e de convivência entre os amigos:

“Su forma de hablar, de llevarse con sus amigos, de convivir con ellos tomando”. (E.10)

“Si un hombre no se defiende cuando otro le busca pleito perdería hombría. Se comenzaría a preenjuiciar sobre él como que es Gey u otra cosa... la forma de tratar a los hombres y a las mujeres, con las actitudes que no son las mismas... Tomar de vez encunado con sus amigos, Eructar o hacer esos gestos vulgares que entre hombres lo vemos normal, Llevarse de una forma más brusca”. (E.2)

Nesta fala percebe-se os componentes que fazem parte da representação do papel do homem: enfrentar o desafio da luta, caso contrário, duvidariam de sua masculinidade; tratar-se entre eles de maneira rude; beber com os amigos e mostrar-se grosseiro.

A fala seguinte é um exemplo de como se incorporam os padrões de comportamento característicos do homem:

“El hombre se manifiesta con la fuerza, con su forma de tratar a la mujer, con sus gestos porque se tiene que imponer para que lo respeten” (E.19)

A seguir, informa como são introduzidos os homens ao ato de beber:

“... Mis familiares por ejemplo los domingos nos reunimos, platicamos, mis tíos toman, desde pequeños mi abuelo nos daba una copita para probar el vino y que cuando creciéramos no nos emborracháramos a la primera”. (E.19)

Os comentários expostos confirmam que a força, a forma de tratar a mulher e a imposição ante todos são condições para obter o respeito dos outros. Além disso, o jovem explicita como o beber foi aprendido em casa como parte dos ritos familiares para manter o grupo unido. Entretanto faltam indicadores mais específicos nesta fala que informem sobre como é o tratamento dispensado à mulher.

Embora se trace a imagem de um homem com características físicas e emocionais que lhe habilitam a desempenhar um papel social específico, o qual talvez por exigir demasiado dos jovens, também permita alguns privilégios e possibilidades de interação próprias deles, mas parece que alguns fazem objeções a essas representações.

“Saludos con señas vulgares, juegos bruscos, llevarse a golpes porque son juegos de hombres...” (E.11)

Não obstante o jovem perceba que estas são as manifestações esperadas, não deixa de fazer críticas a certos comportamentos:

“Algunos tíos, que toman y en algunas ocasiones no tratan bien a su esposa y mi papá nos dice que eso no esta correcto, porque la mujer es parte importante de la familia (E.11)

O entrevistado constata a vinculação do beber com o não tratar bem à mulher, e manifesta sua reprovação com esse mau trato, posto que a mulher é uma figura importante do contexto familiar. Portanto, se percebe que o reforço positivo ou negativo de uma idéia por alguém afetivamente importante pode ter um impacto efetivo na formação de opiniões do jovem.

Isso talvez explique a diferença de percepções dos entrevistados sobre o tema.

“Un hombre de verdad es responsable, trabaja, y no necesita tomar nada para ser hombre” (E.6)

O beber nesta conversa adquire uma conotação pejorativa, no sentido de aquele que bebe não é homem. Aqui o beber não é uma manifestação positiva do homem.

Esta diferença de opinião parece estar vinculada igualmente à outra, a um contexto que conforma uma imagem ou representação de homem que possui componentes que não agradam a alguns adolescentes:

“yo pienso que para ser hombre uno tiene que ser responsable... algunos creen que ser hombre es para tomar, fumar, y tener muchas mujeres.

Algunos Buscan mucho los pleitos, se siente más machos y tiene muchas mujeres, se siente más hombre que los otros hombres... le dice cosas a las mujeres y se siente más superior que los demás para el tener muchas mujeres es ser mas hombre...esta mal, no estoy de acuerdo”. (E.8)

Assim os comportamentos de beber, fumar, ser um conquistador e brigar não são qualidades para este jovem e não os considera como manifestações do homem, segundo sua opinião, o critério mais importante e que define o homem parece ser o da responsabilidade. Também ressalta a figura do macho como aquele que manifesta os comportamentos referidos, enfatizando a busca de brigas e a conquista de muitas mulheres, a maneira rude de se dirigir a elas e a arrogância com que se apresenta diante dos outros. A seguir apresenta-se outra opinião semelhante a anterior:

“(Eres hombre) con el simple hecho físicamente de ser masculino y no es necesario demostrar nada... eres responsable de lo que haces, y masculinidad seria que le gustan las mujeres...pero con más frecuencia demuestran el ser hombres teniendo más mujeres...no son responsables y toman mucho, fuman, y están contra de las mujeres, es una forma de demostrar, según ellos que son hombres”. (E.18)

De acordo com essa proposição não haveria que demonstrar uma coisa que fisicamente já é, o que confere a qualidade de homem é a responsabilidade e a forma de expressar sua masculinidade seria a preferência pelo sexo oposto. Contudo ele também reconhece que existe aquela figura definida na fala anterior, principalmente através dos comportamentos de beber, conquistar e posicionar-se contra as mulheres; para os homens que se encaixam nesse padrão, estas seriam, segundo informa o entrevistado, as demonstrações de ser homem.

A fala do jovem continua e apresenta uma perspectiva que nenhum outro mostrou

“Y ser macho es que cumple su palabra, y no tener muchas mujeres...aunque algunos creen que ser macho es tener varias mujeres y no respetarlas, tambien tomar mucho y convertirte en alcohólico y yo no estoy de acuerdo con eso porque no eres feliz y tampoco haces feliz a tu familia, Es todo”
(E. 18)

Conforme sua definição o macho, seria justamente o contrário do que foi apresentado pelos outros jovens em seus comentários, porém fica claro que é algo que ele acredita, trata-se da sua concepção, do que considera ser macho, a qual envolve uma atribuição do homem e não do macho como este é usualmente percebido e o jovem sabe disso, tanto que faz um adendo em que põe em evidência o estereotipo do macho, identificando-o, pelos mesmos atributos já expostos, ter muitas mulheres e não respeitá-las, enfatiza ainda o beber como um ato que gera infelicidade para o homem e sua família. Possivelmente esta concepção foi fundamentada na realidade de seu entorno, por isso o macho para ele é alguém que mantém sua palavra, não bebe e respeita a mulher.

Raciocínio similar pode ser encontrado na fala exposta a seguir:

“Cuando tomas mucho alcohol te hace actuar de otra manera hacen otras cosas que no están bien como buscar pleito, ponerte a gritar o ponerte necio y tratan mal a las mujeres”. (E.7)

Sob o efeito do álcool o homem se transforma, procura brigas, não se pode discutir com ele e ainda maltrata a mulher. Assim surge a dúvida: é esse um macho ou um homem que por beber excessivamente transformou seu comportamento?

Alguns jovens expressaram sua opinião sobre o macho à medida que têm definido o que é o homem e as manifestações de sua masculinidade e nessa tentativa surgiram figuras de homem, entre elas o macho e expressões ou maneiras de manifestar a masculinidade, próprias do homem e do macho, e essas concepções vão-se esclarecendo com a apresentação de outras partes da entrevista agrupadas no item seguinte.

O macho e o machismo

À medida que se vai expondo as falas dos jovens participantes do estudo, suas idéias e percepções sobre os termos macho e machismo configura-se os conceitos elaborados por eles para defini-los. Conforme se identificou antes parece existir uma vinculação desses termos com a maneira de atuar frente à mulher, em particular com arrogância e submissão, embora isso também se estenda para os outros homens que o chamado macho consideraria mais fracos.

“El hombre que se siente macho humilla a los demás, se siente más fuerte y eso no debe ser, nadie tiene el derecho de humillar, ni hacer sentir menos a nadie, el hombre debe ser responsable de sus actos. Un hombre macho es el que se siente superior a la mujer o puede llegar a discriminar o quitarle sus derechos de expresión”. (E.1)

“El que se siente superior a los demás golpeando a las mujeres, creyendo que nadie lo va a tocar y que todos lo van a respetar”. (E.6)

Portanto, as características definitivas de um macho, segundo estes adolescentes, seriam sentir-se superior e humilhar aos outros, ação esta que se dirige principalmente à mulher, através da discriminação, impedindo seu direito de expressão, inclusive usando de violência física. De acordo com a segunda fala sua onipotência é ilimitada.

Além disso, observa-se a manifestação de repúdio a esses comportamentos no conteúdo da primeira fala.

As declarações com esse mesmo tom somam-se as anteriores:

“El hombre que se siente macho por lo regular trata mal a la mujer y la hace menos, se siente superior a ella, cree que ella tiene que hacer todo lo que el diga, como un compañero que dice que la mujer solo sirve para cuidar a los niños y hacer los quehaceres y que el hombre es el que tiene que mantenerla”. (E.2)

“Muchos hombres que dicen que son muy machos, les pegan a las mujeres y que la mujer hace todo lo que diga y que nadie les hace nada y que mandan en su casa y que la mujer nada más debe estar de esclava en su casa”. (E.4)

Nessas falas evidencia-se aquela idéia de que o homem manda e a mulher obedece, referida antes sobre as expectativas em relação ao homem, pois se ele teria o governo, o podendo-o exercer de maneira mais ou menos arbitrária e exigir que a mulher cumpra o papel que lhe é destinado desde pequena: cuidar dos filhos e das atividades domésticas, sem direito a opinar sobre nada.

“Un macho es muy terco, tiene mucha voluntad, en el caso de que lo que diga el se debe de hacer a fuerza y siempre va a querer que una mujer se dedique solo para el y para sus hijos y nunca va a dejar que sus hijas estudien y tienen la idea de que una mujer debe ser para la casa”. (E.3)

“Pues que es más fuerte y que puede humillar a las mujeres. Lo puede demostrar no faltándole el respeto a las mujeres y no permite que las mujeres opinen”. (E.15)

Novamente aparece a arrogância que agora se estende a todas as figuras femininas da casa (mulher e filhas) a quem o homem impõe sua vontade e suas idéias sobre as funções da mulher.

Esses comportamentos parecem estar acompanhados ou acentuados pelo ato de beber:

“Es como una cadena, a si como que cuando toman se sienten bien machos”. (E.7)

“Es una persona que degrada a las mujeres las hace ver mal como esclavas, animales, las hace sentir mal, sobre todo si toman”. (E.5)

“Pues es el hombre que anda con varias mujeres, tomador que se cree más que los otros...Pues en lo que veo, por ejemplo algunos vecinos, que maltratan a sus mujeres porque toman y todavía más que andan con otras y les cuentan a sus amigos como si eso fuera bueno”. (E.20)

O perfil se mantém como o homem que desvaloriza a mulher, submetendo-a ao que considera ser seu papel (ficar em casa), já ele mantém sua liberdade o que lhe permite ter outras mulheres e vangloriar-se disso (conquistador) perante os amigos com quem compartilha o ato de beber, quanto mais estão sobre o efeito do álcool parece que mais esses comportamentos se exacerbam. Contudo parece que nem todos os jovens estão de acordo com essa maneira de ser, conforme se manifestou um deles e os outros apoiaram sua opinião.

“Creen que todo lo que hacen va a estar bien, que se siente superior a la mujer”. (E.8)

“Hombres que hacen menos a las mujeres y que quieren sentirse como si fueran lo más importante y tratan de controlarlas. Pero creo que eso no debe ser porque el hombre debe afrontar sus responsabilidades, y respetar a las mujeres” (E.9)

“En que algunos hombres se sienten superiores a las mujeres y no debe ser así, mi papá siempre peleaba con mi mamá y la humillaba y eso no debe ser”. (E.12)

Suas falas indicam mais ou menos veementemente sua reprovação a esses comportamentos de superioridade, imposição e conflitos, pois nem todas as mulheres se submetem como mostra a última fala. Ocorrendo brigas que podem chegar a agressões:

“Es una forma de humillar a la mujer... Agrediéndola verbalmente y físicamente con su orgullo... He visto que algunos creen que lo pueden todo, se sienten más que los demás y sobre todo si toman son agresivos bueno algunos creo que no todos. (E.10)

O conteúdo de parte da entrevista identifica como podem ocorrer alterações de comportamento naqueles que bebem, tornando-os agressivos. Contudo, também mostra que isso não ocorre com todos. A relação violência e beber não é uma relação causa e efeito como muitos consideram.

Sobre o sentir-se superior e possuidor do direito de humilhar, os jovens se manifestam da seguinte maneira.

“El que se siente así no tienen fundamento, porque muchas veces tratan de ocultar su temor a verse débiles y por lo regular toman y hacen tonterías”. (E.11)

Esta fala mostra o aspecto do ridículo ao qual o macho, principalmente quando bebe, se expõe diante dos outros e adiciona um fator novo como explicação para sua maneira de proceder: seu medo de enfrentar sua própria debilidade.

“Las desprecia, las hace menos y todo por problemas psicológicos, creo yo que esta mal”. (E.13)

Possivelmente por problemas psicológicos, o que não exclui a possibilidade exposta pelo outro jovem; a auto-imagem e auto-estima baixa podem levar a necessidade de auto-afirmar-se ante os outros.

“Por lo que veo, en la sociedad todavía se da el fenómeno del machismo...creo que se sigue y se seguirá dando hasta que maduren los hombres y se den cuenta de que están en un error, pero sobre todo cuando toman algunos se sienten muy machos”. (E.7)

Este jovem segue seu raciocínio na mesma direção, percebendo o machismo como um fenômeno que ocorre na sociedade e somente terminará quando os homens amadureçam, ou seja adquiram níveis mais elevados de maturidade emocional, quando não virem a mulher como uma ameaça a sua identidade de homem.

Outro jovem alerta para um perigo que pode efetivamente estar ocorrendo.

“Machista es cuando el hombre piensa que todo lo que hace esta bien y que todos tienen que respetar y obedecer y eso se va transmitiendo de una generación a otra”. (E.17)

A perpetuação da figura machista é algo que pode ocorrer em meio de uma comunidade à medida que as figuras significativas (pais, mães, tios, avós) vão dando indicativos aos jovens homens de como devem proceder. Tal afirmação tem fundamento quando outro entrevistado manifesta suas opiniões sobre o tema:

“se sigue dando y mucho...lo veo en vecinos. Los que se sienten muy machos son los que generalmente están consumiendo drogas o alcohol... Por que por mi casa hay muchos chavos que generalmente están consumiendo drogas y golpean a sus mujeres, son los que no trabajan”. (E.6)

Portanto, o fenômeno continua intenso, o jovem é testemunha disso, pois o observa em seu meio e constata as conseqüências entre os que bebem e usam drogas, que são os batem nas mulher. Como informação nova traz o fato de tratar-se de homens que não trabalham, mas não se pode afirmar se isso ocorre porque bebem e se drogam ou se é o contrário.

A entrevista seguinte adiciona um componente interessante ao fenômeno do machismo ao qual se contrapõe o feminismo.

“Que no solo hay machismo si no que también hay feminismo, por llevar la contraria al machismo y porque hay mujeres que se les declaran a los hombres ellas toman la iniciativa y eso no me gusta mucho porque soy muy romántico y espero encontrar una buena relación. Aunque creo que ya no existen las mujeres románticas. Ser hombre es ser romántico y serio y ser macho es presumir con las mujeres y creo que el hombre hace el machismo”. (E.14)

Aqui se verifica a mudança de posição das mulheres de passivas para ativas e isso não é bem aceito pelo jovem, pois parece que troca o ritual entre o homem e a mulher na situação de cortejar, na qual é o homem quem deveria tomar a iniciativa. Na sua opinião o macho é uma figura pretensiosa, que se mostra ou se expõe perante as mulheres.

Por fim, a fala abaixo parece fazer a distinção clara entre a figura do homem e a figura do macho:

“El hombre piensa más de dos veces, un cosa que el macho, por ejemplo un macho impone su voluntad, cree que tomando lo van a respetar y el hombre primero piensa y si no esta bien opta por otra opción y un hombre piensa diferente el concepto de mujer que un macho, un hombre piensa en apoyar a su mujer para que se supere, para que sea más culta para que estudie y no solo este en la casa y vea a sus hijos...Responsabilidad, el ser fuerte, honrado, trabajador, buena persona”. (E.3).

O homem pensa, o macho é impulsivo, sem controle, como o primeiro pensa é capaz de evoluir em seus conceitos e superar os ensinamentos e crenças que recebeu em seu meio e criar novas possibilidades. O jovem resgata os valores e atributos positivos que o meio inclui no ser masculino, mas adiciona as novas exigências que a modernidade impõe.

Sobre o ato de beber observa-se claramente uma diferença entre o beber do homem e o da mulher.

“Ahora he observado que hombres y mujeres toman y se ponen igual... Lo Que pasa es que cuando es un hombre el que toma no se ve tan mal por que es común, pero si es la mujer se dice que no tiene valores”. (E.10)

Observa-se que ao beber, os dois sexos apresentam-se da mesma maneira, porém o entorno é mais condescendente com o homem, já com a mulher a censura é clara e muito mais rigorosa (“no tiene valores”) isso se observará mais adiante quando se exporem às falas dos jovens sobre suas maneiras de comportamento diárias, especialmente nos momentos de lazer.

Os jovens: homens e machos

Neste item agruparam-se as falas indicativas das formas dos adolescentes demonstrarem sua masculinidade entre eles e para outros; como se comunicam às atividades de lazer que têm e as formas de relacionarem-se entre os meninos e meninas (amigas ou namoradas), assim como os temas de seus bate-papos e as situações enfrentadas por eles.

Nos comentários a seguir apresentados mostram como em seus contatos se reproduzem aqueles comportamentos já mencionados:

“Utilizan la fuerza para comunicarse...se empujan”. (E.15)

“denotan fuerza en el trato con los demás hombres, en la forma de llevarse o de jugar... llamar la atención de las mujeres, quedarte mirando a las muchachas bonitas”. (E.4)

“Cuando hay puros hombres tratan de quedar bien con las mujeres, de llamar la atención”. (E.7)

“Ser agresivo, pelear, trato brusco entre nosotros los hombres, si no uno es discriminado y te ven más débil”. (E.12)

Os conteúdos expostos indicam a maneira como devem comunicar-se os jovens nas relações entre eles. A força e a rudeza sempre estão presentes sob pena de serem considerados fracos, já com as mulheres o papel é o de conquistador. Por isso o jovem afirma o seguinte:

“Los que se sienten muy machos cuando pasan las mujeres les dicen algo como me las quiero coger o les dicen cosas de sexo. Yo no les digo eso porque mi papá me dice que a las mujeres hay que tratarlas con respeto”. (E.12)

Esse conquistador pode adquirir os moldes de macho, expressando-se de maneira grosseira, mas quando alguém significativo para ele, como seu pai, o desestimula a fazer tais comentários é um incentivo para ocorrerem mudanças de percepção positivas em relação à mulher.

Mas, parece que prevalecem entre eles algumas formas de encarar as relações entre homem e mulher, bastante similares as dos adultos:

“Si andas de novio y te preocupas por la chava los demás te echan carrilla, por que a un hombre le debe importar menos que a la mujer preocuparse por el hombre”. (E.3)

Ou seja, é a mulher quem deve manifestar preocupação, o homem deve mostrar a segurança do conquistador, caso contrário os amigos riram dele, é como se fosse uma manifestação de fragilidade demonstrar seus sentimentos.

O beber também está presente entre os jovens como uma de suas formas de diversão:

“Tomando demasiado, haciendo mucho escándalo de cualquier cosa”. (E.18)

“Cuando estas con tus amigos y no quieres tomar te hacen burla, claro que lo tienes que hacer con responsabilidad... No seas joto, toma, Como si el tomar, como que se sienten que tomando se vieran mas grandes, más hombres. Ellos te hacen pensar que si no tomas no eres hombre. Y tu que piensas de eso? pues que es un gran error. Yo casi no tomo, porque me regañan en mi casa”. (E.7)

“Cuando nosotros jugamos nos pegamos, decimos groserías y platicamos de fútbol, de las fiestas, bueno yo casi no voy no me dan permiso pero ellos platican de que tomaron o que les gusta alguna muchacha...(a fiestas) voy pero poco y me gusta ir poco porque luego mis amigos quieren que tome y no me gusta”. (E.9)

As duas últimas falas mostram como se usam estratégias para intimidar o jovem que não quer beber, os amigos utilizam a masculinidade como centro de suas brincadeiras “se não beber, não é homem” revelando que se o jovem não tiver bases sólidas que o ajudem a ampliar a segurança sobre si mesmo ou limites bem estabelecidos pela rede familiar, facilmente caíra frente a esses argumentos. Dar-lhe broncas em sua casa ou impor-lhe limites em suas ações funcionam como fatores de proteção.

A seguir outro comentário expõe de maneira evidente esse aspecto:

“Agresivos, con groserías, golpes, entre nosotros, con las mujeres es diferente... No tan fuerte por que no les puedes pegar pero también dicen groserías...hablamos lo que nos pasa o hacemos,

también de los reventones, de que alguno que no quiere tomar y se respeta, con mis amigos casi no toman ellos solo una cerveza de vez en cuando”. (E.10)

Novamente se constata o comportamento agressivo, medindo forças entre os meninos e sendo rudes com as garotas, cheios de si devido aos excessos no beber, mas também se observa o não a aceitação de imposições dos amigos para que bebe. Neste caso, o jovem mostra seu livre arbítrio decidindo quando beber e considera que os verdadeiros amigos respeitam sua vontade, e aqueles que insistirem para que ele a contrarie, não são seus amigos. Não se trata de que não queira experimentar, mas sim de uma questão de controle sobre si mesmo:

“Yo también he querido experimentar para ver que se siente estar borracho, pero creo que nadie jamás debe perder el control de si mismo, por eso me gusta seleccionar a mis amigos y que no me quieran obligar a hacer algo que yo no quiera o que no este seguro de que esta bien. Considero amigos a los que les pido ayuda y me apoyan”. (E.12)

A curiosidade está presente, porém também o perigo e o medo da perda de controle, assim a seleção dos amigos parece crucial, pois eles não o obrigaram a fazer aquilo que não queira. Para este jovem amigo é aquele que o ajuda e dá apoio.

Mas e a garotas como se divertem?

As adolescentes, segundo as expressões dos participantes, têm possibilidades de diversão mais limitadas:

“Los juegos, son de diversión y se llevan muy fuerte...que toman y es una forma de masculinidad... por ejemplo en una fiesta todos los hombres toman y las mujeres también toman pero poco”. (E.13)

Parece que elas não participam dos jogos porque estes são violentos e a parte de estar presente para ser conquistadas parece que nas festas estão adquirindo hábitos que são privilégio dos homens, como o beber, embora o entrevistado complementemente dizendo que bebem, mas pouco e a razão disso é explicada a seguir:

“A los hombres (compañeros) les gusta lo más rudo y a las mujeres no, a ellas les gusta más observar...algunos amigos les gusta más el vicio de tomar, de irse más de parranda que las mujeres, porque si ellas toman se ve mal... depende de ella, de su carácter, por que algunas toman y se dejan manosear, y eso no esta bien visto en la sociedad...Al hombre se le da más “Pistiar” y si llega una mujer no se acoplan. Con el hombre como que la sociedad ya está más acostumbrada a verlo tomar y con la mujer se va más mal”. (E.16)

“Si a un hombre lo ven mal, bueno cuando estas con tus amigos y no quieres tomar te hacen burla, claro que lo tienes que hacer con responsabilidad, pero cuando lo hace una mujer con mayor razón la miran feo” (E.7)

O adolescente faz uma distinção entre os comportamento de homens e mulheres, eles são rudes por isso jogam, elas preferem observar; o ir-se de farra, o beber é uma prerrogativa masculina e não feminina. O fato de uma mulher beber não é algo bem visto pela sociedade, caso ela faça isso terá que ter caráter e manter sua postura (não permitir que os homens a toquem). A sociedade esta acostumada a ver o homem bebendo, mas não a mulher. Beber exige responsabilidade e parece que a mulher não conseguiria fazê-lo (é mais fraca).

O próximo entrevistado entende que o ato de beber em si mesmo não é maléfico:

“Pienso que el tomar no es malo siempre y cuando se haga con responsabilidad y si te pasas te tachan como un irresponsable, en las mujeres esto es algo muy mal visto...si a un hombre lo ven mal...”. (E.7)

A responsabilidade é a diferença entre o beber como algo negativo ou não, pois quem se excede é tido como irresponsável, portanto manter o controle é algo essencial para beber. Em contrapartida, a mulher é muito mal vista quando bebe, talvez porque entre os atributos que a definem como ser não se encontre o autocontrole, pelo contrário é mais frágil e se deixa levar pelos sentimentos (segundo as falas anteriores).

As ofertas de bebida ou outros estão presentes nas vidas destes jovens:

“No me identifico mucho con mis amigos yo soy como soy y en mi caso no influyen, si no quiero hacer algo, no permito que influyan, en algunos casos me han hecho la oferta de tomar o alguna otra cosa, pero no acepto porque mi vicio son los videojuegos y pues si de vez en cuando me he tomado una cerveza pero prefiero gastarme el dinero en los videojuegos, porque las maquinitas son mi verdadera diversión”. (E.14)

A aceitação de si mesmo é um fator que protege ao jovem de exceder-se no beber e lhe faz imune às pressões dos amigos. Contudo, tem um vício que também é perigoso, o videojogo, principalmente porque o avalia como sua diversão.

Uma das entrevistas chama a atenção para as mudanças que estão ocorrendo no meio social a respeito do beber:

“Es algo que no me gusta, pero creo que para algunos es normal, ya todos toman en fiestas o reuniones, los grandes y ahora también los jóvenes, aunque algunos se cuidan de que sus papás no los vean, lo que se me hace medio feo es que las mujeres también toman...creo que es hereditario por que se piensa que es lo normal por que en tu familia sucede”. (E.5)

O jovem observa não existirem mais tantos limites em relação ao beber, a ponto de pensar que o uso de bebidas entre adultos e jovens deve ser algo normal. Sua fala expõe um aspecto a ser refletido pelos familiares e educadores, pois parece que os filhos interpretam um papel correspondente ao esperado por todos, tomando as precauções necessárias para que os adultos não descubram que eles estão fazendo coisas sem a sua devida permissão. Outra questão interessante ressaltada nesta fala é a herança do beber, no sentido de continuidade da tradição familiar, pois nesse texto o beber se apresenta como algo normal.

Em relação às mulheres sua opinião é semelhante a dos outros jovens, o beber entre o sexo feminino é algo que não se encaixa entre as expectativas desse papel.

Os papéis da família no contexto real: Atividades Realizadas pelo Pai e a Mãe.

As famílias dos adolescentes em sua maioria são compostas por pais e filhos, no entanto, há quatro casos sem a presença do pai e um sem a presença da mãe. Para eles a casa, como centro de comunicações familiares, vem a ser um lugar de reciprocidades de idéias, energia e de crescimento de identidades culturais, o que reforça a transmissão dos valores, princípios e costumes.

Conforme se observou nas falas dos jovens já apresentadas, parece ser que do ponto de vista familiar, esta determinada uma atividade, na qual os diferentes elementos que compõem a estrutura familiar interagem de modo mais ou menos adequado (entre si e com o entorno social) para levar a cabo suas funções dentro e fora do lar, isto permitiria o funcionamento harmônico e a capacidade de adaptação do indivíduo dentro de um contexto familiar, assim como do resto da sociedade.

Referiu-se aos padrões e costumes tidos como caracterizadores dos vínculos entre os membros do grupo familiar. As falas dos adolescentes sugerem que essa

etapa para eles é importante e constitui um momento decisivo na formação dos significados que sustentam sua identidade.

Na investigação aplicaram-se questionários, com o objetivo de complementar os dados sobre os jovens participantes do estudo, o que permitiu orientar a investigação na busca de informações sobre as funções que cada membro familiar realizava em seu meio. Utilizou-se essa estratégia pensando que seria mais fácil para o jovem escrever sobre as atividades laborais de seus pais e as atividades que ele realizava, posto que estava protegido pelo anonimato.

Conforme mencionado, as perguntas formuladas estavam direcionadas ao contexto do trabalho ou da ajuda nos trabalhos domésticos, dando-se a conhecer apenas as respostas sobre as atividades realizadas pelos pais e adolescentes apresentando um panorama geral.

Atividades dos pais

Reunindo as informações obtidas nas entrevistas e questionários, percebe-se que os jovens foram muito lacônicos em relação à atividade profissional ou ocupação do pai, mesmo tendo sido indagados sobre o assunto de forma direta, a maioria não especificou a função ou a área em que o pai trabalhava.

O conteúdo vago das respostas, talvez sugira que os jovens não queiram fornecer mais dados sobre esse item, assim a resposta padrão de 7 dos 20 participantes foi que seu pai “trabalhava”, 6 especificaram a profissão ou ocupação desempenhada por seus pais, as quais não serão reveladas neste estudo com o objetivo de manter o anonimato dos jovens. Também há situações em que o progenitor não vive no lar e a maioria deles não sabe informar sobre a ocupação de seus pais.

O trabalho da mãe

Os participantes do estudo igualmente detiveram informações sobre as ocupações trabalhistas maternas, apenas três informaram sobre a área de atuação de suas mães (uma com formação superior e as demais trabalhadoras do comércio).

Do total de mães presentes, 11 realizam dupla jornada: trabalho assalariado e no lar. Pois embora as respostas do questionário e entrevistas não especifiquem as atividades que elas exercem, há menção de que estas trabalham e fazem tarefas domésticas.

“Limpiar la casa e ir a trabajar. (C.3)

“Trabaja, lleva a mis hermanos a la escuela y recoge la casa” (C. 1)

“Trabaja y ayuda en algunos quehaceres” (C.16)

“Ama de casa y trabaja”. (C.12)

Como se pode observar há um número significativo de mulheres que desempenha trabalho assalariado e também executa os serviços domésticos, realizando assim uma dupla jornada. Numericamente, constata-se que 55 % das mulheres têm jornada dupla de trabalho, sendo assim, ainda existe um grande grupo de mulheres restritas ao lar e aquelas que trabalham fora continuam ainda responsáveis por grande parte das atividades domésticas.

Entre as mães, oito se dedicam exclusivamente às tarefas da casa:

“Las actividades del hogar” (C.17)

“Asear la casa” (C.18)

“Mi mamá lava, plancha hace el quehacer, limpia y recoge la casa” (C.10)

“Cocina y ya” (C.15)

“Barre, lava, cocina y otras más” (C.7)

Observa-se que as mães realizam todas ou parte das atividades da casa, mas há também aquelas que embora não trabalhem fora complementam esse trabalho com outra função:

“Cuida de mi primo (menor) (C.4)

No caso acima exposto, cuida dos filhos de familiares, podendo se inferir que está ajudando a outra mulher que trabalha fora de casa.

A seguir se apresentarão dados sobre a participação masculina nas atividades do lar, iniciando pela participação doméstica paterna, apenas quatro respostas informam a esse respeito.

“Trabaja y ayuda en la casa” (C.17)

“Ayuda en la casa y trabaja” (C.10)

Estas respostas indicam muito pouco sobre a colaboração paterna prestada nos lares.

Outros dois jovens são um pouco mais específicos sobre o assunto.

“Lava la ropa y trabaja” (C.13)

“Trabaja y hace la comida” (C.2)

Nesses registros observa-se efetivamente a participação nos trabalhos domésticos.

Passando a expor as atividades que os jovens desempenham em suas casas ter-se-á uma perspectiva completa da participação masculina nas atividades do lar.

Em suas respostas verifica-se como alguns se direcionam para atividades tidas como mais específicas do sexo masculino.

“Hacer reparaciones como instalar las tuberías que se dañan, o cambiar el tanque de gas, bañar a mis perros. (C. 1)

“chofer, ayudante, hacer los mandados y venir a la escuela”. (C.8)

Foram ressaltadas como importante o ir estudar, considerada uma atividade da mesma forma que outras mais subjetivas:

“ser ejemplo para mis hermanos. (C.20)

Outro grupo relatou de forma mais clara, as maneiras de colaborar com o trabalho doméstico:

“Alzar mi cuarto” (C.2)

“Recoger mi cuarto, barrer el patio, y la casa y cuando hay tiempo le ayudo a mi mamá a hacer de comer”. (C.5)

“Asear mi casa, ayudo a barrer, trapear”. (C.6)

“Trabajar haciendo labores en la casa como lavar, hacer de comer y demás”. (C.7)

“Ayudo a mi madre en los quehaceres domésticos, y en algunas ocasiones voy por mi hermanita de 9 años a la escuela”. (C.16)

A efetiva participação desses jovens mostra se de maneira bastante evidente. Alguns também ajudam suas mães, ainda que focalizados em tarefas relacionadas a seu próprio espaço ou sua pessoa, em alguns casos sua colaboração ocorre de maneira ocasional:

“Ayudo a mi mamá en cosas de la casa como tender mi cama”. (C.19)

“Hacer mi comida, ver TV, jugar el la computadora, limpiar mi cuarto”. (C. 3)

“En ocasiones ayudo a mi mamá en labores de la casa por lo regular solo hago mi tarea”. (C.4)

Nesse grupo percebe-se que entre as atividades que o jovem realiza diariamente, o participar das tarefas domésticas ocupa um lugar ao lado das tarefas escolares e das formas de diversão e inclusive da atividade laboral, quando esta existir.

Isso é o que se demonstra a seguir:

“Barrer, tender mi cama, lavar los trastes, ver la tele, jugar en la computadora”. (C.17)

“Barrer mi casa, arreglar mi cuarto, veo tele y juego en la computadora” (C.18)

“Ayudo a hacer el aseo, lavo el carro, riego el jardín” (C.14)

“Ayudo a hacer la casa y a mi papa en su negocio” (C.11)

Portanto as atividades tidas como exclusivamente femininas se mesclam a aquelas percebidas como mais direcionadas ao homem (lavar o carro, cuidar do jardim, dar banho aos cães). Mesmo o jovem que trabalha com o pai também ajuda nos trabalhos da casa.

Porém existem ainda, os que usufruem uma vida tranqüila dedicada somente ao estudo.

“Nada, solo estudiar” (C.9) ; “Nada”. (C.15)

Assim, dos vinte jovens, quinze (75%) têm sua vida cotidiana envolvida com atividades domésticas.

Com estes dados é possível analisar as mudanças culturais que estão ocorrendo nos jovens, particularmente pela forma como eles expressam o que é a masculinidade. Verifica-se um grande contraste entre o que eles dizem, o que lhes foi ensinado, a maneira que seus pais desempenham seus papéis e o que esses jovens fazem na prática diária. Os papéis em que se reproduzem as atitudes de masculinidade não estão

presentes no que eles têm que fazer, logo, parece estar em curso uma ruptura dos padrões de conduta com os quais os homens estão familiarizados, pois, grande parte das mães ajuda a prover (ou é provedora) economicamente no lar e os jovens estão ajudando-as concretamente nas tarefas domésticas, muito mais que os seus pais.

Isso como mínimo mostra que a masculinidade não é um padrão fixo, e que as mudanças sociais e econômicas vão criando novos papéis para o homem e para a mulher, embora não se tenha ainda constado nas falas anteriores dos jovens à ruptura com a tradicional atribuição de características e atividades próprias das mulheres e dos varões, divisão esta que na realidade de suas vidas não este ocorrendo.

4 DISCUSSÃO: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE

O material obtido dos jovens participantes deste estudo permitiu construir um processo explicativo da estruturação da masculinidade como uma pauta social a qual eles introduzem componentes individuais.

Neste capítulo busca-se explicar mediante o interacionismo simbólico, a visão dos participantes segundo os dados obtidos da análise, na tentativa de compreender como se originam os mecanismos presentes na sociedade que dão lugar ao estabelecimento das etapas que intervêm no processo de construção da masculinidade deste grupo de adolescentes, esclarecendo que, no presente estudo não se tem a intenção de generalizar, mas tão somente de entender como este processo ocorre em uma grupo de jovens do sexo masculino, tendo como base suas expressões e as interpretações que dão a um contexto no qual estão imersos.

Nos dados dos jovens a definição de papéis destaca-se no processo, como uma etapa inicial em que a família (pessoas significativas) tem uma atuação formativa na sua tarefa de estabelecer as diferenças de papel no homem e mulher, recebendo para tanto a ajuda dos meios de comunicação (livros, novelas de televisão e outros), bem como da escola, onde o jovem vai recebendo, através do simbolismo dos jogos, as informações sobre o que se espera de um homem e as várias possibilidades de manifestar essa condição (homem-homem e “homem-macho”).

A definição de papéis: o homem-a mulher

Mead (1973) preocupa-se da relação entre cultura, sociedade e personalidade. Para explicar isso o autor utilizou os símbolos na medida em que intervêm interações, formas de comportamento e ações de mais de um indivíduo. Nesse sentido a sua preocupação fundamental e a ação comunicativa (linguagem) extrapolando sua função de

entendimento para o papel de coordenação das atividades orientadas em direção às finalidades de diversos sujeitos, além de intermediar a socialização dos mesmos.

Para o autor referido, a sociedade humana tal como a conhecemos, não poderia existir sem os seres e suas mentes. Além disso, ele salienta que mentes racionais e seres conscientes emergem na sociedade por serem produto da interação social e especialmente da comunicação simbólica, através da linguagem. Os objetos que existem na natureza não são objetos até serem descobertos e nominados e aquilo que não existe na natureza pode constituir objeto se existir na mente dos sujeitos.

Neste sentido a maneira como os jovens vão sedimentando as idéias e crenças sobre o que é ser homem e as formas de expressá-lo constitui um processo complexo, no qual estabelecem interações com membros de sua família, de outras famílias, com os meios de comunicação e com seus companheiros. Confirmando portanto, que a cultura de todo grupo social constitui-se de seu mundo de objetos significativos, que interagem com a mente de cada pessoa, constituída de seu próprio mundo de objetos significativos.

Castoriades (1998) confirma a unidade da sociedade como instituição global e demonstra que esta unidade reflete a conexão interna da rede complexa de significados que situa, orienta e dirige a vida da sociedade tanto como a dos indivíduos concretos que a integram aos mesmos. Além de serem conduzidos pela sociedade os sujeitos estão imersos em suas instituições e dão vida às mesmas. Por isso, observam-se algumas diferenças nas formas de pensar dos jovens e embora suas concepções sobre os temas guardem semelhanças, também mostram peculiaridades que espelham as interpretações que fazem da sua experiência.

As unidades estruturadas da experiência, relatos ou expressões, são células de significados socialmente construídas através do apreendido, ou seja, os jovens expressam aquilo que aprenderam dos grupos de referência fundamentando-o na sua experiência pessoal,

como uma imposição parcial de significados acumulados na memória. A interpretação se dá quando seleciona ou descarta significados. O conceito de uma experiência tem uma dimensão temporal do vivido nela, a interpretação é um filtro da experiência (Bruner, 1990).

Dentro do processo de construção da masculinidades os jovens vão formando suas idéias e crenças sobre aquilo que é ser homem, relacionando o contexto em que nascem, se desenvolvem e as interações com a família, o meio e a sociedade, os quais através de suas condutas e direcionamentos mostram-lhes quais são as formas de atuar e de se conduzir esperadas.

Portanto, existe o conhecimento socialmente construído, que se estrutura em realidades sociais específicas, no caso, as realidades mostradas pelos participantes e que por sua vez são estruturantes no tipo de produção cognitiva que eles tem e transmitem.

Por isso, os jovens no seu cotidiano sentem concretamente as pressões, ou percebem através de modelos, as expectativas ou manifestações de um papel definido culturalmente, mas ainda assim podem ser capazes de negar essas demandas e criar outras alternativas, introduzindo modificações no papel esperado e inclusive esboçar alguns enfrentamentos ao manifestarem seu inconformismo com o já estabelecido.

Ainda assim, valorizam aspectos do papel de homem tradicional, embora implique em maior responsabilidade e pela manutenção da casa e da família, pois o seu meio fez com que percebessem o homem como física e emocionalmente mais forte (daí as cobranças) mais inteligente e capaz de “governar” e, em troca do reconhecimento desses atributos, têm direito a um tratamento privilegiado (liberdade de ir e vir) na condução de sua vida, em comparação com a adolescente mulher.

Entretanto, embora sintam-se privilegiados por serem do sexo masculino, parece que as expectativas do papel de homem são pesados para alguns. Em relação às mulheres, mesmo considerando legítimas algumas diferenças entre os dois sexos (fracas,

submissas, devem ser controladas e protegidas), questionam condutas observadas no seu meio, tais como o controle excessivo dos pais e a não aceitação de que elas exerçam atividades laborais e inclusive a existência de diferenças psicossociais entre homem e mulher que justifiquem diferentes formas de tratamento.

Geertz (1994) argumenta que a cultura não se localiza na cabeça dos homens, mas nos símbolos públicos, mediante os quais os membros de uma sociedade comunicam sua visão de mundo. O interesse centra-se na forma em que os símbolos modelam a maneira como os atores sociais vêm, sentem e pensam o mundo. Assim, o ponto de vista do ator é o produto da atuação social, desde a qual se dá o sentido à realidade. Dar sentido à cultura obriga o sujeito a situar-se na posição desde onde a mesma é construída.

Nisso, está a riqueza das contribuições dos jovens, a oportunidade de conhecer seus conceitos, suas formas de ver a vida e a maneira como eles a interpretam enquanto ao ser ideal. A sociedade através da família, escola e meios de comunicação, espera o desempenho de um papel, cujas atribuições e privilégios não estão presentes no meio de alguns adolescentes e quando os mesmos estão nem sempre representam cenas agradáveis, sobretudo quando evidenciam o maltrato da mulher.

O seu desagrado ocorre apesar do convívio com os grupos de referência presentes em sua existência.

Tais grupos são aqueles aos quais o indivíduo pertence de alguma maneira (família, grupos de escola, vizinhança, trabalho) e com quem estabelece uma interação reconhecida por outros. Eles impõem seus valores ou exercem influência nos valores de seus membros de maneira que o consenso possa ser alcançado no grupo (Shibutani, 1955). A qualidade e profundidade dos vínculos entre as pessoas varia de grupo para grupo, por isso, são diferenciados em primários e secundários (Cooley, 1999).

O caráter primário refere-se a grupo com quem o indivíduo se relaciona desde o nascimento ou tenra idade (família, grupo de brincadeiras), sendo estes, do ponto de vista qualitativo, os que mais influenciam no self da pessoa, proporcionando as motivações, normas e valores que dirigem seu comportamento e estruturam sua auto-imagem. Por isso, os grupos primários suportam com mais facilidade alterações produzidas pelas mudanças sociais, defendendo seus membros frente às mesmas, em qualquer época de sua evolução social (Cooley, 1999). Portanto, manter os padrões existentes também é parte da estratégia encontrada por um grupo para proteger seus membros.

Os grupos secundários referem-se àqueles outros não tão próximos, com os quais o indivíduo interage no seu processo de socialização. A sociedade educa para seus propósitos; expõe as metas a serem alcançadas; como e por quais caminhos atingi-las, mediante uma estrutura de convivência comunitária (em que se inserem os grupos secundários); ressalta a importância de manter contatos ativos e relações produtivas com os demais membros e com as organizações que configuram a sociedade. Além disso, a interação social também é intermediada pelos diferentes meios de comunicação (Cooley, 1999).

Nas afirmações dos jovens, conforme já mencionado, fica evidente a presença dos três veículos (grupos de referência) dos quais a sociedade se utiliza para manter os padrões que estabelecem as regras, comportamentos esperados e valorizados nos dois sexos, seus papéis e funções sociais.

Dentre esses veículos sobressai a família, pois através da educação vai condicionando o comportamento de seus membros, provendo as informações sobre quais comportamentos e atitudes valoriza ou desestimula as brincadeiras que a sociedade considera como próprias de cada sexo.

Pode-se considerar a família como uma instituição de integração, cooperação e interdependência unida pelo afeto mútuo entre os seus membros, com a finalidade precípua

de assegurar a sobrevivência da sociedade mediante a socialização. Esta consiste na assimilação consciente e inconsciente das pautas, costumes e normas comportamentais mais freqüentes na sociedade (Gilmore, 1994).

Nas falas dos adolescentes, evidencia-se o que um homem e uma mulher devem fazer como membros e a família vai modelando os filhos desde pequenos, para que se encaixem no papel esperado, bem como as figuras familiares disponíveis como modelos para esses jovens. Entretanto, as instituições, assim como oferece a linguagem, os valores, as necessidades e o trabalho, também participam contribuindo na organização do mundo social.

Segundo Abello (1998), a realidade de uma sociedade se constitui associando o que tem valor e o que não tem, entre o que é possível e o que não pode ser, entre o que se acredita e entre o que se interpreta, incluindo o falso e o fictício.

É nesse contexto que os adolescente percebem seu meio e o interpretam por isso, alguns mencionam não haver igualdade entre os sexos (embora ouçam que ela existe), da mesma forma, desenvolve-se a crença na fraqueza e necessidade de proteção e controle da mulher. Com base na sua experiência pessoal, afirmam, que os homens são mais confiáveis. Isto é sustentado num primeiro momento pela família e posteriormente o meio.

O processo de interpretação da realidade no interacionismo simbólico é o eixo da atribuição de significados. Ele consiste numa seqüência de etapas que inclui uma comunicação da pessoa consigo mesma, seguido da sinalização das partes que compõem o cenário presente, focalizando-se naquelas coisas que são significativas, às quais direciona sua atenção, e na seqüência interpreta os significados das mesmas (Blumer, 1969).

Contudo, não se trata de um processo automático e rígido no qual aplicam-se às coisas os significados socialmente estabelecidos.

É certo que o processo é ativado somente se houver articulação com um sistema de significados pré-existente mas, a interpretação constitui um processo formativo no

qual os significados são utilizados e revisados para orientar a ação humana. A interação social é o contexto no qual os significados se produzem, proporcionando por sua vez, o sentido das possíveis interpretações para todos os fenômenos (Blumer, 1969). Como a interação é um processo dinâmico a atribuição de significados também o é nisso reside a possibilidade de sua transformação.

O homem nasce inacabado e imaturo, encontrando, a segurança no meio sócio-cultural, que é uma criação humana.

Daí deriva a relação dialética entre a natureza e a sociedade, nessa relação o homem se auto-cria e com isso ele constrói, simultaneamente a realidade, que é diversa e não estaria completa sem o “o mundo social”, um produto humano e objetivo à frente do homem (Mead, 1973). Portanto, a socialização ocorre quando o ser humano interioriza a realidade.

Para o interacionismo simbólico de Mead, as instituições definem as pautas sociais da conduta individual num sentido amplo e geral, dando margem para a originalidade, para a flexibilidade e a variação dessa conduta, ou seja, permite o instituinte.

Com base nos conceitos expostos, entende-se como a sociedade e o meio familiar dos jovens participantes, conferem significados a qualidades definidoras de cada um dos sexos, levando a diferentes expectativas de papel, com atribuições sociais específicas nos espaços de convívio cotidiano. As opiniões desses adolescentes, a respeito das formas de manifestação de masculinidade, captadas na sua realidade, são um testemunho disso. Estas consistem em criações provenientes da sua experiência com grupos e instituições em que estão inseridos.

Na construção social do adolescente estão presentes prerrogativas atribuídas aos homens, tais como, a força, a agressividade, a rudeza, a resistência, as quais o definem como ser social. As estas crescem-se características relativas à personalidade e intelecto, como segurança e inteligência. Tal conceito aparece nas falas dos jovens, entretanto, essa

visão de homem não é compartilhada por todos, mostrando-se com outros formatos, evidenciando interpretações originadas, provavelmente, das suas relações com os grupos que compõem o seu meio, dentre outros.

As formas de interpretação divergentes dos padrões dominantes são possíveis na medida em que a sociedade não imprime apenas as pautas de comportamento social aos seus membros, mas também lhes proporciona uma mente que permite a cada indivíduo imprimir sua própria pauta à estrutura ou organização da sociedade humana. Com isso ele pode, em certo grau, reconstruir e modificar o padrão geral da conduta social ou do grupo. Assim, no decorrer de sua história, nessa relação com o meio, o indivíduo vai pensar, interpretar, adaptar e atuar (Mead, 1973).

Em razão desse conceito os jovens conseguem expressar suas idéias com base nas indicações que vão captando do seu meio, transformando em alguma medida, as pautas e costumes compartilhados pelos integrantes da família e grupos da comunidade, à qual eles estão integrados e com que aprenderam a se conduzir, foram se adaptando e receberam influência cultural, conseqüentemente, nesse processo, desenvolvem a sua identidade.

A socialização do papel sexual da criança ocorre mais em função de mudança no seu conhecimento da realidade (mundo) e nas dimensões ao longo das quais a sua experiência pode ser organizada, uma vez que a criança cria os significados dos papéis sexuais e o self os indica para si mesmo, ocorre a interpretação (Mead, 1973).

Esse processo se evidencia nos jovens, através das suas opiniões sobre o que é ser homem, nas quais mantém certas características designadas ao gênero masculino, confirmando a incorporação de alguns valores do meio, enquanto negam outros manifestando portanto, as suas próprias interpretações.

Por fim, os papéis são concepções dadas que incluem expectativas e obrigações: o indivíduo é (ou busca ser) o que percebe que deve fazer e o que se espera dele (Sander, 1977).

Isso está bastante presente nas falas dos jovens, através da exposição das características físicas, emocionais e morais específicas atribuídas a ambos sexos, os papéis ideais que se espera sejam praticados, embora alguns dos jovens não concordem totalmente com a divisão de atividades estabelecidas pelo seu ambiente cultural.

É fato que em todas as culturas existe uma transmissão sistemática acerca de como deve ser o homem e a mulher e que ao longo do desenvolvimento da sociedade, em todas as épocas, no processo de socialização ambos incorporaram os comportamentos esperados. Assim, as atribuições de masculinidades só se efetivam na interação homem mulher, quando as incorporam em diversos graus nas suas subjetividades, discursos e práticas (Arce, 1995).

Tradicionalmente, o papel esperado da mulher na sociedade, tem sido a procriação, o cuidado aos filhos e ao lar, enquanto que do homem era esperada a satisfação e sustento das necessidades da família. Portanto, a mulher sempre esteve mais relegada ao âmbito doméstico, competindo ao homem estabelecer os vínculos com o meio fora da família (Ariza, 1995).

Esse antecedente cultural se percebe nos comentários dos jovens participantes quando mencionam “ Eu cresci acreditando que um pai é quem deve manter a família e a mulher deve dedicar-se à casa, isso é o que eu vejo na maioria da minha família”. Essa realidade vivida certamente, influenciou na interpretação tradicional dada por alguns ao papel de homem. Porém, quando outros referem “minha mãe nos criou e sustentou a todos”, a mesma realidade forneceu novos elementos para que estes interpretassem os papéis de homem e mulher de maneira diferente à designada pela sociedade.

As condições domésticas não convencionais vivenciadas pelos jovens levam-nos a perceber as contradições entre o esperado pela sociedade e o que está ocorrendo no contexto familiar, principalmente no tocante ao desempenho de papéis e as atividades vinculadas aos mesmos. Daí questionarem a manutenção da mulher nos papéis tradicionais e reconhecerem (alguns deles) a existência da discriminação entre os sexos. Porém também se percebe a fixação de alguns aos padrões culturais conservadores, ao manifestarem sua concordância com a concepção de serem as mulheres pessoas frágeis, necessitadas de proteção e controle.

Segundo Mead (1973), na vida de relação sempre se assumem papéis e atribuem-se papéis aos outros, além de ser necessária a assunção de vários papéis ao mesmo tempo, sendo que todas as relações interpessoais, num dado grupo social, estão regidas por um interjogo permanente de papéis assumidos e atribuídos a partir do qual cria-se a coerência e vínculos do grupo. Portanto, os papéis se configuram na interação social concreta, ressaltando o seu caráter dinâmico e de transitoriedade.

O pressuposto teórico de Mead parece confirmar-se quando relacionado a tudo o que já foi exposto sobre o processo de definição de papéis sociais elaborado pelos jovens.

Os jogos na Escola: a iniciação

Conforme já foi mencionado, a pessoa surge como produto tanto das interações sociais como simbólicas, posto que sem as mesmas não existe linguagem e sem esta não há significados compartilhados e sem estes últimos, não são possíveis os acordos que regem uma comunidade social (Mead, 1973).

Depois da família, a escola constitui outro dos espaços, que contribuem no desenvolvimento dos jovens, para imprimir os padrões esperados pela sociedade.

Nestes dois âmbitos, supõem-se que aprendam a distinguir sentimentos, os valores, as atitudes e os hábitos de significação ético-social.

Para Mead (1973) existe uma organização da pessoa com referência à comunidade a de pertença e à situação em que a mesma se encontre. Os jogos são uma expressão concreta desse postulado. Para ele há duas etapas de jogo no desenvolvimento: o jogo espontâneo (play) e o jogo organizado (game).

No jogo espontâneo o indivíduo tem uma pessoa codificada a qual sobressai dentre as outras, através de um processo interno no qual (ele) manipula e modifica significados, ele toma o lugar do outro podendo por meio do jogo representar a este e a outros (essa é a fascinação do jogo), atendendo a uma necessidade infantil inconsciente de construir uma identidade, uma imagem de si. O jogo mais fundamental de todos na infância, é a família.

O jogo espontâneo caracteriza-se pela capacidade de identificar vários papéis ao mesmo tempo e também pela capacidade concreta de manter-se dentro do papel ou representar aquele atribuído pelo grupo. Nele não há muita ordem, enquanto que no jogo organizado predomina a ordem assumida, tendo o indivíduo que estar preparado para adotar a atitude de todos os envolvidos, cujos papéis devem manter uma relação definida uns com os outros, um exemplo é o esporte, onde se dão uma série de reações dos outros, de tal modo organizadas, que a atitude de um provoca a atitude adequada do outro.

A etapa do jogo organizado consiste num período da vida em que se aprende como sujeito o social responsável, arte de controlar a própria posição ou papel numa interação social (González, 1997). A etapa de competição no jogo é a capacidade de assumir e manter

uma identidade ou papel especial, é a capacidade de identificar-se cada vez mais com um papel e de discernir sobre a adequação maior de um sobre o outro.

As interações entre os jovens ocorreram tanto através de jogos espontâneos como organizados e conforme sua apreciação em jogos “próprios de homens”.

Eles continham os requisitos solicitados pelo meio social (força, controle, rudeza) ao homem, daí não serem considerados próprios para as mulheres, estas apenas observam. A esse respeito, desde muito cedo o grupo familiar ensina a elas os jogos de mulheres.

Assim, os jogos na escola estão destinados sobretudo, a sedimentar os papéis masculinos esperados.

Durante esses jogos percebe-se que as atitudes dos jovens mostram sua orientação para a necessidade social de reconhecimento e pertença ao grupo. Os jogos constituem uma forma de mostrar a existência de uma organização da pessoa com referência à comunidade ou grupo ao qual pertence. Observando os diversos tipos de jogos construídos pelos jovens e os papéis desempenhados nos mesmos, percebe-se que consistem em ritual ou rituais preliminares do que irão enfrentar na vida adulta.

Mediante os jogos espontâneos aprendem um conhecimento social imprescindível sobre o mundo humano, quando ao mesmo tempo em que se divertem (ou não). Aprendem a experimentar (embora de modo desarticulado e inconsciente) que eles são participantes da sociedade humana.

Os gestos e atitudes praticados nos jogos provocaram emoções e sentimentos diversos, dependendo do papel desempenhado (o fraco, o forte), sobretudo quando são de “iniciação” e dirigem-se especificamente aos mais frágeis (empurra-los, coloca-los no latão de lixo), sendo uma provocação em que os participantes podem manifestar sua masculinidade uns para com os outros, buscando estimular a força física e a identidade de homem. Isto

parecia reforçado pelo meio escolar, pois tais jogos ocorriam na presença de professores sem que estes os coibissem. Talvez por serem formas de relação criadas ao longo de gerações, que vão sendo replicadas com inovações próprias de cada época, porém com o mesmo objetivo de “treinar o jovem para a vida”.

Os adolescentes estabelecem uma comunicação simbólica “só para homens” (segundo eles) que se traduz em grosserias e num “jogo pesado... brusco, com empurrões”, para alguns uma forma de diversão, de relaxar, de fomentar o companheirismo.

Desde essa perspectiva da transformação do gesto em símbolo, segundo Mead, surgem os acordos normatizados socialmente, pois os membros de uma comunidade ao outorgarem os mesmos significados aos objetos ou situações, regulam suas ações mediante normas que são validadas na interação.

Os símbolos validados pelos jovens também significam a possibilidade de entrar no grupo e isto pressupõe sofrer, mostrar capacidade de tolerar a dor, pois se o jovem suportar obterá a aceitação do grupo. Desta maneira o símbolo de aceitação dá-se na representação do jogo, ou forma dos homens se tratarem, situação percebida como válida para todos os participantes e através da qual são produzidas as relações interpessoais, embora alguns não concordem com a existência de tais jogos e até não participem dos mesmos.

Porém, alguns dos não participantes desses jogos criam suas formas de interagir mais identificadas com sua subjetividade, é o caso dos adolescentes, é o caso dos adolescentes que tocam instrumento musical (guitarra), com isso atraem outros para quem esse comportamento tem significado, constituindo um outro grupo e assim outras formas possíveis de interação entre homens e mulheres (pois dele também as mulheres participam).

Nesses processos sociais o indivíduo não somente surge como um ser consciente de sua individualidade, mas também ao incorporar a moral do seu meio social transforma-se num membro orgânico da sociedade, diferenciando-se numa função especial e

graças à sua experiência de identificação, surge como uma personalidade organizada, consciente da comunidade à qual pertence. Com isto a sociedade pode exercer o controle sobre o mesmo.

Esta identidade aparece constituída de atributos específicos, com os quais poderão atender as expectativas e obter os privilégios que a sociedade lhes outorga segundo sua percepção (oportunidades de trabalho, liberdade, melhores salários) já a mulher, aparece em desvantagem devido ao papel atribuído, pela desvalorização que o mesmo encerra.

Embora os jovens reconheçam a importância do papel da mulher, têm senso crítico suficiente para perceber uma realidade concreta na qual existem homens que, imbuídos de um poder exagerado, consideram as mulheres inferiores impondo-lhes sua vontade.

Observando a realidade e conforme definem a situação em que se encontram nos diversos momentos de sua vida, tendo como base os vários personagens masculinos com quem interagem (próximos e distantes), os jovens reconhecem as identidades de homem e de macho.

A identidade masculina

As expressões dos participantes, relacionadas à questões sobre suas opiniões acerca da masculinidade ou do ser homem, confirmam que os dois conceitos unem-se ajudando a configurar a categoria identidade masculina. Os jovens expressam um enfoque contendo aspectos centrados no gênero que inclusive se pontua na diferença com o outro gênero, enquanto ao físico, psíquico e social, diferenciando o seu papel na sociedade que, em contraste com o da mulher, envolve mais exigências que incorporam a si mesmos para formar a identidade ideal de homens.

As diferentes interpretações dos jovens conduzem a uma identidade de homem rude, grosseiro, violento e outro de cavalheiro, protetor, gentil e respeitoso com a mulher sugerindo a igualdade de gênero, porém na realidade a primeira é a predominante e da qual derivam as manifestações e conceitos de macho e machismo.

Essas duas concepções de identidade são possíveis na medida em que a identidade pessoal é construída numa cultura particular que representa o ambiente privilegiado para definir a especificidade de cada indivíduo. A identidade advém de um processo complexo de uma história pessoal construída no interior de trama de relações interpessoais e de interações múltiplas com o ambiente, partindo da elaboração dos modelos de adultos, em primeiro lugar pais e professores, como agentes sociais das culturas familiar e escolar (Ibarra, 2002).

Portanto, os personagens que dão origem à concepção das identidades de macho e machismo provém de tais contextos.

Os meios de informação (livros, revistas, televisão, cinema) constituem importante recurso na reprodução de valores e crenças sociais associadas à identidade masculina, pois informam com situações através das quais podem influir na atividade e experiência das pessoas (Mead, 1973).

A identidade de macho como homem rude, grosseiro, prepotente e violento não foi bem vista pela maioria dos jovens, talvez por não aceitarem identificar-se com esse personagem, porque as expectativas de papel que conduzem a ele não correspondem àquelas aceitas pelo seu grupo primário. Assim também suas formas de manifestar a masculinidade pode não fazer sentido nessa identidade.

Conforme já exposto, a sociedade não é imutável e as relações sociais tem adquirido um sentido diferente ao da herança, proveniente da tradição cultural, que instituiu as formas de interação entre homens e mulheres.

Nas relações familiares, que situaram o homem na posição de máxima autoridade e consolidaram os seus privilégios nos âmbitos da vida social está surgindo uma nova cultura expressa através de mudanças nos princípios e normas, que regem as condutas dos indivíduos, ou em valores e expectativas norteadoras de projetos de vida dos membros de cada gênero e da própria coletividade. Para isso também tem contribuído mudanças ocorridas em processos mais complexos, relacionados ao efeito provocado pela inserção de novo esquema simbólico decorrente de uma realidade que não corresponde ao estabelecido anteriormente (Montesinos, 1995).

A idéia de uma identidade masculina respaldada em valores tradicionais, não afinada com as mudanças culturais vivenciadas no século XX e início do XXI, provoca conflitos e desestabilização na prática social dos indivíduos, particularmente naqueles que não conseguem compreender nem aceitar a emergência de novas formas de identidade feminina, que permitem à mulher participar do poder, antes monopolizado apenas pelos homens.

As inovações no contexto social são possíveis porque também o são nos indivíduos que o constituem, a relação indivíduo sociedade é dialética. A internalização dos elementos socioculturais da comunidade ou grupo social organizado, permite o surgimento de um indivíduo ativo cuja personalidade está constituída por duas fases interdependentes: o “mim” e o “eu” (Mead, 1973).

O “mim social” pressupõe um indivíduo convencional, habitual, que incorpora os hábitos e reações de todos, as normas e regras sociais, condição esta, que possibilita ao indivíduo ser membro da comunidade. O “Eu”, é a fase da personalidade que compreende um princípio de autonomia e liberdade, através do qual o indivíduo reage frente a organização ou sistema do qual faz parte. Assim, o “Eu consciente” ao deparar-se com um elemento de novidade, frente ao “mim organizado”, afeta em certo grau o sistema de relações sociais em que está inserido.

Com base no interacionismo simbólico, a responsabilidade consciente somente pode explica-ser partindo da existência do “mim” e toda a novidade que surge na experiência a partir da existência do “eu”. Em termos de interações dirigidas à transformação social, o fato de compreender a formação da pessoa desde essa perspectiva, introduz elementos interessantes a serem considerados, particularmente a capacidade, que outorga ao indivíduo de construir sua própria ação, intermediada pelas interações com os outros.

O “beber” como expressão de masculinidade

A ação de consumir bebidas alcoólicas foi interpretado pelos jovens como uma manifestação masculina presente tanto no homem como no “macho”, porém a forma de se apresentar nessa ação é o que diferencia o “beber” de um e do outro.

Os jovens expressam seus conceitos diferenciando os comportamentos de ambos ao “beber”, havendo uma diferença negativa no “beber” do macho, sobretudo centrada na forma de tratar a mulher.

O consumir bebidas alcoólicas aparece como privilégio do homem, uma forma de diversão entre amigos, assim como o vangloriar-se de façanhas ou conquistas amorosas; esse conjunto compõe formas de expressão da sua masculinidade. Além disso, os jovens aprenderam que o “beber” é um ato próprio do homem em todos os ritos proporcionados pelos grupos de referência, como meios ou estratégias para manter a coesão, o sentido de pertença, de continuidade, de tradição familiar.

Então, o “beber” seria um hábito, uma norma, a reação de todos os homens incorporada em cada sujeito, correspondente ao “mim social”, embora pressuponha algumas condições que os jovens manifestam claramente.

Segundo eles, no ato de “beber” há de se demonstrar a masculinidade no sentido amplo, ou seja, beber com moderação sem perder o controle, saber manifestar sua vontade (o Eu consciente) sem deixar-se influenciar pelos outros quando insistem em que “beba” com eles.

Para a maioria dos jovens, ser homem é ser responsável, ter palavra e fazer valer sua vontade, portanto, no ato de beber tais qualidades devem ser mantidas.

Para alguns jovens, os comportamentos de “beber”, fumar e ser conquistador não são manifestações de homem, segundo os mesmos o critério mais consistente na definição do homem é a responsabilidade. Estes adolescentes mostram um grau elevado de reação (Eu) perante o sistema do qual fazem parte (“mim organizado”), introduzindo elementos de novidade que, em sendo mantidos, provocarão mudanças no sistema de relações sociais em que estão inseridos.

A figura do “macho” como já foi referido, é para a maioria dos participantes um homem grosseiro, arrogante, que humilha os outros particularmente a mulher, discriminando-a ou tirando-lhe o direito de expressar-se, inclusive, através do uso de violência física, evidenciando a idéia de que “o homem manda e a mulher obedece”.

Para os jovens, o homem macho que “bebe”, transforma seu comportamento quando sob o efeito do álcool, acentua sua arrogância frente aos demais, procura brigas, ressalta ainda mais suas conquistas amorosas, desvaloriza e maltrata a mulher e além disso, expõe-se ao ridículo frente aos amigos. Portanto, eles não aprovam tal comportamento, enfatizando que o “beber” nessa condição, traz “infelicidade para o homem e sua família”, sobretudo quando no seu meio, há indicações sobre quem bebe e usa drogas como sendo homens que batem na mulher e não trabalham.

Os jovens homens e “machos” e sua relação com o beber

Os adolescentes fazem distinção entre os comportamentos de homens e mulheres. Para eles o padrão de comportamento característico do homem, implica em: enfrentar o desafio de luta, senão duvidariam da masculinidade, tratar-se entre eles com rudeza e mostrar-se grosseiro, para que o meio veja que são homens. A força, a imposição ante os outros, como condições para obter o respeito dos outros, por isso seus jogos são rudes.

Durante toda a infância, o sinal de virilidade no homem mexicano é “o valor” (coragem) até a temeridade, a agressividade, a aspereza e o não se acovardar. Porém, tanto o menino como a menina devem ser obedientes em relação à família. Paradoxalmente, um pai pode sentir orgulho do filho que não foge de uma briga de rua, porém em casa aplicar-lhe um severo castigo por desobedece-lo em suas ordens de afastar-se das brigas de rua. Significando que o menino deve ser “macho”, mas não tanto como o seu pai (Diaz, 2003).

Enquanto aos jogos infantis propostos pelo meio social para o menino destacam-se o jogo com “carrinhos”, “cavalinhos”, sendo severamente desaprovada toda a demonstração feminina, nisso participa toda a família (irmãos, tios e até a mãe). A menina por sua vez, deve crescer desenvolvendo sua feminilidade e destinar-se ao lar, à maternidade. Assim, na sua infância, ela se diverte com bonecas, brincando de “casinha” e desde cedo começa a ajudar a mãe nos trabalhos domésticos.

Assim, para os jovens do estudo, “o farrear”, “beber com os amigos” é uma prerrogativa deles como homens que são. Mas o “beber” na adolescência não é bem visto pela sociedade, portanto, caso o façam eles devem “ter caráter” (“para não se perderem” e “manter o controle”).

Sobre o “beber” entre as mulheres, os jovens reproduzem as crenças e valores do meio, pois censuram de maneira evidente esse comportamento, embora o hábito de “beber” entre o sexo feminino esteja se tornando mais freqüente nas festas.

Segundo os participantes do estudo, a sociedade está acostumada a ver o homem “bebendo” e vê com maus olhos esse comportamento na mulher pois o ato de “beber” exige responsabilidade e a mulher, sendo mais fraca física e emocionalmente não preenche esse critério.

A estrutura da família mexicana fundamenta-se em duas proposições principais: a supremacia indiscutível do pai e o necessário e absoluto sacrifício da mãe, estes pressupostos fundamentais da família parecem derivar de orientações valorativas existenciais implicadas na cultura ou de diretrizes socioculturais generalizadas enraizadas na superioridade biológica do homem (Diaz, 2003).

Esta perspectiva não aceita uma figura independente a ponto de “beber” por sua própria iniciativa ou mostrar um papel mais ativo na situação de cortejar, pois conforme mostraram algumas falas de adolescentes, isso compete ao homem.

Os jovens do estudo encontram-se inseridos num contexto social onde estão verificando-se algumas mudanças nos papéis tradicionalmente delegados a ambos sexos e em algum nível, reagem contra valores e crenças desse meio, atribuindo novos significados fundamentando-se nas situações que vivenciam, entretanto, também mantém certos padrões culturais por não poderem se distanciar deles ainda, pois estão muito enraizados na identidade do homem.

Embora alguns tenham demonstrado sua capacidade de ruptura com o sistema e uma grande autonomia de pensamento, quando identificam o machismo como um fenômeno presente na sociedade e que este somente terminará quando os homens adquiram

níveis mais elevados de maturidade emocional e não sintam que a independência da mulher é uma ameaça à sua identidade de homem.

Essa nova maneira de interpretar um fenômeno social complexo como o machismo, seguramente, é consequência da convivência com tipos e formas familiares “divergentes” do modelo tradicional de família.

Para Gonzalez (1997) existem outros tipos e “arranjos” familiares com diferentes relações e outras práticas cotidianas de viver em família. Os lares ampliados e extensos, os lares encabeçados por mulheres, os de tipo unipessoal lares que se afastam do modelo tradicional, que estão em processo de aumento e que derivam do rompimento de uma unidade familiar nuclear. Para o autor, essas formas devem ser percebidas e entendidas como parte da complexa configuração que atualmente as famílias assumem no México e no mundo ocidental.

As repercussões destas mudanças tornam-se mais visíveis nas falas dos jovens quando informam sobre as atividades que eles e seus pais realizam no presente momento, tema esse discutido na seqüência.

Os papéis na família no contexto real

Nas declarações dos adolescentes participantes deste estudo não se obtiveram dados muito concretos a respeito do trabalho dos pais, pois se mostraram muito lacônicos sobre as atividades laborais que os mesmos realizavam (no caso do pai estar presente no núcleo familiar).

Sobre a mãe os dados evidenciaram que quase metade delas dividiu a tarefa de manter financeiramente a casa com o marido, através do exercício de atividades laborais

propriamente ditas. Mesmo no grupo de donas de casa, houve indícios de que poderiam estar realizando atividades remuneradas (cuidar de familiares).

Segundo as estatísticas do INEGI (2004) relativas à emprego, a maioria da força de trabalho no México, ainda está concentrada nos homens, embora observe-se uma aproximação evidente das mulheres. Em 1970, entre a população economicamente ativa a participação feminina, era de 50% e a masculina também de 50%; em 1980, 54% era a porcentagem de emprego entre os homens enquanto entre as mulheres era de 46%, houve portanto, um ligeiro decréscimo na participação destas.

Entretanto, em 1990, observou-se um aumento na participação feminina chegando a alcançar 76%. Em fins da década de 2000 houve uma elevação no desemprego de ambos sexos, sendo de 64% entre a população feminina. Para o ano de 2004, esse mesmo instituto tem registrado um desemprego de aproximadamente, 5,4% para os homens e 4% para as mulheres.

México, no momento (2004) apresenta o maior nível de desemprego geral dos últimos sete anos, com 5,43% da população economicamente ativa desempregada, considerando que o INEGI inclui nos seus dados qualquer indivíduo que tenha exercido atividade laboral, durante uma hora por semana na condição de não desempregado. Isso é uma evidência do panorama difícil enfrentado pela população e para o seu futuro desenvolvimento.

Tais dados, provavelmente, justificam a resistência dos jovens em aprofundar-se nas informações sobre o trabalho do pai. Também explicam a participação do pai e do filho nos trabalhos domésticos.

Dada a situação econômica no país (México), a sociedade necessitou reajustar seus valores em relação aos papéis sociais de ambos sexos. O homem de provedor e mantenedor do lar, atualmente precisou compartilhar essa tarefa com a mulher, por sua vez,

esta passou a ter dupla jornada de trabalho (no lar e fora de casa), por isso os homens, a exemplo de alguns pais dos jovens, estão ajudando as mulheres nas tarefas domésticas.

Parece que a divisão social do trabalho entre provedor e dona de casa está perdendo sua base de legitimação cultural, pois enfrenta novos desafios como o desemprego e os baixos salários. A sobrevivência do grupo familiar está solicitando a aparição de novas formas de relações sociais construídas com base nos significados dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres na realidade atual.

Em relação a isso, Ramirez (1993) afirma estar ocorrendo entre os homens jovens e outros não tão jovens, maneiras de ser diferentes das manifestadas pelos seus pais, seja por escolha própria, seja porque não tiveram opção, como é o caso daqueles homens atualmente desempregados e que foram “obrigado”, pela situação socioeconômica a realizar tarefas domésticas e a cuidar dos filhos.

De certa forma, as falas dos jovens participantes da investigação refletem estas mudanças, já que a maioria deles ajuda a mãe, de maneira mais ou menos constante, executando tarefas interpretadas pela sociedade como femininas.

Evidencia-se nas suas declarações que está havendo algum nível de afrontamento aos grupos de referência da parte de pais e jovens, quando assumem atividades realizadas pela mulher no âmbito doméstico, expondo-se a repressões e aos efeitos da contrariedade do grupo de pares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta investigação, mostrou-se evidente a relação do uso de bebidas alcoólicas e a masculinidade entre o grupo de adolescentes participantes.

O beber está presente na identidade masculina como uma forma de sua expressão. Sendo que em alguns casos, tal hábito foi reforçado desde tenra idade pelo grupo de referência primária (família), e é mantido, mas tarde, pelo grupo de pares (amigos).

O interagir com os outros em reuniões, festas ou para beber, se estabelece como uma prática cultural na qual o consumo de álcool se insere como um elemento facilitador da interação nesses espaços, nos quais se busca o reconhecimento social. É assim, que o compartilhar com os outros, nos espaços de interação social, permite estabelecer que os sentidos e significados associados ao consumo se relacionem com a experiência grupal outorgada pela família e pelo grupo de pares, reforçada ainda pelos meios de comunicação.

Entendendo que o ser humano atua em direção às coisas com base no sentido que o consumo ou “beber” tem para ele, esse sentido se desenvolve através da interação social que o indivíduo tem com aqueles que o rodeiam, e tais sentidos são guiados e modificados por meio de um processo interpretativo realizado pela pessoa em relação às coisas que ela enfrenta.

Por isso, os jovens foram capazes de interpretar o homem em duas categorias, de acordo com as várias formas de expressar a masculinidade encontradas no entorno, selecionando aquelas que tinham sentido para eles.

A figura do homem e do macho: O homem pensa, sendo capaz de evoluir em seus conceitos e superar os ensinamentos e crenças que recebeu de seu meio, criando novas possibilidades; o macho é impulsivo e sem controle, os jovens resgatam os valores e

atributos positivos que o meio inclui ao ser masculino, porém agregam as novas demandas impostas pela modernidade.

Como fator de risco do consumo de álcool, além do reforço dos grupos, destaca-se o aspecto do beber como um privilégio do homem e uma de suas formas de diversão, bem como uma maneira de estabelecer ou manter interações sociais com os outros de seu entorno (amigos), devendo-se ainda destacar a liberdade que o meio lhes outorga pelo mero fato de serem homens.

Aspecto bastante preocupante é o caso do jovem que experimenta alguma droga ou não controla seu beber, pois estes seriam os indicadores de que teria defraudado as expectativas do entorno em relação a ele e as conseqüências disso poderiam ser a exclusão.

O fator protetor se encontra no núcleo da identidade masculina, nas mesmas expectativas que a sociedade tem em relação ao jovem, particularmente no ser responsável e ter controle sobre seu comportamento.

O consumo de álcool também está implicado como diversão prazerosa, na qual o “passa-lo bem” constitui a orientação primordial sobre as quais se sustentam as diversas práticas da juventude.

Nesse sentido, a formação dessa atitude está dada, por um lado, pelo fato de recair sobre o sujeito a responsabilidade do consumo, baseando-a principalmente no sentido de liberdade que valida a opção pessoal da toma de decisões e de alguma maneira é um fator protetor eles comentarem que o homem deve controlar suas emoções, não perder o controle, ser responsável por seus atos e que alguns pais não lhes permitam o consumo, mesmo que em alguns casos perceba-se uma contrariedade pela atitude dos adultos de beber e ao mesmo tempo proibir os adolescentes de fazê-lo.

Assim o entorno põem em manifesto as contradições, conflitos e exigências dos distintos setores que compõem a realidade e portanto o adolescente vai apreendendo a viver dentro de uma sociedade de contradições políticas, econômicas e sociais.

Nas expressões dos adolescentes pode-se perceber que eles estão notando uma mudança cultural, especialmente nos papéis sociais, embora possa-se dizer que não se trata de um processo generalizado, ele está imerso no seu entorno e na sociedade, na qual existem transformações parciais que pouco a pouco modificam seus imaginários agregados e dão conta de uma mudança cultural, que marca novas pautas de interação em sua vida cotidiana. Isto é, uma mudança compartilhada por uma coletividade que sem necessidade de ser experimentada individualmente, se incorpora a estrutura de valores culturais compartilhados socialmente e que, portanto, influi em suas práticas sociais e percepções do mundo.

Entretanto as mudanças em relação aos símbolos que identificam a mulher parecem não ser tão grandes, mesmo que a realidade demonstre modificações consistentes, um exemplo disso é a censura do beber das mulheres, mal visto pela sociedade e pelos jovens deste estudo, confirmando assim, seu apego a valores e crenças do entorno. Do ponto de vista do tratamento e reabilitação das mulheres alcoólatras, isso pode ser um obstáculo importante na busca de ajuda.

Enfim algo que seria conveniente fomentar é a existência de indivíduos reflexivos, conscientes de si, para mudar a visão que tem da deficiência da mulher, formando valores como a tolerância, que é a aceitação da diferença e a negativa a atribuição de critérios de autoridade contra a mulher, visualizando assim a igualdade. Isso demanda a criação de normas familiares consensuadas e a delimitação das responsabilidades, bem como o reconhecimento dos direitos de todos, é uma forma de ensinar aos jovens a não menosprezar a mulher e a gerar a igualdade dos gêneros, e também aceitar que qualquer pessoa, em alguma

etapa da vida, pode encontrar-se em uma condição de vulnerabilidade aos vícios, ou ainda, enfrentar esse problema em seu entorno.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ABELLO, R.; MADARIAGA, C.; SIERRA, O. Relaciones entre pertinencias, redes sociales y dinámica familiar de mujeres trabajadoras en condiciones de pobreza. *Psicología desde el Caribe* No. 1. Barranquilla: Ediciones Uninorte, 1998.

ARÉS, M.L. El proceso de socialización y los roles en la familia: Teoría y metodología para la intervención en familias. San José: Universidad Nacional de Costa Rica, 1995 Pág.32-5.

ARCE, M. L. El proceso de socialización y los roles en la familia: Teoría y metodología para la intervención en familias. San José, Universidad Nacional de Costa Rica, v. 5, p.32-5. 1995.

ARIZA, M.; GONZÁLEZ, M.; ORLANDINA, O. "Características, estrategias y dinámicas familiares en México, América Central y el Caribe", documento preparado para la UNESCO. Presentación en México, 5ª reunión, 1995.

BABOR, TF.; HOFMAN M.; DELBOCA FK. et al. Types of alcoholics: Evidence for an empirically derived typology based on indicators of vulnerability and severity. New York: Arch Gen Psychiatry, 1992.

BECK, F.K. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-III-R). American Psychiatric Association, Washington, D.C. v. 32. 1987.

BLUMER, H. Symbolic Interactionism: Perspective and Method. London: Prentice may, 1969.

BERENZON, L.. Adolescents integral Health: a conceptual and epidemiological framework, Paho, who program, for adolescents integral health, Caracas, Venezuela. 1994.

BRANT, D. CARVALHO M. et. Al. A familia contemporanea em debate. São Paulo: 3ª edição, Editora Cortez, 2000.

BRUNER, E. M. "Experience and its expressions": The anthropology of experience, University of Illinois Press, 1990.

BURÍN, M.; MELER I. Varones, genero y subjetividad masculina. Buenos Aires, Argentina: Editorial Paidós, 2000.

CARLINI, E.A.; COTRIM, B.H.; SILVA-FILHO, A. Sugestões para programa de prevenção de uso de drogas no Brasil, CEBRID, São Paulo. 2001.

CLIFFORD G. La interpretación de las culturas. Barcelona: Gedisa. 1994.

COLOM, A. Identidad cultural y proyectos supranacionales de organización social: en Educación Intercultural en la Perspectiva de la Europa Unida. Salamanca: Sociedad Española de Pedagogía, 1992.

CONNELL, R.W. "Masculinities", New York: Ed.University of California Press, 1995.

COOLEY, C.H. Human Nature and the Social Order, New York: Charles Scribner's Sons. New ver. 1999.

CORDEIRO, R.;CAMARGO, M.R. Homicídios masculinos Na região Metropolitana,SP. Ver. Saúde Pública,RJ. V.17.n.5. 2001

CRAIG, H. Desarrollo emocional. México: Editorial Grijalbo, 1997.

CRIQUILLION, A. La cuestión masculina: ¿Otro problema femenino? Suplemento Vamos de Compras. Diario Prensa Libre. Guatemala: 1994. Originalmente. Publicado en la revista Mujer/Fempres. Chile.

DE MICHELI, D.; FORMIGONI, ML. As razões para o primeiro uso de drogas e as circunstâncias familiares, prevenção nos padrões de uso futuro. Jornal Brasileiro de dependência Química, v. 2. n.1. p. 20-30. 2001.

DE SOUZA, M.C. Complejidad de relaciones entre drogas, alcohol y violencia. Rev. Saúde Pública, v.30. n.3. p 285-93, 1991.

DÍAZ, G. R. Psicología del Mexicano: Descubrimiento de la Etnopsicología, México: Editorial Trillas, 2003.

DÍAZ, G. R. Bajo las garras de la cultura: Psicología del Mexicano 2, México: Editorial Trillas, 2003.

ENCUESTA NACIONAL DE ADICCIONES, (ENA-1993). México, D.F. Secretaría de Salud-Dirección General de Epidemiología, Publicación 1994.

ENCUESTA NACIONAL DE ADICCIONES, (ENA-1998). Alcohol. México: Secretaría de Salud-Dirección General de Epidemiología/Instituto Mexicano de Psiquiatría, Publicación 2001.

FUENTE, DL.M. R. et. Al. Salud mental en México. México, D.F.: Instituto Mexicano de Psiquiatría/Fondo de Cultura Económica, 1997.

GILMORE, D. "Manhood in the Making", New York: Ed. Yale, 1990.

GILMORE, D. D. Hacerse hombre: concepciones culturales de la masculinidad. Barcelona: Paidós. 1994

GONZÁLEZ, L. La comunicación humana como interacción simbólica, México: publicado en la Revista Eleutheria , v.1, 1998.

GONZÁLEZ, R F. Epistemología cualitativa y subjetividad, São Paulo: Editorial. Educ. 1997.

HAGUETTE, M.F. Metodologías Cualitativas na sociología. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1987. p. 25– 47.

HERRERA, SP. Familia funcional y disfuncional: un indicador de salud. La Habana, Rev. Cubana Med Gen Integr, v.13. n.6. p.591-5. 1997.

IBARRA L. Educar en la Escuela, Educar en la Familia: Realidad o Utopía. Departamento de Publicaciones, Fac. de Ciencias Psicológicas, Univ. Guayaquil Ecuador. v. 33, 2002.

INEGI. (Instituto Nacional de Geografía Estadística e Informática) Tabulados Básicos. Estados Unidos Mexicanos. XII Censo General de Población y Vivienda. 2000. Aspectos sociodemográficos de Querétaro de Arteaga. México: Año de publicación, 2001.

INSTITUTO NACIONAL DE PSIQUIATRÍA, Gobierno del Estado de Querétaro, Encuesta de alcohol, tabaco y drogas en estudiantes de Educación Media y Media Superior, Pub. INPS, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE PSIQUIATRÍA, Encuesta Nacional de Juventud. 1997; Resultados Preliminares.

JUAREZ, A. et al. Consecuencias comunitarias del consumo del alcohol: Las adicciones: dimensión, impacto y perspectivas. México, D.F.: Manual Moderno, 1994.

KIMMEL, M.D. Factor de riesgo en la adolescencia. Boletín Bibliográfico Programa de Atención Integral de la Adolescente, n. 1, v. 1. p. 1-22. 1992.

KIMMEL, M.D. La producción teórica sobre la masculinidad: nuevos aportes, EUA: Meridian Book,.1992.

KJEIZER, B. Masculinite as a risk Factor, seminar on fertility and male life cycle in the era of fertility decline IVSSP, Zacatecas, México: Fondo de Cultura Económica. 1995.

KRIPPENDORFF, K. Metodología de análisis de contenido: Teoría y práctica, Barcelona: Piados, 1990.

LÜDKE, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Ed. E.P.U. 1986.

MADÉLINE L.D . La violencia en los medios de comunicación. Caracas: Grupo Editorial Norma, 1999.

MAGALHAES, M. O narcotráfico. S. P. Brasil: Publifolha :Folha explicativa, Ed. Haber 2000.

MARTIN, C. Os limites da proteção da família. Revista de Ciências Sociais. São Paulo, Coimbra; no. 42, Maio. 1995.

MARTÍNEZ, M. M. La investigación cualitativa etnográfica en educación: manual teórico-práctico, México: Editorial Trillas, 2002.

MARTÍNEZ, M. M. Ciencia y arte en la metodología cualitativa, México: Editorial Trillas, , 2004.

- MEAD, G. H, *Mind Self and Society*. Chicago: University of Chicago Press. 1973.
- MELLO, C.A sugestões para programa de prevenção de uso de drogas no Brasil São saúde e assistência Médica no Brasil, fatores de risco em sexo masculino, RJ: CEBES- HUICTEC. 1988.
- MILES, M.; HUBERMAN, A. *Qualitative data analysis: and expanden sour cebook*: Newbury Park, CA. Sage. 1994.
- MINAYO, M.C. de S.& SOUZA, E.R.de (orgs.) *Violencia sob o olhar da saúde. A infrapolítica da contemporaneidade brasileira*, Rio de Janeiro:Editora Fiocruz, 2003. 284p.
- MOLINA, M.;TAPIA, R.; VILLATORO, J. et al. *Patterns of alcohol use in Mexican urban population: results from a National Survey*. Trabajo presentado en la 17 di Annual Alcohol Epidemiology Symposium,. Sigtuna, Sweden, 1999.
- MONTESINOS, R. *Cambio cultural y crisis en la identidad masculina*. Revista El Cotidiano, México, v. 68, n. 12. marzo-abril. 1995.
- MOREIRA, AD. *O Método Fenomenológico na Pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.
- ONG, L.; M. E. Valenz y M. Palleck. *Equidad de género en el mundo del trabajo en América Latina. Avances y desafíos cinco años después de Beijing*, Rev. Unión v.1 n.1p. 12. Concepción C. 1989
- RAMÍREZ, RL *Dime capitán: reflexiones sobre la masculinidad*. Ediciones Huracán, Puerto Rico. 1993.
- RAMÍREZ, C. *Integración familiar*, Editorial Pirámide. México,1993.
- REMPLEIN, C. *Integración familiar*, México: Editorial Pirámide, 1971.
- RODRÍGUEZ, G. et al. *Metodología de la investigación cualitativa*. Granada, España: Editorial. Aljibe, 1999.
- ROMANELLI, G. *Familias de camadas medias: A trajetoria da Modernidade*. [Diseertação de Dotorado]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1986.
- RUTTER, B. *Masculinite as a risk Factor, Resiliencie some conceptual and male life cicle in the era of fertility decline IVSSP*, Washington D.C. 1995.
- SECRETARÍA DE EDUCACIÓN PÚBLICA, Instituto Mexicano de la Juventud, Centro de Investigaciones y Estudios sobre Juventud, México. 2000.

SANDER, L. The regulation of exchange in the infant-caretaker system and some aspects of the context-content relationship. In: *Interaction, Conversation, and the Development of Language*, ed. M. Lewis, & L. Rosenblum. New York: Editorial Wiley, 1977.

SCIVOLETO, S.; DE ANDRADE A. Características sociodemográficas e fatores preditivos no tratamento de adolescentes usuarios de drogas. São Paulo: J. Bras. Dep. Quím., v.2, n.1, p. 9-19. 2001.

SHIBUTANI, T. 'Reference Groups as Perspectives'. *American Journal of Sociology*. v.60, p. 562-69. 1955.

SOUZA, E.R.;MINAYO, M. Impacto da violência social Na saúde pública no Brasil. SP. : Editorial Huicetec. 1991.

VALLES, M. Técnicas cualitativas de Intervención Social: Reflexión, metodología y práctica profesional. Madrid: Editorial Síntesis S.A, 1997.

ZAGURY, T. O adolescente por ele mesmo. Rio de Janeiro, Sao Paulo, Brasil: 11ª edição Editora Record, 2000.

CONSULTADAS

ALEXANDER, JC. Sociología cultural: Formas de clasificación en las sociedades complejas. Barcelona: Anthropos, 2001

ARÉS, M.L. El proceso de socialización y los roles en la familia: Teoría y metodología para la intervención en familias: San José Universidad Nacional de Costa Rica, 1995.

CLIFFORD, J.G "Sobre la autoridad etnográfica": El surgimiento de la antropología posmoderna, Barcelona/México: Gedisa, 1991.

EPIFANIA R de C. vivências e percepções da equipe de enfermagem sobre a sua situação de trabalho em uma unidade de internação para pacientes ortopédicos. [Diseertação de Mestrado]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/ USP; 1998.

FISHER, B.; STRAUSS, A. The Chicago Tradition and Social Change: Thomas Park and their successors, *Symbolic Interaction*. Vol 1, n.2 p. 5-21. 1978.

GELLNER, E. Cultura, identidad y política. El nacionalismo y los nuevos cambios sociales. Barcelona: Gedisa, 1989.

GIDDENS, A.La constitución de la sociedad. Bases para la teoría de la estructuración. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.

GIDDENS, A. Consecuencias de la modernidad. Madrid: Alianza, 1997.

GIDDENS, A. La transformación de la intimidad. Sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas. Madrid: Cátedra, 1995.

LUIS VM. Uma situação de trabalho conturbada ou enfermeiro, a identidade negada. [Dissertação de Doutorado]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/ USP; 1991.

MORRIONE, T.J. and Farberman Conversations with Herbert Blumer: Symbolic Interaction. V. 42 p. 273-295. 1981.

MICALL, G. J.; SIMMONS, J. L. Identities and Interactions. New York: Free Press. 1966.

SOLACHE A.G. Encuesta Nacional de Salud: El consumo de bebidas alcohólicas. Rev.Salud Mental, México, v.13, n.3, p.13-19. 1990.

UNRUH, D. R. 'The Social Organisation of Older People: A Social World Perspective'. Studies in Symbolic Interaction, v.3, n. 1, p.147-170. 1980.

YU, J.; WILLIFORD, W.R. The age of alcohol onset and alcohol, cigarette and marijuana use patterns: An analysis of drug progression of young adults in: Int J Addictions New York State,; v.27. n.11, p. 1313-1323. 1992

ZAGO, N. Realidades sociais e escolares e dinamica familiar nos meios populares. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, Paidéia cuadernos de psicologia e educação, v. 8. n. 14-15. JSS p. 103,1998.

ANEXOS

ANEXO A

Guia de observação não participativa

Objetivo:

O objetivo planejado para esta etapa foi a observação, registro e análise do comportamento no contexto social da escola.

- 1- Distinguir claramente entre o que se observa ou escuta
- 2- Registrar o observado a um nível descritivo.
- 3- Ações que os jovens realizam durante as horas de intervalo

Formas de comunicação

Interação com seus colegas de classe

Jogos

Forma e expressão

ANEXO B - QUESTIONÁRIO

Titulo do projeto: Investigação sobre a masculinidade

Prezado aluno

Realiza-se um trabalho de investigação com alunos do segundo semestre do ensino médio (colegial), com o objetivo de identificar as concepções sobre a imagem masculina.

A participação não exige qualquer identificação, unicamente deve-se responder o que opina sobre esta temática. Portanto solicita-se que responda às seguintes questões. A informação prestada voluntariamente será trabalhada de maneira confidencial e servirá para mostrar alguns valores relativos à masculinidade.

Espero contar com sua confiança e agradeço sua atenção, ponho-me ao seu dispor para qualquer esclarecimento adicional.

Atentamente

Aurora Zamora Mendoza

Titulo do projeto: Investigação sobre masculinidade

Semestre que esta cursando _____

Por favor responda as seguintes perguntas de opinião.

- 1.- Pensa que há vantagens em ser homem. SIM NÃO Porque.
- 2.- Qual é a sua opinião sobre ser um homem macho
- 3.- No que você se apóia para pensar dessa maneira
- 4.- Em sua opinião como se pode demonstrar para a sociedade e os grupos que o cercam o ser homem
- 5.- Quais são as atitudes que com mais freqüência demonstram o ser homem.

ANEXO C - PERGUNTAS NORTEADORAS DA ENTREVISTA.

Guia para conduzir a entrevista:

O guia da entrevista se compõe de três perguntas com o propósito de obter as opiniões e percepções dos adolescentes sobre o tema da investigação:

1.- Percepções da masculinidade

Quando se fala de masculinidade o que lhe vem a cabeça?

Pode falar mais sobre isso?

2.- Acredita que há formas determinadas para os homens manifestarem sua masculinidade?

Como chegou a essa idéia?

3.- Sobre o que me disse, acredita que há formas de manifestar a masculinidade ou o ser homem?.

Como chegou a essa conclusão?

ANEXO D - FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO

O formulário de consentimento foi apresentado aos pais e participantes.

- 1.- Propósito do estudo
- 2.- O que significará a participação no estudo
- 3.- Como se manterá o sigilo
- 4.- O direito a recusa da participação sem prejudicar sua relação com a instituição
- 5.- Direito a recusa de responder perguntas específicas durante a entrevista.
- 6.- Direito de interromper sua participação em qualquer momento.

A garantia de que as pessoas serão tratadas de forma ética, respeitando suas decisões, assegurando seu bem-estar, sem riscos para sua integridade pessoal, sobretudo no caso das pessoas mais vulneráveis.

Declaro assim, que a relevância social desta investigação é minimizar os danos aos adolescentes, sustentando a garantia de considerações e de interesses para os participantes, sem perder o sentido humanitário que se sustenta nesta investigação e com um trato justo e equitativo.

ANEXO E SOLICITUDE DE AUTORIZAÇÃO

Diretor da escola de nível medio de Querétaro.

P R E S E N T E

Por meio da presente, lhe saúdo e solicito sua autorização e colaboração para levar a cabo uma investigação aplicada aos adolescentes de 15 anos, inscritos no segundo semestre, dessa Escola, cuja finalidade é conhecer o que pensam os adolescentes sobre a masculinidade e sua associação ao uso do álcool. Propondo-se a descrever de que forma os adolescentes constróem sua masculinidade no cenário sociocultural. A participação será mediante observação não participativa, a resposta de um questionário e de perguntas em uma entrevista, que se realizará de maneira individual, nesta escola no horário das classes.

Para facilitar a participação e se não houver inconvenientes, gostaria que fosse agendada uma reunião com os pais dos alunos (em horário e data que o senhor indique), para explicar os objetivos da pesquisa e solicitar seu consentimento para a colaboração dos alunos.

Como professora da Universidade Autônoma do Querétaro, pertencente à Faculdade de Enfermagem, estou realizando estudos de Doutorado na Universidade de São Paulo, na Escola de enfermagem de Ribeirão Preto, Brasil, e muito lhe agradeceria por seu apoio para levar a cabo esta investigação em sua escola.

Agradecendo de antemão sua atenção e as facilidades para o desenvolvimento das atividades programadas.

Atenciosamente.

M. C. Aurora Zamora Mendoza.

Responsável pela investigação

ANEXO F Consentimento dos pais para participar da investigação.

Senhores pais de Família / tutores /Alumnos.

Como professora da Universidade Autônoma do Querétaro, pertencente à Faculdade de Enfermagem, estou realizando estudos de Doutorado na Universidade de São Paulo, na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Brasil. Peço sua atenção para solicitar sua autorização para que seus filhos possam participar da investigação que pretendo realizar entre os alunos adolescentes com 15 anos de idade matriculados nesta escola, que tem como objetivo conhecer o que seus filhos pensam sobre a masculinidade e a associação ao uso do álcool; propondo-se descrever de que forma os adolescentes constroem sua masculinidade no cenário sociocultural, para isso se efetuará uma observação não participativa, caso seu filho esteja de acordo em participar, sua participação se dará mediante um questionário e a resposta de perguntas em uma entrevista, realizada de maneira individual, nesta escola e no horário das aulas. Caso o jovem não queira participar, não há qualquer problema. Não se revelarão os nomes, a informação será confidencial e só se utilizarão os dados na investigação que puderem ser publicados e/ou apresentados em eventos científicos.

Oferecemos a garantia de que os jovens serão tratados de forma ética, respeitando suas decisões, assegurando seu bem-estar, sem riscos para sua integridade pessoal, tanto física como moral.

Sua colaboração é de extrema relevância para o desenvolvimento desta investigação, assim é caso esteja de acordo, pedimos que fale com seu filho e se decidir permitir sua participação, por favor entregue esta carta na coordenação da escola para anotá-lo na lista de participantes. Já que se necessita da autorização da direção e coordenação da escola.

Agradecemos de antemão sua atenção

Aurora Zamora Mendoza

Responsável pela investigação

Em caso de maiores informes estamos ao seu dispor no correio eletrônico e no telefone.
auzame19@hotmail.com Tel. 2 16-38-57

Nome e assinatura do aluno: _____

Assinatura de consentimento do pai, mãe ou Tutor. _____